

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO

DANIELE FERNANDA TORRENTE MARTINELI

Outra narrativa para a ditadura militar: análise do documentário “1964: o Brasil entre armas e livros”

São Paulo
2020

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO

Outra narrativa para a ditadura militar: análise do documentário “1964: o Brasil entre armas e livros”

Daniele Fernanda Torrente Martineli

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do título
de Especialista em Mídia, Informação e Cultura

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Nunomura

São Paulo
2020

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Eduardo Nunomura pelo apoio, pelas críticas construtivas e sugestões nesse processo de aprendizado.

A Universidade de São Paulo em especial ao Centro de Estudos Latino-americanos sobre Cultura e Comunicação (CELACC) pela acolhida ao meu retorno à academia.

Aos professores Dennis de Oliveira, Vinícius Romanini, Issaff Karhawi, Fabiana do Amaral e Silva, Emerson Nascimento, Juliana Oliveria, Alexandre Barbosa e Ricardo Alexino pelos sábados de aprendizado e importantes reflexões.

Aos colegas de turma do curso Mídia, Informação e Cultura pela contribuição ao enriquecimento dos debates.

Ao Well, a Leticia e a Jay pela companhia nos almoços na padaria.

Aos funcionários do CECLACC João e Maira pela presteza e gentileza de sempre.

Ao jornalista Fabio Zanini pela generosidade em doar parte do seu tempo e dividir seu conhecimento no início dessa pesquisa.

Aos meus pais por terem colocado os estudos dos filhos como prioridade.

A minha irmã Letícia e meu sobrinho Pedro por terem dedicado um tempo para ler e opinar sobre esse artigo.

A Erika por segurar as pontas no trabalho quando precisei me dedicar mais a essa pesquisa.

Ao meu marido Fabio pelo suporte.

A minha filha Marina pela companhia sonolenta em tantas madrugadas, desculpe pelas ausências e obrigada pelas alegrias e por me inspirar em seguir adiante.

OUTRA NARRATIVA PARA A DITADURA MILITAR BRASILEIRA: ANÁLISE DO DOCUMENTÁRIO “1964: O BRASIL ENTRE ARMAS E LIVROS”¹

Daniele Fernanda Torrente Martineli²

Resumo: O documentário “1964: O Brasil entre armas e livros” da produtora Brasil Paralelo traz uma nova narrativa para o período da ditadura militar. Este artigo objetiva analisar, amparado em pressupostos teóricos da Análise de Discurso de Michel Pechêux, como essa narrativa se articula, numa tentativa de estabelecer outra forma de ressignificar essa parte da história brasileira. Visa compreender o funcionamento do discurso, por meio de um dispositivo de interpretação que coloca o dito em relação ao não dito, identificando sua historicidade e indicando o engajamento político e ideológico por trás do conteúdo apresentado no documentário.

Palavras-chave: ditadura militar – revisionismo histórico – ideologia – comunicação – política

Abstract: The documentary “1964: o Brasil entre armas e livros” by Brasil Paralelo company brings a new narrative to the Brazilian military dictatorship period. This article aims to analyze, based on theoretical assumptions of Michel Pechêux’s Discourse Analysis, how the discourse presented articulates trying to establish another way of meaning this part of Brazilian history. It aims to understand the functioning of the discourse, through an interpretation mechanism that consider what is said in relation to what is not said, identifying its historicity and indicating the political and ideological engagement behind the discourse presented in the documentary.

Key words: military dictatorship – historical revisionism – ideology – communication – politics

Resumen: El documental “1964: Brasil entre armas e livros” de la empresa Brasil Paralelo aporta una nueva narrativa al período de la dictadura militar brasileña. Este artículo tiene como objetivo analizar, a partir de los supuestos teóricos del Análisis del discurso de Michel Pechêux, cómo se articula el discurso presentado, en un intento de establecer otra forma de entender esta parte de la historia brasileña. Pretende comprender el funcionamiento del discurso, a través de un dispositivo de interpretación que considera lo que se dice en relación con lo que no se dice, identificando su historicidad e indicando el compromiso político e ideológico detrás del discurso presentado en el documental.

Palabras clave: dictadura militar – revisionismo histórico – ideología – comunicación – política

¹ Trabalho de conclusão de curso apresentado como condição para obtenção do título de Especialista em Mídia, Informação e Cultura

² Pós-graduanda em Mídia, Informação e Cultura

1. INTRODUÇÃO

Os militares nem queriam dar o golpe. O Brasil inteiro estava a favor de 1964. Essa ideia do terror da repressão é muito exagerada. Tinha gente que de vez em quando era presa, porque aprontava alguma confusão, depois era liberada. Nunca teve um movimento de repressão violenta nas universidades.

As afirmações acima foram retiradas do documentário “1964: o Brasil entre armas e livros” da produtora Brasil Paralelo, que reconta a história do período da ditadura militar brasileira. Com mais de duas horas de duração, o documentário, disponível gratuitamente na plataforma Youtube, já foi visualizado por mais de 8 milhões de pessoas.

Esse artigo fará a análise do discurso presente na narrativa do documentário, seguindo os preceitos do filósofo francês Michel Pechêux, para o qual em todo discurso está contida uma formação ideológica que determina as significações presentes na linguagem, sejam elas textual ou imagética.

Na perspectiva discursiva, a linguagem só faz sentido porque se inscreve na história, uma vez que a memória faz parte da produção do sentido. Por isso, para analisar um documentário sobre a ditadura militar, buscaremos entender como se deram as formas de comunicação governamental adotadas no período do regime militar, bem como o papel da mídia no período. Ainda na seção 2, será abordado como se deu o processo de transição para a democracia e como os governos democraticamente eleitos se relacionaram com as lembranças e marcas deixadas pela ditadura.

É a primeira vez desde a democratização que um governo de extrema direita se elege no Brasil, em um momento de intensa polarização. Declarações publicadas nas redes sociais acabam por ficar no centro do debate político. As novas tecnologias proporcionaram um salto exponencial para que a desinformação, muitas vezes baseada em crenças pessoais e emoções de novos atores, tome uma proporção assombrosa, transformando radicalmente o debate político. A seção 3 apresentará esse cenário e demonstrará a popularidade do documentário na plataforma oficial da Brasil Paralelo no Youtube, bem como entre algumas personalidades políticas.

Nas partes finais será apresentada a análise do discurso, na intenção de responder não “o que o discurso trazido pelo documentário quer dizer?”, mas “como esse discurso significa?”, buscando levantar os efeitos de sentido produzidos não só no momento que é dito, mas também antes, identificando sua historicidade e indicando seu engajamento político e ideológico, como defende Pechêux.

2. DO REGIME MILITAR AOS DIAS DE HOJE

Quem viveu a ditadura militar no Brasil deve lembrar dos jingles da época. “Que bonito é...” e “Pra frente Brasil...” certamente já ecoaram em muitas mentes mesmo passados anos do fim do regime. Os governos militares optaram por um tipo de propaganda que tentava fazer uma leitura do país capaz de criar as bases para um auto-reconhecimento social a fim de engendrar um sentimento de otimismo e esperança entre os brasileiros. Em 1968, foi criada a Assessoria Especial de Relações Públicas (AERP), ligada diretamente à Presidência da República. Sua estratégia era fazer propaganda por meio de um discurso indireto. Filmes curtos que exaltavam a coesão familiar, o milagre econômico ou campanhas cívicas eram frequentes na televisão e atuavam em paralelo com outras iniciativas, como o Canal 100³, um cinejornal fundado na década de 1950 e que ganhou força no pós-64, sobretudo por sua forte relação com os governos militares.

Especialistas do setor consideravam os filmes da AERP de alta qualidade justamente porque não pareciam propaganda. Contavam com o apoio técnico e a criatividade das agências de propaganda profissionais. Essa parceria público-privada, muitos anos antes de existir esse termo, influenciou campanhas comerciais. Representantes do governo fizeram um persistente trabalho de convencimento junto às agências de publicidade para harmonizarem as propagandas comerciais com os esforços do governo. Era o chamado “esforço silencioso para criação de um clima” (FICO, 1996, p. 117).

Contribuindo para a criação desse clima favorável, muitos jornalistas brasileiros não se mantiveram distantes desse discurso propagandista. Mesmo antes do golpe de 1964, atores importantes da grande mídia já se articulavam a favor do regime militar. É o que aponta o historiador Aloysio Castelo de Carvalho, ao discorrer sobre a Rede da Democracia – arranjo de três importantes empresas jornalísticas do período (Globo, Jornal do Brasil e Diários Associados) que, por meio de programas radiofônicos, difundiu a ideia da necessidade do golpe militar para depor João Goulart e conter o que chamavam de iminente ameaça comunista.

Uma campanha crescente para combater a possibilidade do comunismo foi estabelecida na grande mídia, recebendo o apoio de parte da população que saiu às ruas em manifestações pelo “salvamento da democracia”. Em março de 1964 centenas de milhares de pessoas formaram a Marcha da Família com Deus pela Liberdade, defendendo a queda do governo de João Goulart - o que de fato aconteceu poucos dias depois.

³ Leia mais sobre o Canal 100 na dissertação “Canal 100: a trajetória de um cinejornal”, de Paulo Roberto de Azevedo Maia. Disponível em <https://bit.ly/3eSwsAB>

Nos primeiros anos da ditadura, havia uma relação estável entre o governo e grande parte da mídia hegemônica. Grandes jornais apoiaram o golpe de 1964 e trabalharam para sua legitimação institucional. “Decerto toda a grande mídia (salvo *Última Hora*) apoiou a intervenção militar, contribuindo para configurar o notável apoio civil conferido ao Golpe de 1964.” (MOTTA, 2013, p.63). Todos os jornais da grande imprensa defendiam que o golpe de 1964 estava ancorado em valores democráticos e liberais, o que fizeram alguns deles se oporem ao governo ao perceberem, principalmente com o AI-5 (Ato Institucional nº 5), uma ameaça aos valores liberais que inclusive ameaçavam a liberdade de imprensa.

A Lei da Anistia, promulgada em 1979, foi o início do processo para uma transição a democracia no Brasil. A reivindicação era antiga, já existia logo após o golpe, quando parte da oposição defendia uma anistia ampla. No entanto, “esta lei foi estabelecida basicamente nos termos almejados pelo governo, que pretendia estabelecer a pacificação e o esquecimento favorável aos integrantes do aparato repressivo, mais do que promover justiça e esclarecimento da verdade a suas vítimas” (KORNER, ASSUMPCÃO, 2009, p.194).

Cinco anos após a sanção da Lei da Anistia, o regime militar chegou ao fim. Isso fez com que os arquivos do Supremo Tribunal Militar (STM) se tornassem acessíveis. Dentre os frutos das pesquisas nesses arquivos está o livro “Brasil: nunca mais”, da Arquidiocese de São Paulo - que relata em detalhes o sistema repressivo e as diferentes formas de tortura. No entanto, a simples publicação dessas informações não permitiu maiores avanços na luta travada pelos desaparecidos e presos políticos. Somente em 1995, no governo de Fernando Henrique Cardoso, foi promulgada a Lei dos Desaparecidos, quando “o Estado brasileiro assumiu a responsabilidade geral pelas violações dos direitos humanos” (MEZAROBBA, 2003, p. 90), indenizando os familiares dos desaparecidos.

Uma década antes, a partir de 1984, a mídia voltou a se destacar na campanha das “Diretas Já”, em defesa da escolha feita pela população para a presidência da República. Mesmo veículos antes reticentes à campanha, como os das Organizações Globo, cederam e reconheceram o clamor social pela redemocratização.

No primeiro governo pós-regime militar, de José Sarney, se deu a elaboração da nova Constituição. “Foram decisivas a mobilização social e a eleição de uma minoria atuante de parlamentares constituintes com origem nos movimentos sindical e popular” (OLIVEIRA e OLIVEIRA, 2011, p. 6) para a promulgação do que ficou conhecida como Constituição Cidadã.

Em 1992, o povo mais uma vez se mobilizou, para apoiar o impeachment do primeiro presidente eleito por voto direto desde o regime militar. Os brasileiros saíram às ruas em

protesto contra Fernando Collor. A mídia se apropriou do movimento dos caras pintadas – movimento estudentil que reivindicava a saída do então presidente – como estratégia comunicativa para uma abordagem simplista e discurso político reduzido (WEBER, 1993).

A espetacularização do debate político por parte da imprensa⁴ também foi evidente nos governos petistas. O escândalo do Mensalão no primeiro mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva foi exaustivamente midiaticizado, se manteve nos noticiários por mais de seis meses. Comparando as matérias publicadas na Revista Veja relativas ao escândalo do Mensalão e, anteriormente, ao escândalo do BNDES durante o governo FHC, ficam evidentes as variações de tratamento dadas aos dois governantes e a parcialidade do veículo (NUNOMURA, 2012).

A partir de 2013, mas principalmente nos anos de 2015 e 2016, milhares de brasileiros saíram às ruas levantando bandeiras difusas, entre elas a luta contra a corrupção. As manifestações tiveram grande cobertura midiática, assim como a operação Lava Jato⁵. A espetacularização da operação pela mídia hegemônica mobilizou a opinião pública com vazamentos seletivos sobre a corrupção no país. Para o historiador Jessé Souza, houve um golpe reacionário das classes dominantes a certa ascensão dos setores populares que ganhavam espaço graças aos programas governamentais dos governos petistas. No processo de impeachment de Dilma Rousseff, a mídia atuou a favor da elite conservadora e o que se viu foi “uma imprensa em conluio com uma repressão antidemocrática e abusiva, em nome da distorção sistemática da desinformação” (SOUZA, 2019, online).

Por quase todo o continente europeu, observa-se a ascensão da extrema-direita, sendo a primeira vez, desde a década de 1930, que ela alcança tamanha influência na política europeia.⁶ A eleição de Donald Trump, nos EUA em 2016, contrariou as pesquisas e com apelo populista e antissistema promoveu uma agenda com pautas conservadoras. Na América do Sul, passamos por uma importante mudança no cenário político – enquanto no início dos anos 2000 tivemos majoritariamente governos progressistas, nos últimos anos temos observado a região acompanhar a tendência mundial ao eleger governos de direita. A eleição do democrata Joe Biden, no pandêmico ano de 2020, pode representar um freio nessa expansão do conservadorismo no mundo.

No Brasil, a eleição de Jair Bolsonaro em 2018 seguiu a emergência de líderes populistas de direita. Bolsonaro tirou proveito do sentimento de descontentamento da população e se

⁴ De acordo com o conceito de “escândalo político midiático” de J. B. Thompson.

⁵ O que foi a Operação Lava Jato em: <https://bit.ly/3ksLLkC>

⁶ Ver mais no artigo “Conservadorismo e extrema-direita na Europa e no Brasil” de Michel Löwi. Disponível em: <https://bit.ly/3eWs4jY>

apresentou como um agente de mudança. Com discurso alinhado à pauta anticorrupção que já se fortalecia desde as manifestações de 2013, quando grupos de direita buscaram tingir as manifestações de um sentimento anticorrupção⁷, o ex-capitão do Exército se anunciou como capaz de transformar a forma de fazer política.

A bandeira anticorrupção tem a vantagem de ser facilmente aceita em todas as camadas da sociedade, cativando simpatizantes independente da classificação social. “O tema da luta contra a corrupção não é específico da extrema-direita, mas tem sido demagogicamente manipulado, com certo sucesso, por setores conservadores” (LÖWY, 2015, p. 652). Para o sociólogo Michel Löwy, uma particularidade da extrema-direita brasileira sem paralelos na Europa é o apelo aos militares. Manifestações populares em defesa de uma intervenção militar no Brasil têm sido crescente nos últimos anos. Jair Bolsonaro, quando já eleito, exaltou o golpe de 1964, tido por ele e seus aliados como um marco para a democracia.⁸

Esse apelo aos militares e até um certo saudosismo em relação ao período da ditadura militar por alguns brasileiros, também é consequência da falta de políticas públicas para a preservação da memória do período nos governos posteriores à redemocratização. Como já citado anteriormente, além da Lei da Anistia, tivemos a Lei dos Desaparecidos durante o governo de FHC. Mesmo indenizando as famílias das vítimas, muitos críticos afirmam que a lei não contribuiu para o resgate da memória do período. Somente 27 anos após o término do regime militar, foi instaurada a Comissão Nacional da Verdade (CNV) no Brasil⁹, depois da condenação sofrida pelo país na Corte Interamericana de Direitos Humanos (CIDH).¹⁰

Embora os sucessivos governos pós-redemocratização tenham contribuído de alguma forma para o resgate da memória do período¹¹, fez-se pouco pela preservação dessa memória junto a população de modo geral. Contribuindo para que fosse possível encontrar entre os brasileiros aqueles que não estranharam (ou mesmo concordaram) quando o atual governo de Jair Bolsonaro propôs um revisionismo histórico com direito à comemoração ao Golpe de 1964,

⁷ Leia mais sobre as manifestações no dossiê “Brasil, junho de 2013 - Classes e ideologias cruzadas”, de André Singer. Disponível em <https://bit.ly/3nkBrNn>

⁸ Matéria da Huffpost Brasil e Correio Braziliense sobre as declarações do presidente Jair Bolsonaro e seu vice sobre a ditadura. Disponível em <https://bit.ly/2R1tZZx> e <https://bit.ly/2Gy4Vah>

⁹ Acesse o site oficial da Comissão Nacional da Verdade para saber mais. Disponível em: <http://cnv.memoriasreveladas.gov.br>

¹⁰ Em 2010, Brasil foi condenado pela CIDH no caso Gomes Lund e outros, no qual se apurou os desaparecidos na Guerrilha do Araguaia.

¹¹ Saiba mais sobre o posicionamento dos presidentes brasileiros que governaram o país desde o fim da ditadura militar referente à memória do golpe de 1964 em <https://bit.ly/2MVykov>

mesmo sendo falsas ou imprecisas todas as declarações do presidente atual desde sua eleição que se referiam à ditadura militar, segundo a agência de checagem Aos Fatos.¹²

Com a internet nasce uma expressiva imprensa independente em uma teia de blogs, perfis de Twitter, páginas da Facebook e canais no Youtube. Por um lado temos políticos, como o presidente Jair Bolsonaro, estabelecendo uma comunicação direta com o público por meio de *lives* semanais e publicações nas redes sociais. Do outro lado, percebemos a mídia hegemônica disputando a opinião pública com os novos influenciadores digitais.

Nesse contexto de acentuada polarização política e ascensão da extrema direita, a partir da próxima seção, buscaremos entender a atuação de um importante formador de opinião no campo da direita: a empresa Brasil Paralelo.

3. A ASCENSÃO DA DIREITA E AS REDES SOCIAIS

Declarações nas redes sociais estão no centro do escopo político do bolsonarismo. Desde a campanha eleitoral, o ainda candidato se recusou a participar dos tradicionais debates entre os presidenciais com a justificativa de se recuperar do atentado a faca. Já no período eleitoral, Bolsonaro usou as redes sociais para falar com sua base e essa foi uma das marcas de sua campanha. O aparente amadorismo de suas publicações angariou apoio de colaboradores espontâneos¹³ e nesse mesmo período vimos crescer a popularidade de influenciadores digitais de direita, que já vinham se fortalecendo desde as manifestações de 2013. Eleito, Bolsonaro em seu Twitter recomendou “algumas opções de excelentes canais de informação no youtube!”, conforme mostra a Figura 1. Entre os indicados, está Bernardo Küster, blogueiro que junto com mais 15 pessoas, foi alvo de buscas e apreensões no inquérito das Fake News.

¹² Aplicando o filtro Ditadura, todas as 25 declarações do presidente desde a sua posse sobre o assunto eram falsas ou imprecisas. Acessado em 07 de setembro de 2020. Disponível em: <https://bit.ly/2DBLr3w>

¹³ Em matéria da Revista Exame, há a relação dos principais empresários que apoiaram a campanha de Jair Bolsonaro. Disponível em: <https://bit.ly/3nflGag>



Figura 1 – print Twitter Jair Bolsonaro de 12 de novembro de 2018.

Em 2019, foi instalada a CPMI das Fake News¹⁴ na Câmara e no Senado brasileiros, com a intenção de apurar o uso de notícias falsas e desinformação, além de assédio e incitação de práticas criminosas na internet durante as eleições de 2018. Indo na mesma direção, em 30 de junho de 2020, o Senado aprovou o projeto de lei 2630/20 (PL das Fake News) que discorre sobre o combate às notícias falsas em redes sociais e serviços de mensagens.¹⁵

A difusão de mensagens forjadas se espalham em larga escala por meio das novas tecnologias. Segundo Manuel Castells, o processo político usa a internet como um instrumento privilegiado para atuar, informar, recrutar, organizar, dominar e contradominar (Castells, 2003). Novos atores concorrem com o jornalismo profissional, marcando o fim do monopólio da mídia hegemônica, sem ter “a pretensão de serem objetivos; são quase sempre simpatizantes, sem nenhum constrangimento; quase sempre lidam com boatos e insinuações” (Jenkins, 2015, online). Mesmo sem formação específica no tratamento da informação, muitas vezes alcançam maior popularidade que os meios de comunicação tradicionais.

A produtora Brasil Paralelo - que produz documentários sobre política, filosofia e economia sob o viés da nova direita – tem um canal no Youtube com mais de 1,38 milhão de inscritos e a soma de visualizações de todo seu conteúdo já ultrapassou 74 milhões.¹⁶ Criada em

¹⁴ Mais detalhes na matéria da BBC Brasil sobre a investigação. Disponível em: <https://bbc.in/2Iv7co0>

¹⁵ Mais detalhes sobre o projeto de lei em tramitação na matéria do UOL. Disponível em <https://bit.ly/36zCXUS>

¹⁶ Informações coletadas em 29/08/2020.

2016 em Porto Alegre, a empresa dona do canal se auto-declara uma sociedade empresária independente, apartidária e imparcial, e que se financia unicamente a partir de recursos próprios, cujo objetivo principal é oferecer ao público conteúdos essencialmente informativos.¹⁷ A empresa ganhou destaque durante as eleições de 2018 quando ajudou na tática bolsonarista de descredibilizar as eleições, publicando um vídeo que supostamente revelaria uma fraude nas eleições de 2014 – foi comprovada a falsidade do vídeo quando já havia sido visualizado mais de duas milhões de vezes.¹⁸

Em dezembro de 2019, com quase um ano de governo Bolsonaro, a TV Escola, emissora pública brasileira, transmitiu em sua programação o documentário da Brasil Paralelo “Brasil: a última cruzada” com seis episódios num total de aproximadamente sete horas de duração, com a proposta de fazer uma releitura da história do Brasil (figura 2).

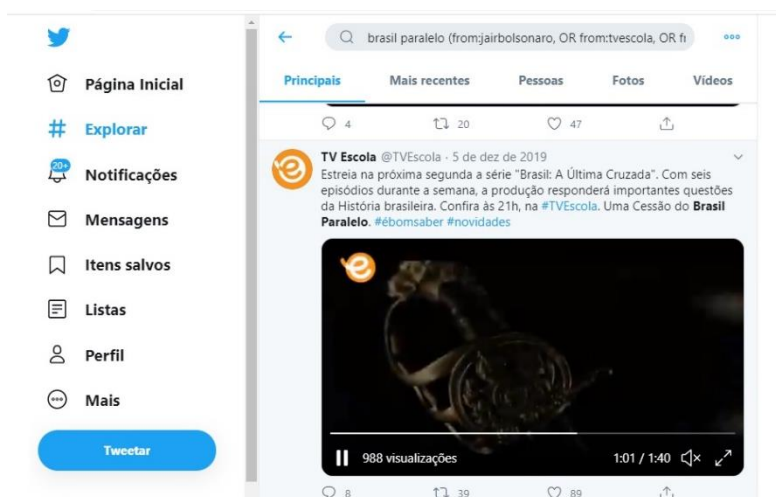


Figura 2 – print Twitter TV Escola de 5 de dezembro de 2019

Segundo o governo, o direito de exibição foi cedido gratuitamente pela Brasil Paralelo. Em 10 de agosto de 2020 foi solicitado via Lei de Acesso à Informação, ao Ministério da Educação e à Secretaria de Comunicação da Presidência (SECOM-PR), a relação de projetos contemplados em conjunto com a Brasil Paralelo, bem como eventuais recursos destinados à empresa. A resposta de ambos foi que não foram identificados nem recursos destinados nem projetos em conjunto com a empresa – a parceria para a exibição do documentário na TV Escola não foi mencionada. Também foi enviado email a um dos sócios da Brasil Paralelo questionando sobre essa parceria e outros assuntos, na intenção de entender melhor o posicionamento da empresa, mas respostas não foram recebidas.

¹⁷ Comunicado da empresa Brasil Paralelo publicado no jornal O Globo em 25/06/2019. Disponível em: <https://glo.bo/3n19NzW>

¹⁸ Matéria do OESP sobre a falsidade do vídeo. Disponível em: <https://bit.ly/32EiP2Z>

Durante a campanha eleitoral, a pauta anti-doutrinação foi uma das principais bandeiras defendidas pelo então candidato Jair Bolsonaro. Foi proposto no plano de governo o Programa Escola Sem Partido que previa a proibição de “prática de doutrinação política e ideológica” pelos professores. Para os críticos ao programa, as diretrizes do Escola Sem Partido abrem caminho para uma reforma profunda na educação, substituindo conteúdos dos livros didáticos, com o objetivo, entre outros, de por em curso uma revisão na história da ditadura, que seria recontada em uma versão mais apazível aos militares.¹⁹ Mesmo que o Programa Escola Sem Partido não tenha passado pelo STF²⁰, levanta-se a questão se a exibição de uma produção da Brasil Paralelo em uma emissora pública - ou mesmo o apoio público de aliados ao governo ao canal Brasil Paralelo (figuras 3, 4 e 5) - já não é um indicativo que as diretrizes do programa vêm sendo adotadas.

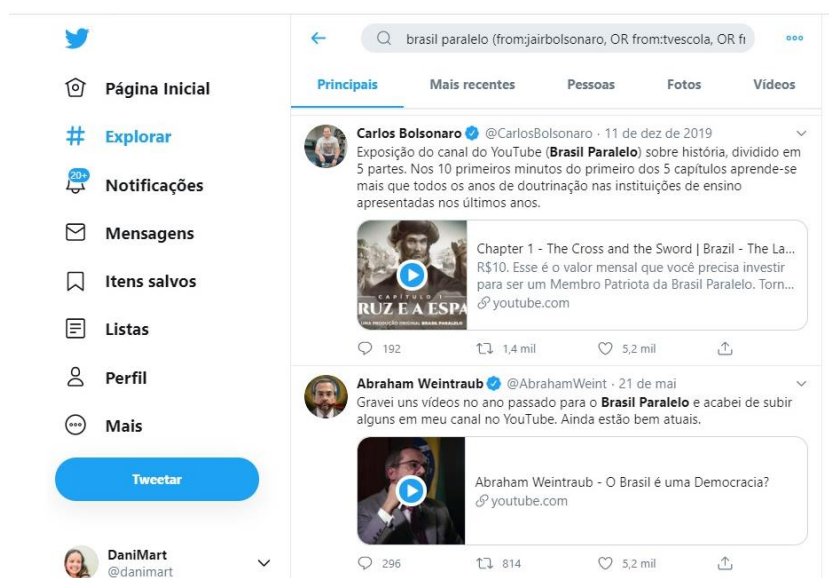


Figura 3: Print do twitter de Carlos Bolsonaro de 11/12/2019 e do ex-ministro da Educação Abraham Weintraub de 21/05/2020.

¹⁹ Mais detalhes na matéria da Revista Exame sobre o Projeto Escola sem Partido. Disponível em <https://bit.ly/38AUnTW>

²⁰ Mais detalhes na matéria veiculado pelo UOL sobre a derrota do projeto no STF . Disponível em: <https://bit.ly/3eT3wZ4>



Figura 4: Print do twitter de Eduardo Bolsonaro de 27/06/2019



Figura 5: Print do twitter de Eduardo Bolsonaro de 14 de julho de 2020.

Embora saibamos que não são as redes sociais as precursoras das informações falsas, uma vez que ao longo da história podemos observar processos de desinformação por meio da manipulação da opinião pública para fins políticos (FERRO, 1981.) e já no fim do século XIX, grandes jornais norte-americanos já contaminavam a opinião pública fabricando falsas informações (FILHO, 2019.)²¹, é evidente que as novas tecnologias proporcionaram um salto exponencial para que a desinformação, muitas vezes baseada em crenças pessoais e emoções

²¹ Segundo Filho, desde a guerra contra a Espanha, grandes jornais norte-americanos liderados por Pulitzer e Hearst fabricaram informações falsas sobre Cuba para colocar a opinião pública a favor da Espanha.

de novos sujeitos, tomasse uma proporção assombrosa, transformando radicalmente o debate político.

Levando em conta a forte atuação da Brasil Paralelo nas redes sociais, especialmente no Youtube, entendemos se tratar de um ator importante no atual cenário político brasileiro. Em podcast promovido pelo Instituto Ludwig von Mises – Brasil²², Filipe Valerim – sócio fundador e diretor de produção - declara que a intenção da Brasil Paralelo é aumentar o nível de compreensão das pessoas para um despertar político por meio de uma reconexão com a história do Brasil desde sua fundação, reconhecendo seus heróis e a importância desse resgate para a construção da identidade nacional brasileira.

Ele frisa que a empresa não depende de subsídio governamental nem de grandes financiadores. Segundo ele, todas as produções são financiadas pelas assinaturas mensais. Os assinantes não pagam apenas para ter exclusividade de conteúdo, uma vez que as principais produções estão disponíveis gratuitamente. Os assinantes financiam as produções para que outras pessoas possam assistir o conteúdo e, assim, promover “o despertar” coletivo.

O primeiro documentário da empresa - Congresso Brasil Paralelo - lançado no final de 2016 e que propõe fazer um diagnóstico da política brasileira dos últimos anos, atraiu milhares de financiadores já nos primeiros meses após o lançamento, de acordo com Valerim. As produções seguintes (entre elas a série de documentários “Brasil – a última cruzada”, que teve seus seis episódios exibidos na TV Escola, como já mencionado anteriormente) fazem um resgate da história brasileira desde a formação de Portugal até a morte de Getúlio Vargas. Outro projeto “1964: entre armas e livros”, objeto desse estudo, foi criticado pela imprensa mesmo antes do seu lançamento. Segundo o empresário, isso se deve ao fato de abordar um tema bastante sensível, uma vez que o mito fundador da esquerda brasileira foi fecundado durante o período militar.

Influenciados por Olavo de Carvalho, uma referência entre os conservadores, os sócios da Brasil Paralelo, acreditam que há um domínio cultural da esquerda na sociedade atual. Depois da falência do socialismo na Guerra Fria, a esquerda teria se infiltrado em setores da sociedade - como imprensa, universidades, show business, movimentos das minorias e pelo meio ambiente - para divulgar sua ideologia e corroer o capitalismo internamente. Sendo necessário, portanto, criar uma narrativa cultural própria para combater o que os movimentos de direita chamam de marxismo cultural.

²² Podcast na íntegra disponível em <https://bit.ly/3pr1tjL>

O vídeo “1964 – Entre armas e livros” traz essa abordagem. Foi postado em 2 de abril de 2019 no canal do Youtube da Brasil Paralelo e um ano e cinco meses depois contava com 8.269.160 visualizações, 608 mil reações positivas contra 24 mil reações negativas. Dos 73.504 comentários, a maior parte deles era positiva e enaltecia a coragem da empresa em mostrar a verdade.²³

4. ANÁLISE DO DOCUMENTÁRIO “1964: ENTRE ARMAS E LIVROS”

A análise do documentário foi feita com base na teoria Análise de Discurso apresentada por Michel Pêcheux na década de 1960. Para Pechêux, a linguagem está relacionada à sua exterioridade e busca entender o discurso como um objeto sócio-histórico, relacionado à ideologia. Ideologia aqui entendida não “como visão de mundo, nem como ocultamento da realidade, mas como mecanismo estruturante do processo de significação” (ORLANDI, 2006, p.96). A ideologia provoca o assujeitamento dos indivíduos para que se produza o dizer. É na língua que a ideologia se materializa, portanto, para a Análise de Discurso, a linguagem não é transparente, ela vê o texto como possuidor de sua própria materialidade simbólica e significativa. Mais que transmitir informações, o discurso traz um complexo processo, onde estão inseridos sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história.

A questão a ser respondida não é “o que o discurso trazido pelo documentário quer dizer?” , mas sim “como esse discurso significa?”, buscando levantar os efeitos de sentido produzidos não só no momento que é dito, mas também antes, uma vez que a memória faz parte da produção do discurso e é ela que sustenta e permite a compreensão do funcionamento do discurso, identificando sua historicidade e indicando seu engajamento político e ideológico.

A proposta da Análise de Discurso é a construção de um dispositivo de interpretação que coloca o dito em relação ao não dito, procurando “ouvir naquilo que o sujeito diz, aquilo que ele não diz, mas que constitui igualmente os sentidos de suas palavras” (ORLANDI, 2006, p. 59). Com esse movimento de análise, sobressai o funcionamento do discurso, seu processo discursivo, podendo ser observados a memória da língua e a materialização da ideologia. Orlandi (2006) cita Foucault (1971) ao reafirmar que há procedimentos internos de controle do discurso que visam domesticar a dimensão do acontecimento e do acaso, em uma tentativa de normatização do discurso. Tal desvio pleiteia a construção de novos enunciados .

Para chegar no objeto discursivo, aplicamos a paráfrase, para distinguir o que Pechêux chama de esquecimento número 2, “que é da ordem da enunciação: ao falarmos, o fazemos de

²³ Informações coletadas em 25/09/2020.

uma maneira e não de outra e, ao longo de nosso dizer, formam-se famílias parafrásticas que indicam que o dizer sempre podia ser outro” (ORLANDI, 2006, p. 35). Com isso, é possível detectar a relação do discurso com as formações discursivas. “Aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina o que pode e deve ser dito” (PECHEUX, 1995, p. 160).

Procurou-se adentrar mais na história e buscar referências acadêmicas sobre os eventos narrados para observar o “não dito”, que como já explicitado anteriormente constitui igualmente os sentidos das palavras. E como há diferentes formas de não-dizer, aqui buscaremos reconhecê-lo no sentido pragmático, que relativiza parte da história e apresenta uma discursividade parcializada.

O quadro abaixo sintetiza a metodologia aplicada na análise do documentário:

Análise de discurso (Michel Pechêux)		
ideologia	procedimentos de análise (Orlandi)	referências bibliográficas
mecanismo estruturante do processo de significação	identificar o não dito	Aloysio de Carvalho Carlos Fico
ideologia se materializa na língua	como é dito (paráfrase)	Daniel Aarão Reis Rodrigo Patto Sá Mota Sandra Reimão e outros
texto possui sua própria materialidade simbólica e significativa		

Quadro 1 – síntese da metodologia aplicada na análise do documentário.

Como a própria teoria de Pechêux reconhece que a língua é a materialização da ideologia, não se espera que o dispositivo de interpretação aqui trabalhado permita uma análise a partir de uma posição neutra, fora da história e da língua que estuda. No entanto, espera-se que o dispositivo possibilite uma compreensão interpretativa da materialidade do discurso a ser estudado, por meio de uma posição deslocada, que faça pensar o processo de produção de sentidos em suas circunstâncias.

O documentário inicia sua narrativa chamando a atenção para o que foi a Guerra Fria e o que significou a tensão geopolítica entre a União Soviética e os Estados Unidos, destacando a polarização entre essas forças, o que significava disputas territoriais ao redor do mundo e, conseqüentemente, uma ameaça comunista também no Brasil. Afirma que para conter a

presença soviética já existente no nosso país foi necessário a “revolução”, ou seja, os militares tomando o poder para dismantelar o comunismo. Segue relatando que o que era para ser uma intervenção passageira se alongou pela pressão da ala linha dura, a mais radical entre os militares. Com militares de perfil austero no poder, é instalada a tecnocracia e o poder é centralizado. Encerra a narrativa, afirmando que mesmo com dispositivos autoritários, não foi possível conter a ideologia esquerdista que, por meio de uma guerra cultural, causou uma hegemonia que trouxe a normatização de uma visão de mundo comunista para nossa sociedade.

Com base na estrutura da narrativa, a análise do discurso foi dividida em duas partes. A primeira buscou entender a contextualização em que o golpe de 1964 foi inserido nas referências sobre a Guerra Fria e sobre a ameaça comunista. E a segunda analisou o golpe em si e suas consequências. Embora o foco desse artigo seja a análise sobre a historiografia nacional, não será desprezada a análise da primeira parte do documentário, uma vez que é relevante para mostrar como fatos da história mundial foram significados no discurso na intenção de se criar uma lógica que implicaria no golpe militar.

4.1. ANÁLISE DA PRIMEIRA PARTE DO DOCUMENTÁRIO

Para contar a história da ditadura militar brasileira, a narrativa do documentário assenta suas bases no evento da Guerra Fria. Foi feita uma primeira análise, retirando da superfície do discurso, eixos temáticos que buscavam caracterizar os dois protagonistas dessa história – EUA e URSS.

Para entender os sentidos que o discurso emprega ao se referir aos Estados Unidos, pegamos como recorte o trecho a seguir:

“Do outro lado do mundo, o ocidente. Os Estados Unidos da América construíram uma democracia liberal²⁴ baseada na sociedade de mercado e nos valores cristãos. A maior indústria, a maior economia do mundo é também o único país a ter armas nucleares. Sendo a força imprescindível que derrotou os nazistas. Os Estados Unidos surgem no pós-guerra como liderança do ocidente. Para reativar a economia dos países europeus devastados, os americanos propõem o Plano Marshall, oferecendo empréstimos a juros baixos .”

²⁴ Serão grifados dessa maneira (negrito e sublinhado) os trechos do documentário sob análise.

As marcas feitas contornam a análise, que ao criar o conjunto parafrástico, evidencia a formação discursiva baseada na formação ideológica capitalista-conservadora. Outro sujeito ao falar dos EUA como “mundo livre” - em substituição aos dois primeiros termos sublinhados - poderia estar se referindo de forma irônica ao modelo político e econômico desse país. O seu discurso poderia estar fazendo uma crítica à exploração do trabalho pelo capital ou mesmo ao aparato coercitivo presente no Estado liberal. Indo além e buscando a contextualização com a Guerra Fria, percebemos que foi silenciado na narrativa o que ficou conhecido como Macartismo: para a erradicação de comunistas nos EUA, o macartismo empreendia o que se conheceria como “caça às bruxas”, especialmente contra intelectuais, jornalistas, escritores, cineastas e artistas em geral. (RIBERA, 2012, p.90).

Ao relacionar valores cristãos aos EUA, o discurso traz a condição de estado laico do país em contraposição ao laicismo que existiu na URSS, que para promover a neutralidade do Estado, se utilizou do aparato estatal de forma intolerante às práticas religiosas. Esse discurso provoca sentimento de identificação nas sociedades com influência eurocêntrica, majoritariamente cristã.

Passados cerca de cinco minutos do início do documentário, o narrador diz que “**EUA e URSS pertenciam aos aliados que derrotaram a Alemanha Nazista e o Império do Japão.**” No trecho escolhido para ser analisado, apenas dois minutos após essa primeira afirmação, temos uma contradição quando se coloca os EUA como “**a força imprescindível que derrotou os nazistas**”. Uma matéria do Le Monde Diplomatique de 2005, traz em destaque o seguinte texto “A União Soviética perdeu 20 milhões de homens na Guerra, foi responsável pela grande ofensiva contra a Alemanha que permitiu a vitória dos aliados, mas é freqüentemente igualada aos nazistas pelos historiadores oficiais”. A diferença dos discursos mostram formações ideológicas diferentes que podem ser contestadas tanto de um lado como de outro, no entanto, a contradição presente no documentário, já evidencia a minimização da importância dos soviéticos.

Para finalizar a análise desse primeiro trecho, temos a referência ao Plano Marshall, inserido aqui e em outras partes do documentário como o responsável por reerguer a Europa devastada pela Guerra. Para a URSS, o Plano Marshall representou um instrumento para hegemonia estadunidense. Minutos depois da primeira referência ao Plano Marshall, nos deparamos com a afirmação “**A Alemanha aceita o empréstimo proposto pelos americanos para salvar sua economia.**” O argumento pautado na emoção não dá margem para racionalizar sobre as condições desse empréstimo. Dentre as condições impostas, os países que recebessem

a ajuda deveriam comprar prioritariamente dos EUA e promover uma política de integração e cooperação, o que significou a influência americana na Europa e abertura de mercados. Ainda podemos considerar que entre os objetivos dessa iniciativa, estava combater o avanço do comunismo soviético no início da Guerra Fria, impedindo que os países que recebessem a ajuda se convertessem ao socialismo. Mesmo que se justifique a escolha de um argumento mais emocional (salvação da economia europeia), não é mencionado que a URSS, em resposta ao Plano Marshall, também ofereceu ajuda aos países do Leste Europeu, provavelmente com condições e interesses semelhantes.

Em contraposição a como significa Estados Unidos nesse discurso, buscou-se interpretar também como a URSS foi significada. Para tanto, foram analisadas as imagens associadas a narração e aos depoimentos relacionados a esse país. Enquanto as imagens vinculadas aos EUA e seus aliados mostravam imagens de cidades em movimentos, demonstrando progresso e desenvolvimento, as imagens relacionadas a URSS são imagens bélicas, de conflitos, atentados, explosão de bomba atômica e lançamento de mísseis, de civis se manifestando contra o comunismo ou vítimas de genocídio. A Figura 6 reúne

algumas delas:



Figura 6: imagens relacionadas a URSS presentes no documentário

Ao considerar essas imagens para representar a URSS, não se usa os mesmos critérios na escolha das imagens referentes aos EUA. A Guerra Fria ganhou esse nome justamente porque as potências se mantiveram “frias” durante os conflitos. Não houveram conflitos nem em solo americano nem em solo soviético. Portanto, seria mais imparcial se ao falar da URSS também fossem usadas imagens do próprio país como se fez com os EUA. Embora com sistemas políticos-econômicos distintos, não houveram conflitos internos na URSS, assim como não houve nos EUA. Associar as imagens de guerra apenas a URSS é como dizer que uma guerra tem apenas um lado, o que não faz sentido.

O documentário ainda lança mão de recursos de edição de imagens para reforçar o caráter negativo da URSS (Figuras 7 e 8). Além da narrativa e depoimentos também trazerem termos que causam impacto como “reino do terror vermelho”, com esses recursos, as imagens, que já podiam ser sentidas independentes do discurso verbal, passam a ser ainda mais provocativas.



Figura 7: Trotsky, Lenin e Stalin representados no documentário



Figura 8: Monumento de Stalin representado no documentário

O documentário também traz uma representação imagética dos mapas dos dois países, como mostra a Figura 9. Além da oposição cromática, na qual para o vermelho são atribuídos significados negativos e ao azul significados positivos, percebe-se um intencional uso do vermelho ao redor do mapa da URSS, que sai dos limites da região aprofundando o caráter negativo que se tenta imprimir. O vermelho excede os limites geográficos do país para ser interpretado como uma ameaça. Tal mecanismo de interpretação fica evidente também na Figura 10, quando se tenta reforçar o caráter alarmante presente no discurso quando se faz referência ao domínio da URSS. O mesmo não ocorre com o azul utilizado para contornar o mapa dos EUA. O azul se mantém comedido, não representando uma ameaça contrária ao comunismo.



Figura 9: Representação dos mapas



Figura 10: Domínio da URSS

Para confirmar a ameaça comunista existente no Brasil, um dos argumentos utilizados no documentário é que “**mísseis soviéticos são enviados à Cuba e apontados em direção aos Estados Unidos**”. Fala-se dos mísseis soviéticos presentes em Cuba, mas não se faz referência aos mísseis americanos instalados na Turquia e apontados para a URSS. A narrativa do documentário explora os mesmos argumentos emocionais que perturbaram quem viveu os anos da Guerra Fria. Segundo artigo do historiador Ricardo Ribera, para a URSS, a instalação de mísseis em Cuba foi uma resposta para contrabalancear os mísseis americanos já instalados do outro lado da fronteira soviética com a Turquia.

Cuba também é apontada “**como base de treinamento para expansão do comunismo em toda a América Latina**”. Fala-se em “**41 brasileiros que foram a Cuba treinar para a guerrilha**”. É inegável o fascínio que a revolução cubana causou nos grupos de esquerda, principalmente na América Latina. Para o sociólogo Boaventura de Sousa Santos (2006), o

êxito da revolução foi uma luz de esperança para milhões de latino-americanos oprimidos e explorados. Os termos destacados acima, na voz de um desses latino-americanos, trariam um elemento parafrástico com conotação muito mais otimista que de ameaça, certamente. Não causaria surpresa que aqueles favoráveis a causa e empenhados em alterar a ordem social buscassem referências em Cuba. Embora não sejam apontadas as fontes, não é de se duvidar que 41 brasileiros foram a Cuba buscar treinamento para a revolução socialista. Também não causaria desconfiança se o documentário optasse por citar a atuação da USAID (United States Agency for International Development) no programa brasileiro de segurança pública. Segundo o historiador Rodrigo Patto Sá Motta, a USAID treinou milhares de policiais no país, com o objetivo de evitar que as polícias brasileiras fossem seduzidas por grupos de esquerda e também com a intenção de capacitar as forças repressivas do Estado. Se alguns brasileiros iam para fora do país buscar referências socialistas, internamente havia a influência direta do capitalismo estadunidense junto a órgãos oficiais. Supostamente essa informação no documentário não comprometeria a formação discursiva escolhida pelo sujeito-autor, pois ela certamente estaria alinhada a ideia trazida no decorrer do documentário de que os Estados Unidos protegeram as Américas do comunismo.

Mas a opção pelo não-dito não é por acaso - como já apontado anteriormente, Pechêux afirma que o não-dizer constitui igualmente os sentidos das palavras. A política externa dos EUA tinha como bandeira a defesa da democracia e da liberdade. Sabendo dos treinamentos da USAID às polícias brasileiras, “ficava difícil explicar por que os aliados do “mundo livre” criavam ditaduras e torturavam os seus opositores, o tipo de coisa que se atribuía ao outro lado.” (MOTTA, 2010, p. 252).

Mesmo antes do regime militar, há estudos sobre os resultados da influência norte-americana no país. O especialista em Relações Internacionais Felipe Pereira Loreiro aponta a diferença na postura dos Estados Unidos frente ao governo de Jânio Quadros e João Goulart ao estudar o contexto para implementação do programa Aliança para o Progresso. Durante o governo de Jânio Quadros, os EUA não apenas faziam repasses vultuosos de recursos para o Brasil, como também pressionavam o FMI e a Europa para flexibilizar condições de financiamento em prol da estabilização econômica brasileira. A renúncia de Quadros significou o abandono dessa tentativa de estabilização e durante o governo de Goulart a ajuda econômica estadunidense estava vinculada a condições para mudar a orientação política do governo.

Segundo o pesquisador, os EUA fizeram exigências importantes para a direitização do governo Jango, pois entendiam que a possibilidade de Jango recorrer a ajuda soviética era

remota – romper relações com os EUA significava um desequilíbrio impactante nas contas externas o que traria consequências sociais imprevisíveis. As evidências apresentadas pelo pesquisador se chocam com a informação trazida no início do documentário de que os governos brasileiros anteriores ao regime militar – Getúlio Vargas, Juscelino Kubitschek, Janio Quadros e João Goulart – tinham todos alguma inclinação à esquerda. Essa argumentação é contradita no próprio documentário em dois pontos da narrativa. O primeiro quando um dos entrevistados comenta sobre a falta de reação do PDT (o partido do então presidente) para a volta de Jango ao poder, após o 31/03 – **“A esquerda queria implantar um outro projeto, que não era o do Jango e nem seria jamais com o Jango ou com alguém como o Jango. Ele era a bola da vez, mas não era, nem nunca foi, nunca teve o perfil que a esquerda pretendia para o dia que chegasse ao poder no Brasil. Eles queriam alguém com outro perfil.”** – e o segundo quando outro entrevistado discorre sobre o fim do regime militar e diz: **“Morre o Jango, morre o Lacerda, morre o Juscelino Kubitschek e o Brasil acaba não tendo muitas alternativas de um centro ou de uma direita, de um anti-comunismo mais liberal”**.

O documentário, referindo-se a influência soviética, afirma que **“a conspiração para transformar o Brasil em uma república socialista contava com a ajuda internacional**, que atuava desde arbitrando no interior de partidos políticos brasileiros até na forma de política de influência. Embora tenham havido tentativas de implementar o comunismo no Brasil, como a Intentona Comunista e a liderança de Luis Carlos Prestes, ambos citados no documentário, não fica claro que as tentativas pró-comunismo foram incipientes e não representavam uma real ameaça, uma vez que não tiveram a adesão da classe operária como se superestimou e, desde 1935 com a Intentona Comunista, qualquer iniciativa pró-comunista era rápida e violentamente debelada.

Os depoimentos presentes no documentário que reforçam a ideia da influência soviética são baseados, principalmente, na pesquisa de Mauro Kraenski, organizadas no livro “1964 – o elo perdido”, que descreve os relatórios encontrados “dentro dos arquivos da KGB, da STB Tcheca”. O livro não contou com o apoio de qualquer instituição, órgão científico, acadêmico ou governamental e para Kraenski todas as informações dos arquivos secretos devem ser consideradas com cuidado, já que muitas delas não têm fontes alternativas para confirmação, como é advertido algumas vezes ao longo do livro.

Em depoimento para o documentário, Kraenski reconhece a significativa quantidade de estudos sobre a presença e influência americana nos acontecimentos que culminaram no golpe

de 1964, mas ao longo da narrativa esses estudos são desvalorizados, colocando a versão apresentada como verdadeira e capaz de revelar o que eles chamam de falsificação de mitos anteriormente elaborados. Sobre esse tipo de negação, recorreremos ao historiador Marcos Napolitano. Em entrevista concedida a Casa Oswaldo Cruz²⁵, ele afirma: “O 'revisão ideológico' não chega a negar consensos factuais, mas tenta reinterpretar os processos históricos e suas motivações partindo de valores e ideologias que orientam a argumentação, mesmo à custa de manipulação de fontes e distorções metodológicas.” Para o historiador, o revisionismo histórico faz parte do debate historiográfico, mas, para tanto, deve ser fundamentado em uma metodologia que permita uma análise crítica e objetiva, que respeite a interpretação de fontes primárias, explicitação das perspectivas metodológicas e políticas do trabalho, por meio de uma argumentação contextualizada que evite análises puramente valorativas dos personagens e eventos históricos.

5. O GOLPE DE 1964 E SUAS CONSEQUÊNCIAS

Para identificar a formação discursiva presente nessa parte da narrativa, a análise se apoiará em pesquisa sobre o que a historiografia brasileira já escreveu sobre o golpe militar de 1964. Esse exercício permitirá averiguar como o mesmo evento histórico foi tratado por outros sujeitos, permitindo reconhecer o conjunto de paráfrases, bem como as omissões (o não-dito) presentes na narrativa.

Começaremos essa seção, ressaltando as formas escolhidas pelo sujeito-autor para se referir ao golpe de 1964. O termo golpe militar, adotado pela maioria dos historiadores, no documentário é atribuído à forma como os grupos de esquerda se referem a esse evento histórico. Mais adiante voltaremos a esse ponto, no qual o sujeito-autor afirma que as universidades brasileiras estão tomadas por ideias e ideais comunistas. Por ora, serão analisados alguns trechos do documentário para identificar os termos usados para significar o que ocorreu em 31 de março de 1964.

Os trechos “**A revolução de 1964 foi feita para deter nossa caminhada para Havana**” / “**O Brasil inteiro estava a favor de 1964**” / “**O movimento de 1964 não foi um movimento militar**” mostram a forma escolhida pelo sujeito-autor para se referir a esse evento histórico. Ao optar por fazê-lo dessas formas, pretendeu atribuir um significado positivo ao ato que desencadeou um regime ditatorial que durou 21 anos. O termo revolução remete a uma mudança substancial das estruturas do Estado, mas é equivocada, pois não foi isso que

²⁵ Ver entrevista completa em <https://bit.ly/3oEUi71>

aconteceu em 1964. A ação dos militares pretendia conter a ascensão de Jango após a renúncia de Janio Quadros e assim manter, e não alterar, a ordem social vigente. O aspecto revolucionário não existiu.

Mesmo as falas que se referem ao episódio como golpe - como no depoimento de Olavo de Carvalho, **“Aliás, eles (os militares) nem queriam dar o golpe”** - o faz minimizando a importância da ação ao atribuir a responsabilidade pelo ato a um militar que individualmente teria tomado uma atitude precipitada - **“foi o Mourão Filho que se precipitou e obrigou os outros generais a entrar depois. Eles estavam tudo quietinho no canto, daí o Mourão Filho que era um doidão, botou os tanques na rua, começou a ir em direção ao Rio de Janeiro, daí todos tiveram que se mobilizar.”** Não reconhecer uma articulação das Forças Armadas é contraditório à própria narrativa que vai sendo apresentada no decorrer do documentário e se contrapõe ao seguinte trecho presente mais adiante: **“todos queriam conspirar, a diferença é que a conspiração que foi exitosa, foi a conspiração do Exército.”**

Carlos Fico (2004) aponta as diferentes interpretações sobre o golpe de 1964, entre elas uma pesquisa realizada pelo CPDOC (Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil) da FGV que realizou várias entrevistas com militares. Elas revelaram que, para os militares, o golpe decorreu de uma conspiração desarticulada no interior das Forças Armadas. Embora não estivessem centralizadas, haviam diferentes focos conspiracionistas em grupos militares distintos – o que, tampouco, significa que todos os militares apoiavam o golpe.

Em outros depoimentos, atribui-se a ação dos militares ao risco de uma guerra civil e pela demanda popular a favor da intervenção militar – **“A sociedade estava toda pronta para o pior e os militares tinham a percepção disso, que o país estava a um passo de entrar numa guerra civil.”** Sobre isso, Fico cita Daniel Aarão Reis Filho, para o qual o pretexto defensivo foi a justificativa apresentada para conter as reformas propostas por Jango, uma vez que a frente social e política que se reuniu para derrubar o presidente - formada por empresários, banqueiros, latifundiários, políticos e classe média - percebia “que um processo radical de distribuição de renda e de poder por certo afetaria suas tradicionais posições e seus seletivos privilégios” (REIS FILHO, 1994, p. 33, apud FICO, 2004, p. 52). O apoio desses grupos sociais permitiu uma desestabilização na sociedade que foi decisiva para a conspiração militar ser bem sucedida.

As propostas de Jango apresentadas nos comícios que antecederam o golpe não agradaram as elites. Falar em reformas sociais e políticas não soava bem nos setores privilegiados da sociedade civil brasileira. Essa parcela apoiou o golpe, mas não a sociedade

inteira, como o documentário dá a entender. O trecho a seguir é um dos exemplos de generalização presente no discurso: “**Naquela noite, as janelas do Rio de Janeiro tinham todas uma vela acesa. Foi um sinal de protesto da população em relação ao que tinha acontecido na Central do Brasil. Era a nação brasileira comunicando que não estava gostando do que estava acontecendo.**” Não se pode garantir que eram em todas as janelas do Rio de Janeiro e tampouco que o Rio de Janeiro representava toda a nação brasileira.

Mais um exemplo de generalização é “**O Brasil inteiro estava a favor de 1964. Toda a imprensa, igreja, todo mundo.**” Alguns veículos da imprensa, como vimos na seção 2, não eram a favor da intervenção militar. Parte da Igreja Católica apoiou o golpe, mas não em sua totalidade – havia a ala progressista representada por exemplo por Dom Helder Câmara, indicado posteriormente quatro vezes ao Nobel da Paz por sua campanha contra a tortura, e Dom Paulo Evaristo Arns, um dos líderes religiosos responsáveis pelo projeto “Brasil: nunca mais”.

O documentário também aponta a Marcha da Família com Deus pela Liberdade como um dos símbolos do apoio popular, mas não deixa claro quem eram os organizadores e financiadores do movimento (grupos ligados ao empresariado e à elite brasileira, como o controverso Ipes²⁶). A marcha teve participação principalmente das classes média e alta. Sobre o apoio popular ao movimento, o embaixador norte-americano no Brasil, Lincoln Gordon, relata a Washington por telegrama ter estranhado a limitada participação das classes mais baixas na marcha.²⁷

O documentário também reforça a ideia de que não houve manifestações contrárias à deposição do presidente João Goulart – “**Não houve a menor reação, porque a revolução já se consolidou naquelas 24 horas.**” Essa afirmação soa estranha, pois o documentário destaca a existência de luta armada pré-64, a ligação de Jango às ditaduras populistas e o apoio da URSS e outros países parceiros para implementação de uma ditadura comunista no Brasil, como observado nos trechos a seguir: “**Dizer que a guerrilha foi uma resposta ao golpe, não, é ocultar. O golpe foi a resposta às guerrilhas.**” / “**Mesmo antes de 1964, guerrilhas rurais e movimentos armados já existiam e estavam determinados em fazer a revolução.**” / “**João Goulart tinha ligações com outras ditaduras populistas latino americanas**” / “**Não somente a STB estava presente, atuando no Brasil, mas também serviços de outros países do bloco**

²⁶ Mais informações sobre o IPES em <https://bit.ly/3nlkZMT>

²⁷ Mais detalhes sobre os financiadores e as declarações de Gordon sobre a Marcha em <https://bit.ly/2XxCajm>

socialista ou comunista.” Se, de fato, a presença da URSS e da luta armada fossem sólidas como o documentário pretende fazer crer, fica a pergunta por que não houve reação ao golpe.

Para responder a essa pergunta, podemos recorrer ao próprio livro de Kraenski – autor do livro “1964: o elo perdido”, que serviu de fonte para o documentário em análise. Lá consta que nos relatórios encontrados, os agentes destacaram a hesitação de Goulart como motivo de uma queda sem reação. Para eles, não houve derrota, pois não houve luta. Houve somente uma tomada pacífica de poder pela direita. Essa informação não por acaso foi ocultada do documentário - ela é contrária à pretendida formação discursiva presente no documentário de que Jango estava alinhado ao comunismo internacional e que a instauração de uma ditadura de esquerda estava batendo a porta.

Dezoito dias após o discurso na Central do Brasil, Jango foi deposto. O discurso de Jango na Central do Brasil levantava bandeiras como a defesa da democracia e pela justiça social, propondo reformas que atendessem às demandas populares para ampliação da democracia.²⁸ Para o sociólogo Florestan Fernandes (1980), o que se procurava impedir era a transição de uma democracia restrita para uma democracia de participação ampliada. Para o historiador, Jango defendia um nacionalismo reformista, que nada tinha a ver com socialismo ou comunismo. Porém, no imaginário coletivo, disseminava-se a ideia de que Jango ameaçava instaurar no Brasil uma república socialista-sindical. Mesmo para aqueles que enxergam uma intenção golpista por trás do discurso aparentemente democrático de Jango, o distanciamento histórico permitiria concluir que os riscos de uma guerra civil eram menores do que se pretendia fazer acreditar.

Sobre a eleição de Castelo Branco, o documentário da Brasil Paralelo afirma que **“Toda a sociedade entende como um governo legítimo porque foi eleito pelo Congresso.”** e que o próprio Castelo Branco defendia que seu mandato seria breve **“Assim que Castelo Branco cumprisse o mandato de João Goulart, novas eleições diretas deveriam ocorrer em 1965”**, colocando-o em contraposição a chamada linha dura **“A ala chamada linha dura, a mais radical entre os militares, se saiu vitoriosa e derrubou essa idéia. O governo de Castelo Branco teve o seu mandato estendido.”** O historiador Carlos Fico contesta essa ideia dualista e simplista entre moderados versus linha dura. Para ele,

“Castelo foi complacente com as arbitrariedades da linha dura, não teve forças para enfrentá-la e permitiu, assim, que o grupo de pressão fosse conquistando, paulatinamente, mais espaço e poder. Essa evolução é essencial para bem

²⁸ Leia a íntegra do discurso de Jango em <https://bit.ly/2IxQnyW>

caracterizar diversos outros episódios do período, pois informa que o projeto repressivo baseado numa “operação limpeza” violenta e longa estava presente desde os primeiros momentos do golpe.” (FICO, 2004, p. 33 e 34)

Nesse sentido, para o historiador, a tese que defende a ideia de “golpe dentro do golpe” não se sustenta. E é exatamente essa tese que o documentário defende, como fica claro na passagem **“No primeiro momento eles salvaram, eles desmantelaram a revolução comunista. Mas começaram a fazer cagada no dia seguinte. Todo mundo tinha expectativa de que haveria novas eleições em seis meses, ninguém pediu para eles tomarem o poder. Aí fizeram o segundo golpe.”** O documentário pretende fazer crer que a chegada da linha dura ao poder representou uma fase completamente diferente da anterior– **“A eleição de Artur da Costa e Silva marca a primeira vez que a linha dura chega ao poder no Brasil, trazendo uma ideologia responsável por profundas mudanças na política brasileira”**. Em determinado ponto do documentário, há a afirmação que **“Há uma ditadura militar no Brasil a partir de 1969”**, como se de 1964 a 1968 o Brasil estivesse vivendo ainda uma democracia. Desconsidera-se que foi no governo de Castelo Branco que houve o decreto do AI-2, o fechamento do Congresso, proibição de atividades políticas de estudantes, restrição da liberdade de imprensa e práticas de tortura, que já se tornaram presentes nos primeiros momentos após o golpe de 1964, conforme cita Fico.

No documentário há uma relativização das práticas de tortura. Se por um lado, elas são tidas como “nefastas” se praticadas por grupos de esquerda, por outro lado são minimizadas quando atribuídas aos militares. O trecho **“Após o 31 de março, esses grupos (guerrilhas rurais e movimentos armados) passam a adotar métodos hediondos e submetem o Brasil a anos tenebrosos. O terrorismo revolucionário se torna cotidiano: o crime, o medo e o sangue marcam presença na vida dos brasileiros. Assaltos a bancos e estabelecimentos comerciais, explosão de bombas em lugares públicos, fuzilamento e tortura de inocentes”** mostra crimes de tortura e outros sendo relacionados aos grupos de esquerda. Fazendo uso de uma argumentação com base emocional e generalista, leva o telespectador a concordar em quão cruéis foram as práticas ali descritas. No entanto, esse tipo de descrição não é atribuído também aos militares, que como sabido também foram responsáveis por atos de violação aos direitos humanos. Segundo documentos oficiais e conforme publicado na reportagem do jornal El País de 02 de outubro de 2018²⁹, grupo paramilitar de extrema-direita,

²⁹ Ver matéria completa em <https://bit.ly/3ICGFUo>

“formado por 14 policiais da antiga Força Pública (como era chamada à época a Polícia Militar de São Paulo), (...) o grupo executou 14 atentados a bomba, furtou dinamites de pedreiras e armas da própria corporação, além de praticar pelo menos um assalto a banco, plenamente esclarecido. Foram os pioneiros do terrorismo, e os responsáveis pela maioria das ações terroristas registradas no período – um total de 17 das 32 contabilizadas pelos órgãos policiais.” (ELPAIS, 2018)

Os atentados da direita foram maiores do que se pretendeu revelar no documentário e não se resumiram ao atentado do Riocentro, apresentado como um caso, ainda, irresoluto - **“A gente tem o atentado do Riocentro no governo Figueiredo e muito provavelmente foi coisa da linha dura e não da extrema esquerda. A linha dura querendo segurar o processo”**.

O documentário, em outro momento da narrativa, faz referências às condenações da Tchecoslováquia por crimes contra os direitos humanos - **“A Tchecoslováquia, de 1948 a 1989, foi uma república socialista, um regime autoritário, que atualmente é condenado por crimes contra os direitos humanos.”** Mas opta por não dizer que o Brasil, por duas vezes, também foi condenado por crimes contra os direitos humanos, devido à atuação do governo brasileiro durante o regime militar, com os casos Lund e Herzog, sentenças de 2010 e 2018, respectivamente.³⁰

Em contrapartida, para se referir às ações repressivas praticadas pelo governo, há uma tentativa de suavizar o que elas representaram, como fica claro no trecho **“de vez em quando, a polícia entrava na universidade, prendia ali um estudante ou um professor que estava ligado a guerrilha, mas nunca teve um movimento de repressão violenta das universidades, de fechar cursos, proibir publicação de livros, etc. Isso nunca teve.”** Certamente essa não seria uma declaração vinda de um dos 854 estudantes presos, quando 3.000 policiais invadiram a Pontifícia Universidade Católica em 1977 e interromperam um atividade pública dos estudantes, em São Paulo. Para uma das estudantes processadas “foi uma cena assustadora. Os policiais batiam com cassetete e jogavam diversos tipos de bomba. A PUC parecia uma praça de guerra”³¹.

E não foi só por meio de atos violentos como esse que o regime militar atuou nas universidades. Além da repressão física, o autoritarismo também se fez presente, por meio de outras iniciativas. Segundo o historiador Rodrigo Patto Sá Motta,

³⁰ Mais detalhes sobre as condenações sofridas pelo Brasil na CIDH em <http://www.oas.org/pt/cidh/decisiones/corte/caso11552port.doc> e <http://www.oas.org/es/cidh/decisiones/corte/2016/12879fondopt.doc>

³¹ Ver matéria da FSP sobre o ocorrido em <https://bit.ly/36zvUf3>

“No seu eixo conservador, a política do regime militar para as Universidades implicou o combate e a censura às idéias de esquerda e tudo o mais considerado perigoso e desviante – e, naturalmente, reprimiu e afastou dos meios acadêmicos os seus defensores; o controle e a subjugação do movimento estudantil; a criação de agências de informação (as Aesi) para vigiar a comunidade universitária; a censura à pesquisa, assim como à publicação e circulação de livros; e tentativas de disseminar valores tradicionais através de técnicas de propaganda (murais e panfletos), da criação de disciplinas dedicadas ao ensino de moral e civismo” (MOTTA, 2008, p. 32)

O governo militar entendia a comunidade universitária como um dos focos mais importantes contra o regime e, de fato, era expressivo o número de estudantes entre os militantes de esquerda. Portanto, o governo atuou nas universidades com o objetivo de despolitizar os debates e reprimir quaisquer tentativas de arregimentação social. Quando o documentário minimiza a presença do governo militar nas universidades não o faz por acaso. A escolha por esse “não dito” fortalece uma das ideias principais do documentário, de que mesmo durante o regime militar, a esquerda se fortaleceu nas universidades e isso foi fundamental para estabelecer a “guerra cultural” que supostamente vivemos hoje.

Outro trecho presente no documentário que minimiza a ação do estado frente as práticas repressivas é **“Tinha gente que de vez em quando era presa, porque fazia alguma confusão, aprontava alguma confusão , depois era liberada.”** Essa declaração ignora os 434 mortos e desaparecidos políticos apontados no 3º volume do relatório da Comissão Nacional da Verdade, publicado em 2014. Nesse relatório são apresentados documentos relevantes para seus entendimentos. Segundo levantamento da Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos da SEDH-PR, cerca de 20 mil brasileiros passaram por sessões de tortura durante os anos do regime militar. Esses brasileiros que viveram a tortura e aqueles que entendem o quão perversas as práticas de tortura são não devem concordar quando o documentário tenta fazer crer que durante o regime militar **“Essa ideia do terror da repressão é muito exagerada.”**

Também são minimizadas as práticas de censura e restrição a liberdade de expressão. O documentário afirma que **“era uma censura em primeiro lugar muito pouco profissional”** que não atingia o que de fato interessava, que **“censuravam besteiras, pornografia”**. Se antes do AI-5 a censura se dava de forma pouco organizada, após sua promulgação foram censurados “cerca de 500 filmes, 450 peças de teatro, 200 livros, dezenas de programas de rádio, 100 revistas, mais de 500 letras de música e uma dúzia de capítulos e sinopses de telenovelas” (VENTURA, 1998, p. 205).

Outro tema que deixa clara a formação discursiva escolhida pelo sujeito-autor é a referência ao que ficou conhecido como “milagre econômico. Ao lembrar das campanhas da época que enalteciam o progresso vinculando vitórias esportivas aos rumos da economia, traz os mesmos argumentos emocionais presentes nas campanhas de comunicação do regime militar. No entanto, seria possível ter uma abordagem mais objetiva pelo distanciamento histórico. A política econômica do período compreendido entre 1967 e 1973 foi financiada pelo crescimento exponencial da dívida externa e por altas da inflação, além de favorecer as classes mais elevadas. A modernização da economia se apoiou no congelamento salarial da classe trabalhadora que perdeu significativamente poder de compra real, uma vez que a repressão enfraqueceu o poder dos sindicatos. Por outro lado, havia uma política de remuneração seletiva para o pessoal de nível mais elevado, foi reduzida a alíquota máxima do imposto de renda – beneficiando os mais ricos - e concedidas várias isenções fiscais ao empresariado. Iniciativas que contribuíram para um aumento significativo da concentração de renda, levando ao agravamento da desigualdade social.

O documentário afirma que “**se não fosse por isso (fim do milagre econômico), a camada da classe média brasileira continuaria apoiando o período militar**”, mais uma vez fazendo uso de um argumento generalizante. Ao falar que a falta de apoio da classe média determinaria o fim do regime, opta por silenciar as classes mais baixas. Como Pechêux sustenta, o não-dito é igualmente relevante para a significação do discurso. Em nenhum momento, o documentário aborda o alto preço pago pelos trabalhadores para fazer acontecer o “milagre econômico”, nem como eles foram atingidos por outras políticas do governo militar, como o desmantelamento da educação pública, que também sofreu pela falta de investimento público durante o período.

Educação pública sucateada, hiperinflação, agravamento da desigualdade social e dívida externa 30 vezes mais alta que quando assumiram o poder. Essa é parte da herança social e econômica deixada pelos militares. Segundo o documentário, os próprios militares não queriam mais permanecer no poder, como fica claro nos trechos: “**Figueiredo fala: eu prometi que vou abrir, vou entregar, farei deste país uma democracia.**” e “**Os militares entregaram. Eles simplesmente entregaram, porque não sabiam mais o que fazer. Ninguém tirou eles de lá, eles se tiraram. Eles estavam loucos para ir para a casa.**” Essa forma de apresentar o fim do período militar, enfraquece toda a luta de grupos opositores ao regime, seja aqueles que foram para as ruas pelas Diretas Já ou aqueles que foram vítimas das políticas de repressão por se opor ao regime.

A Lei de Anistia é apresentada como uma das **“propostas da abertura democrática de João Figueiredo”** e é defendida sua importância para a necessidade de que **“passássemos a borracha para todos os lados, para a sociedade poder se pacificar e seguir em frente e depois, aos olhos da história, e não da justiça, as pessoas julgarem os fatos, as circunstâncias, as escolhas difíceis que as pessoas têm que fazer em contextos diferentes, entendendo que o mundo era um mundo diferente. Sem isso haverá injustiça e anacronismo”**. Sem precisar dizer de forma direta, o documentário da Brasil Paralelo se coloca contra a CIDH, que judicialmente condenou o Brasil pelos crimes de tortura praticados durante o governo militar, e mais uma vez minimiza os grupos opositores que lutaram pela anistia dos persseguidos políticos.

A crítica mais contundente aos militares presente no documentário refere-se a abertura que eles deram para a esquerda se fortalecer por meio de uma **“revolução cultural”**. Segundo a narrativa, se por um lado a esquerda perdeu a luta armada, venceu a guerra cultural, por meio de uma hegemonização de valores que causou a **“normalização de uma visão de mundo”**, que fez a sociedade **“raciocinar nos termos da linguagem socialista sem se dar conta”**. De acordo com essa narrativa, o governo permitiu a articulação de grupos de esquerda dentro das instituições como forma de lidar com as tensões cada vez mais presentes na sociedade, permitindo **“que dentro da esquerda surja uma esquerda moderada que controle os seus radicais. (...) eles liberam a esquerda pra ela se articular em vários movimentos comunistas, se articular dentro das instituições. (...) eles (os militares) entregam a universidade nas mão da esquerda.”** Segundo a narrativa, isso possibilitou que a ideologia esquerdista penetrasse nas mentes dos intelectuais e dos professores, de modo que não há nas universidades brasileiras outras formas de estudar história que não seja pela historiografia marxista. Para contrapor essa forma de entender os estudos de história dentro das universidades, recorreremos ao historiador Carlos Fico, que no artigo intitulado “Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar”, aponta as principais abordagens teóricas para o estudo sobre o período militar. Fico afirma que

“A produção histórica que marca a nova fase de estudos sobre a ditadura militar possui suas peculiaridades. Boa parte dela foi feita no contexto da chegada da “Nova História” ao país, ou, dizendo melhor, não viria a ser uma produção fortemente influenciada pelo marxismo ou pela segunda fase dos Annales. (...) a crítica ao marxismo não se fixou na contraposição entre as hipóteses (teóricas) da determinação das estruturas econômico-sociais e a da autonomia do sistema político, mas na valorização do indivíduo e de sua subjetividade em oposição às leituras “tradicionais” (marxistas ou dos Annales dos anos 50 e 60) de cunho estrutural. Assim, abandonando explicações

fundadas em conceitos como os de "classe social", "modo de produção", "estrutura econômica" ou "estrutura social", os historiadores do que se convencionou chamar de "Nova História" buscaram uma estratégia cognitiva (mais do que uma perspectiva teórico-conceitual) que enfatizasse o indivíduo, seu cotidiano, suas emoções, sua "mentalidade", sua "trajetória de vida" etc. (FICO, 2004, p. 39 e 40)

Essa contestação de Fico desmonta o argumento presente no documentário, uma vez que revela que a influência marxista não está fortemente presente na produção recente da historiografia brasileira. No entanto, o documentário parte disso para afirmar que o movimento revolucionário das esquerdas, com a intenção de destruir as “**bases da civilização ocidental - a filosofia grega, o direito romano e a religião judaica cristã**”, se infiltrou principalmente nas universidades para impor uma hegemonia cultural, que é percebida, por exemplo, quando são abordados, atualmente, termos como machismo, racismo e homofobia. Ao analisar essa parte do documentário, percebe-se a formação ideológica presente no discurso ao identificar a valorização do eurocentrismo e a depreciação de grupos minoritários, que reforçam elementos da colonialidade do poder³².

Ainda segundo o documentário, essa hegemonia cultural das esquerdas, além de ocupar espaços na mídia, no show business, nas escolas, também marcou a elaboração do texto constitucional de 1988. A constituição, conhecida como constituição cidadã, no documentário é apresentada como uma farsa – “**É uma burocracia tremenda e o povo tá fora. Então, você tem essa burocracia tremenda querendo se proteger e para se proteger eles precisam proteger o que? O mito fundador da nova república**” - e segue a crítica ao colocar que “**quando você promete gratuidade para todos, o que você vai conseguir entregar é mediocridade para todos.**”, Essa parte do discurso merece uma análise mais profunda que demandaria entender em detalhes como se deu a elaboração da Constituição e seu conteúdo. Não vamos adentrar nessa análise, por ora, mas é possível entender que o sujeito-autor se coloca contrário a políticas intervencionistas e em prol de ações neoliberais.

Por fim, firmando seu posicionamento político e ideológico, encerra o documentário relacionando imagens contrárias à ditadura e da redemocratização aos escândalos de corrupção dos governos petistas, fazendo uso de linguagem tendenciosa e simplista.

6. CONCLUSÃO

³² De acordo com o conceito de “colonialidade do poder” de Anibal Quijano

Na primeira parte do documentário, é possível observar o destaque da influência soviética e a minimização da influência americana para fazer o espectador crer que o país estava a mercê de um avanço comunista. No entanto, a análise discursiva, por meio da identificação de grupos parafrásticos e dos ocultamentos presentes na linguagem, faz emergir as evidências da forte atuação dos EUA no país, que já atuavam de maneira decisiva para arraigar o capitalismo e conter o comunismo no país. A formação discursiva do documentário, apresentando os fatos de maneira parcializada e orientada pelos seus próprios valores, constrói uma argumentação de acordo com o que se deseja fazer crer, na intenção de reforçar o que Pechêux chama de formação ideológica.

A produtora Brasil Paralelo propõe um revisionismo sem fundamentação científica, enviesado e que invisibiliza ou descredibiliza sujeitos históricos que não compactuam suas crenças. O discurso é arranjado considerando o que pode ou não ser dito, de acordo com a formação ideológica que se pretende favorecer. Generalizações, escolhas de termos mais brandos, argumentações tendenciosas e apresentadas de maneira simplista são percebidas ao longo de toda a narrativa. Reconhece-se uma saturação ideológica no discurso bastante evidenciada nos minutos finais, onde o engajamento político e ideológico do sujeito-autor se sobressai.

O passar do tempo e o distanciamento dos eventos históricos permitiria uma interpretação mais objetiva, mas o documentário optou por manter o tom sensacionalista na sua narrativa, colaborando para que o fantasma da ameaça comunista continue assombrando aqueles que permanecem absortos em velhas crenças, agora tonificadas pela indústria das fake news.

Como preconizado por Michel Pechêux todo discurso está relacionado a uma ideologia e não seria diferente com o discurso analisado nesse artigo. Portanto, longe do que o sujeito-autor afirma no início do documentário e em alguns depoimentos ao longo do vídeo, o discurso ali inserido não é baseado em uma verdade superior, mas sim em um ponto de vista, quase sempre míope. Esse artigo oferece subsídios para fazer com que o leitor perceba que é possível encontrar outras formas de dizer que possibilita distinguir o que está por trás da linguagem, quais valores o sujeito-autor pretende firmar e, assim, reconhecer as evidências de uma discursividade parcializada. É importante estar alerta às artimanhas da língua. Ser capaz de uma análise crítica que remeta a conclusões conscientes e orientadas por valores próprios e não de outros sujeitos. Para o exercício da cidadania se faz necessária a consciência crítica. Somente com ela, o cidadão é capaz de denunciar, questionar e creditar seus direitos.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Alzira Alves de. A mídia na transição democrática brasileira. *Sociologia, Problemas e Práticas*, Oeiras, n. 48, p. 53-65, maio 2005. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0873-65292005000200005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 21 set. 2020.
- CARVALHO, Aloysio de Carvalho. *Rede da Democracia*. Rio de Janeiro: Editora Eduff, 2010.
- CASTELLS, Manuel. *Galáxia da Internet*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2003.
- CASTELLS, Manuel. *Redes de Indignação e Esperança: movimentos sociais na era da internet*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2013. Em <https://amz.onl/d2vIVFk>
- CASTELLS, Manuel. *Redes de Indignação e Esperança: movimentos sociais na era da internet*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2013. Em <https://amz.onl/d2vIVFk>
- FERNANDES, F. *Brasil, em compasso de espera*. São Paulo: Hucitec, 1980
- FERRO, Marc. *Falsificações da História*. Lisboa: Europa América, 1981.
- FICO, Carlos. *Reinventando o otimismo: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- FICO, Carlos. Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar. *Rev. Bras. Hist.*, São Paulo, v. 24, n. 47, p. 29-60, 2004. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882004000100003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 14 Nov. 2020.
- FILHO, Ciro Marcondes. Fakenews: o buraco é muito mais em baixo. In FIGUEIRA, João e SANTOS, Silvio (Orgs). *As fake news e a nova ordem (des)informativa na era da pós-verdade*. Universidade de Coimbra, 2019. Em <https://amz.onl/2vY7pEI>
- FREIRE, Paulo. *Educação Como Prática da Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967. Em <https://amz.onl/fsi3sBq>
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido: saberes necessários à prática educativa*. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987. Em <https://amz.onl/8V7JEAa>
- GADET, Françoise; HAK, Tony (Org.). *Por uma análise automática do discurso- uma introdução à obra de Pêcheux*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.
- HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HOBBSAWM, Eric. *Sobre História*. São Paulo: Companhia de bolso, 2013. Em <https://amz.onl/6CPTtXa>

JENKINS, Henry. *Cultura da Convergência*. São Paulo: Editora Aleph, 2015. Em <https://amz.onl/2hhGHKf>

KFOURI, Nadir G. Comissão da Verdade da PUC-SP. Disponível em <https://www.pucsp.br/comissaodaverdade/mortos-e-desaparecidos-contextualizacao.html#:~:text=No%20Brasil%2C%20a%20radiografia%20dos,e%20cerca%20de%2020%20mil>. Acesso em 25 set. 2020.

KOERNER, Andrei; ASSUMPCAO, San Romanelli. A Lei de Anistia e o Estado democrático de direito no Brasil. *Rev. bras. Ci. Soc.*, São Paulo, v. 24, n. 69, p. 194-197, fev. 2009. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092009000100018&lng=pt&nrm=iso. acessos em 21 set. 2020.

LAMARÃO, Sergio. A conjuntura de radicalização ideológica e o golpe militar – A Marcha da Família com Deus pela Liberdade. FGV CPDOC. Disponível em https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/artigos/AConjunturaRadicalizacao/A_marcha_da_familia_com_Deus. Acesso em 14 set.2020.

LOUREIRO, Felipe Pereira. Dois pesos, duas medidas: os acordos financeiros de maio de 1961 entre Brasil e Estados Unidos durante os governos Jânio Quadros e João Goulart (1961-1962). *Econ. soc.*, Campinas, v. 22, n. 2, p. 547-576, Aug. 2013. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-06182013000200009&lng=en&nrm=iso. Acesso em 12 Out. 2020.

LOWY, Michael. Conservadorismo e extrema-direita na Europa e no Brasil. *Serv. Soc. Soc.*, São Paulo, n. 124, p. 652-664, Dec. 2015. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-66282015000400652&lng=en&nrm=iso. Acesso em 13 Nov. 2020. <https://doi.org/10.1590/0101-6628.044>.

MAIA, Paulo Roberto de Azevedo. *Canal 100: a trajetória de um cinejornal*. 2006. 124 f. Dissertação (Mestrado em Multimeios) - Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

MAIA, Paulo Robero de Azevedo. Política e futebol no cinema agravés das lentes do Cinejornal Canal 100. In *Discursos Fotográficos*, Londrina, v.5, n.7, jul./dez. 2009.

MEZAROBBA, Glenda Lorena. *Um Acerto de Contas com o Futuro. A anistia e suas conseqüências - um estudo do caso brasileiro*. 2003. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003. doi:10.11606/D.8.2006.tde-06112006-162534. Acesso em: 2020-09-21.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. A ditadura nas representações verbais e visuais da grande imprensa: 1964-1969. In *Topoi*, v. 14, n. 26, jan./jul. 2013.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Modernizando a repressão: a Usaid e a polícia brasileira. *Rev. Bras. Hist.*, São Paulo, v. 30, n. 59, p. 237-266, June 2010. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882010000100012&lng=en&nrm=iso. Acesso em 05 Out. 2020.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Os olhos do regime militar brasileiro nos campi. As assessorias de segurança e informações das universidades. *Topoi* (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 9, n. 16, p. 30-67, June 2008. Available from Disponível em 101X2008000100030&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 14 Nov. 2020.

NUNOMURA, Eduardo Yoshio. O mensalão impresso: o escândalo político-midiático do governo Lula nas páginas de Folha e Veja. 2012. Dissertação (Mestrado em Estudo dos Meios e da Produção Mediática) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. doi:10.11606/D.27.2012.tde-18122012-125216. Acesso em: 2020-10-13.

OLIVEIRA e OLIVEIRA, OLIVEIRA, Carlindo Rodrigues de; OLIVEIRA, Regina Coeli de. Direitos sociais na constituição cidadã: um balanço de 21 anos. *Serv. Soc. Soc.*, São Paulo, n. 105, p. 5-29, Mar. 2011. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-66282011000100002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 25 set. 2020.

ORLANDI, Eni P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2006.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

QUIJANO, Anibal. *Colonialidade do Poder, Eurocentrismo e América Latina*. Buenos Aires: Clacso, 2005.

REIMAO, Sandra. "Proíbo a publicação e circulação..." - censura a livros na ditadura militar. *Estud. av.* São Paulo, v. 28, n. 80, p. 75-90, Apr. 2014. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142014000100008&lng=en&nrm=iso>. access on 14 Nov. 2020.

RIBERA, Ricardo. A Guerra fria: breves notas para um debate. *Revista Novos r\umos*, Marília, v.49, n. 1, p. 87-106, Jan-Jun 2012.

SILVA, P. N. História, uma disciplina sob suspeita: objetividade e imparcialidade em tempos de Escola Sem Partido e em outros tempos. In: 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. 2019. 17 p., Recife, 2019. Em https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1565713316_ARQUIVO_PatricianogueiraSilva.anpuh2019.pdf

SIMON, Pedro; RODRIGUES, Randolfe. Congresso Nacional: devolução simbólica do mandato presidencial a João Goulart. *Estud. av.*, São Paulo, v. 28, n. 80, p. 137-152, Apr. 2014. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142014000100013&lng=en&nrm=iso>. access on 18 Oct. 2020.

SINGER, André. Brasil, junho de 2013, classes e ideologias cruzadas. *Novos estud.* - CEBRAP, São Paulo, n. 97, p. 23-40, Nov. 2013. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002013000300003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 13 Nov. 2020.

SODRÉ, Muniz. O facto falso: do factóide às fake news. In FIGUEIRA, João e SANTOS, Silvio (Orgs). As fake news e a nova ordem (des)informativa na era da pós-verdade. Universidade de Coimbra, 2019. Em <https://amz.onl/2vY7pEI>

SOUZA, Jessé. A Elite do atraso – da Escravidão a Bolsonaro. Rio de Janeiro : Estação Brasil, 2019. Disponível em <https://amz.onl/1XWrxY8>

SOUZA, Sérgio A. F. Conhecendo a análise de discurso. Manaus: Editora Valer, 2006.

SPINELLI, Egler Muller e RAMOS, Daniela Osvald. Desordem informacional no ecossistema digital das eleições brasileiras de 2018. In FIGUEIRA, João e SANTOS, Silvio (Orgs). As fake news e a nova ordem (des)informativa na era da pós-verdade. Universidade de Coimbra, 2019. m <https://amz.onl/2vY7pEI>

THOMPSON, John B. 1995. Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.

TOLEDO, Caio Navarro de. 1964: o golpe contra as reformas e a democracia. Rev. Bras. Hist., São Paulo , v. 24, n. 47, p. 13-28, 2004 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882004000100002&lng=en&nrm=iso>. access on 18 Oct. 2020.

WEBER, M. H. A Cara Pintada da Política. Comunicação e Cultura Contemporâneas. Rio de Janeiro: Compôs/ Notrya, 1993.

Referências eletrônicas

ALMEIDA, MARCO R. Invasão da PUC de São Paulo durante a ditadura completa 40 anos. FSP, São Paulo, 22 set. 2017. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2017/09/1920684-invasao-da-puc-de-sao-paulo-durante-a-ditadura-completa-40-anos.shtml?origin=folha>. Acesso em 10 out. 2020.

ÁLVARES, D. Na ONU, entidades denunciam 'graves ataques' a direitos humanos no 1º ano de Bolsonaro. HuffPost, São Paulo, 10 mar. 2020. Disponível em: https://www.huffpostbrasil.com/entry/onu-direitoshumanos-bolsonaro_br_5e6825b5c5b60557280d31a2?ncid=other_huffpostre_pqylmel2bk8&utm_campaign=related_articles. Acesso em 10 mai. 2020.

AMORIM, F e MACHADO, R. Golpe de 64: 'Marcha da Família com Deus pela Liberdade' completa 50 anos; saiba quem a financiou e dirigiu. OperaMundi, São Paulo, 21 mar 2014. Disponível em <https://operamundi.uol.com.br/politica-e-economia/34445/golpe-de-64-marcha-da-familia-com-deus-pela-liberdade-completa-50-anos-saiba-quem-a-financiou-e-dirigiu>. Acesso em 10 out. 2020.

AVILA, A. L. Qual passado usar? A historiografia diante dos negacionismos (artigo). In: Café História – história feita com cliques. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/negacionismo-historico-historiografia/>. Publicado em: 29 abr. 2019. Acesso em: 10 mai. 2020.

BOECHAT, J. Combate ao negacionismo historiográfico confronta o obscurantismo que ameaça a democracia, diz historiador. Casa de Oswaldo Cruz, FioCruz, São paulo, 09 mar. 2020. Disponível em: <http://coc.fiocruz.br/index.php/en/todas-as-noticias/1753-combate-ao-negacionismo-historiografico-visa-confrontar-o-obscurantismo-que-ameaca-a-democracia-diz-historiador.html#.Xr8v89KJLIU>. Acesso em 10 mai. 2020.

BORGES, Rodolfo. Serviço secreto soviético considerou causar guerra civil no Brasil em 1961. El País, São Paulo, 06 jun. 2018. Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/04/politica/1528124118_758636.html?id_externo_promo=enviar_email. Acesso em 10 out. 2020

CARREIRA, A. Bolsonaro, Ustra e a naturalização da barbárie. Revista Cult, UOL, São Paulo, 07 nov. 2029. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/bolsonaro-ustra-e-a-naturalizacao-da-barbarie/>. Acesso em 10 mai. 2020.

CASTRO, G. Bolsonaro enaltece aniversário do golpe militar de 1964: ‘Dia da liberdade’. HuffPost, São Paulo, 31, mar, 2020. Disponível em: https://www.huffpostbrasil.com/entry/bolsonaro-aniversario-golpe_br_5e837683c5b6d38d98a5c01b. Acesso em 10 mai. 2020.

CASTRO, G. Visão simplista da política fortalece discurso de Bolsonaro contra Congresso. HuffPost, São Paulo, 28 mai. 2019. Disponível em: https://www.huffpostbrasil.com/entry/bolsonaro-discurso-simplista_br_5cec5e1de4b0512156f66274. Acesso em 10 mai. 2020.

CHARLEAUX, J. P e CORSALETTE, C. Por que a ‘ameaça comunista’ ainda é usada na eleição. Nexo Jornal, São Paulo, 29, out, 2018. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/10/26/Por-que-a-%E2%80%98amea%C3%A7a-comunista%E2%80%99-ainda-%C3%A9-usada-na-elei%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em 10 mai. 20.

CIDH, Caso 11.552 Julia Gomes Lund e outros (Guerrilha do Araguaia). Organização dos Estados Americanos. Washington, DC, 2009. Disponível em <http://www.oas.org/pt/cidh/decisiones/corte/caso11552port.doc>. Acesso em 15 out. 2020.

CIDH, Relatório Nº 71/15, Caso 12.879. Mérito. Vladimir Herzog e outros. Organização dos Estados Americanos. Brasil, 28 de outubro de 2015. Disponível em <http://www.oas.org/es/cidh/decisiones/corte/2016/12879fondopt.doc>. Acesso em 15 out. 2020.

CRUZ, Bruna. PL das Fake News : aprovado no Senado, entenda o que pode mudar. UOL, São Paulo, 30 jun. 2020. Disponível em <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2020/06/30/com-44-votos-senado-aprova-pl-das-fake-news.htm>. Acesso em 10 set. 2020.

DA SILVA, S. N. Coronavírus e fake news: duas pandemias a serem evitadas. Portal da ECA – Universidade de São Paulo, São Paulo, 19 mar. 2020. Disponível em <http://www3.eca.usp.br/noticias/coronav-rus-e-fake-news-duas-pandemias-serem-evitadas>. Acesso em 28 mai. 2020.

DESIDÉRIO, Mariana. Os empresários que apoiam a candidatura de Bolsonaro. Exame, São Paulo, 27 set. 2018. Disponível em <https://exame.com/negocios/os-empresarios-que-apoiam-bolsonaro/>. Acesso em 20 set. 2020.

DE OLIVEIRA, D. As fake news e a emergência de uma nova sociabilidade. Revista Cult, São Paulo, 22 fev. 2018. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/fake-news-dennis-de-oliveira/>. Acesso em 10 mai. 2020.

FABRINI, F. Procuradoria pede investigação de chefe da Secom por suposta apologia de crime contra humanidade. Gaúcha ZH, Porto Alegre, 06 mai. 2020. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/noticia/2020/05/procuradoria-pede-investigacao-de-chefe-da-secom-por-suposta-apologia-de-crime-contra-humanidade-ck9vs7y2001ok01qlwrjn863a.html>. Acesso em 10 mai. 2020.

FELTEN, Rui. Aconteça o que acontecer, realizei o que queria. Revista Sul 21, São Paulo, 28 mar. 2014. Disponível em <https://www.sul21.com.br/50-anos-do-golpe-civil-militar/2014/03/aconteca-o-que-acontecer-realizei-o-que-queria-afirma-jango-na-central-do-brasil/>. Acesso em 25 set. 2020.

FREITAS, C. 55% de publicações pró-Bolsonaro são feitas por robôs. Valor, São Paulo, 02 abr. 2020. Disponível em: <https://valor.globo.com/politica/noticia/2020/04/03/55-de-publicacoes-pro-bolsonaro-sao-feitas-por-robos.ghtml>. Acesso em: 10 mai. 2020.

HORTA, M. 21 mitos sobre a ditadura militar. Super Interessante, São Paulo, 1 dez. 2017. Disponível em: <https://super.abril.com.br/especiais/21-mitos-sobre-a-ditadura-militar/>. Acesso em 10 mai. 2020.

HORTA, M. Mito : a igreja apoiava a ditadura militar. Super Interessante, 1 out. 2018. Disponível em <https://super.abril.com.br/historia/mito-a-igreja-apoiava-a-ditadura-militar/> . Acesso em 25 set. 2020.

LAGO, Luís A. C. Milagre econômico brasileiro. FGV CPDOC. Disponível em <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/milagre-economico-brasileiro>. Acesso em 21 set. 2020.

MARTINS, Yago. Podcast 368 – Brasil Paralelo (Filipe Valerim). Mises Brasil, São paulo, 22 jul. 2019. Disponível em <https://www.mises.org.br/FileUp.aspx?id=592>. Acesso em 26 set. 2020.

MERCIER, D. Bolsonaro endossa ato pró-intervenção militar e provoca reação de Maia, STF e governadores. El País, São Paulo, 19 abr. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/politica/2020-04-19/bolsonaro-endossa-ato-pro-intervencao-militar-e-provoca-reacao-de-maia-stf-e-governadores.html>. Acesso em: 10 mai. 2020.

NEHER, C. O negacionismo histórico como arma política. DW, São Paulo, 03 abr. 2019. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/o-negacionismo-historico-como-arma-politica/a-48060402>. Acesso em: 10 mai. 2020.

NOSSA, L. Curió abre arquivo e revela que Exército executou 41 no Araguaia. O Estado de São Paulo, Tocantins, 20 jun. 2009. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,curio-abre-arquivo-e-revela-que-exercito-executou-41-no-araguaia,390566>. Acesso em 10 mai. 2020.

PAULA, Christiane J. O Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais – IPES. FGV CPDOC. Disponível em https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/artigos/NaPresidenciaRepublica/O_Instituto_de_Pesquisa_e_Estudos_Sociais Acesso em 25 Set. 2020.

QUADROS, Vasconcelo. Atentados de direita fomentaram AI-5. El País, 02 out 2018. Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/02/politica/1538488463_222527.html. Acesso em 21 out. 2020.

QUADROS, Vasconcelo. Para críticos, objetivo do Escola sem partido é reescrever ditadura. Exame, 01 dez. 2018. Disponível em <https://exame.com/brasil/para-criticos-objetivo-do-escola-sem-partido-e-reescrever-ditadura/>. Acesso 10 mai 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A transição em Cuba. Carta Maior, 12 dez. 2006. Disponível em <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Pelo-Mundo/A-transicao-em-Cuba/6/12076>. Acesso em 10 out. 2020.

TEÓFILO, S. Bolsonaro volta a apoiar ato contra STF e diz que “chegou no limite”. Correio Braziliense, Brasília, 03 mai 2020. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/05/03/interna_politica,850889/bolsonaro-volta-a-apoiar-ato-contr-o-stf-e-diz-que-chegou-no-limite.shtml. Acesso em 10 mai 2020.

VALENTE, R. Toffoli critica “indevida invasão” no Executivo e mantém nota sobre golpe. UOL, São Paulo, 05 mai. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/rubens-valente/2020/05/05/toffoli-forcas-armadas-golpe-de-1964.htm>. Acesso em: 10 mai. 2020.

VALIM, P. Combates pela História do Brasil: uma resposta ao revisionismo histórico. Jornal da USP, São Paulo, 11 out. 2019. Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/combates-pela-historia-do-brasil-uma-resposta-ao-revisionismo-historico/>. Acesso em 10 mai. 2020.

VITALE, D. Cidadania e democracia no Brasil. Revista Cult, São Paulo. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/cidadania-e-democracia-no-brasil/>. Acesso em: 10 mai. 2020.

Após derrota no STF, fundador do Escola Sem Partido diz que deixa movimento. UOL, 22 ago. 2020. Disponível em <https://educacao.uol.com.br/noticias/2020/08/22/apos-derrota-no-stf-fundador-do-escola-sem-partido-diz-que-deixa-movimento.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso 10 set. 2020.

Bolsonaro fala em ‘mensagem de cunho pessoal’ mas não rechaça pauta contra Congresso. HuffPost, 26 fev. 2020. Disponível em: https://www.huffpostbrasil.com/entry/bolsonaro-video-contr-a-congresso_br_5e56556cc5b649ec4330a05a. Acesso em 10 mai. 2020.

Corte Interamericana manda Brasil reabrir investigação sobre morte de Herzog. Revista Consultor Jurídico, 04 jul. 2018, Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2018-jul-04/corte-interamericana-manda-brasil-reabrir-investigacao-herzog>. Acesso em 20 mai. 2020.

Direito de resposta Brasil Paralelo. O Globo, Rio de Janeiro, 25 jun. 2019. Disponível em <https://oglobo.globo.com/brasil/direito-de-resposta-brasil-paralelo-23761972>. Acesso em 25 set. 2020

Discurso de Jango na Central do Brasil em 1964. EBC. Disponível em <https://memoria.ebc.com.br/cidadania/2014/03/discurso-de-jango-na-central-do-brasil-em-1964>. Acesso em 19 set. 2020.

Ministro da Defesa divulga nota para exaltar golpe de 1964. Estadão, São Paulo, 31 mar. 2020. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/ministro-da-defesa-divulga-nota-para-exaltar-golpe-de-1964/>. Acesso em 10 mai. 2020

Operação Lava Jato. Wikipedia. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Opera%C3%A7%C3%A3o_Lava_Jato. Acesso em 10 out 2020.

Os principais momentos da CPMI das Fake News, que ampliou racha na base de Bolsonaro. BBC Brasil, São Paulo, 6 mar.2020. disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51745900>. Acesso em 10 set.2020.

Portal da Comissão Nacional da Verdade. 2014. Disponível em <http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/>, Acesso em 10 mai. 2020.

Todas as declarações de Bolsonaro. Aos fatos. Atualizado em 26 de maio de 2020. Disponível em: <https://aosfatos.org/todas-as-declara%C3%A7%C3%B5es-de-bolsonaro/> . Acesso em 26 de maio de 2020.

Três casos de fake news que geraram guerras e conflitos ao redor do mundo. BBC, São Paulo, 25 abr. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-43895609>. Acesso em 10 mai. 2020.

Vídeo com suspeitas sobre eleições de 2014 usou lei matemática que não prova fraude. Estadão. São Paulo, 10 out. 2018. Disponível em <https://politica.estadao.com.br/blogs/estadao-verifica/video-com-suspeitas-sobre-eleicoes-de-2014-usou-lei-matematica-que-nao-prova-fraude/> Acesso em 25 set 2020.

APÊNDICE A – Transcrição do áudio do documentário

Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=yTenWQHRPIg>

00:05 – Vozes de alunos e professores censurados nas universidades

Eu me manifestei como voluntário para reproduzir esse filme na minha faculdade e eles me disseram que não era possível reproduzir esse filme porque ele não condiz com a diretriz da faculdade.

Mas só que quando o evento não é de extrema esquerda eles apenas alegam que é falta de agenda.

Um professor que era responsável por estes agendamentos, mas aí como já tivemos alguns problemas, passando outros filmes que não são da fala da esquerda, o professor tem sido perseguido o tempo inteiro e hoje ele se encontra impossibilitado de agendar.

Então fui atrás dos diretores da faculdade e obtive praticamente a mesma resposta. Me disseram que o Brasil Paralelo não ia entrar nessa faculdade.

Recebemos informações que esses professores receberam represálias por parte da própria diretoria.

01:06 – Representante da Brasil Paralelo

Esse é o porquê do Brasil Paralelo existir. As nossas produções já levaram informação para mais de 20 milhões de brasileiros, que agora carregam um pouco mais do Brasil dentro de si. O filme que você está prestes a assistir é o resultado do nosso esforço para enfrentar um dos períodos mais conturbados da nossa história. Dezenas de especialistas nos ajudaram a navegar pela bibliografia e documentação, não só do Brasil mas dos Estados Unidos, Polônia, Berlim e República Tcheca. Hoje é o dia que entregamos todo esse conteúdo para você assistir, compartilhar e criticar. Nunca esqueça nós não recebemos dinheiro público. Você é quem financia esse projeto. A busca pela verdade depende do seu engajamento. No site do Brasil Paralelo, você pode se tornar um membro assinante e ter acesso imediato a todo o conteúdo exclusivo que já produzimos. Você também fará parte do núcleo de formação, tendo acesso a todos os nossos cursos. É uma jornada pelas grandes idéias da humanidade. Fique agora com o filme “1964 - o Brasil entre armas e livros” e até breve.

02:15 - Áudios históricos

“Há sob a nossa responsabilidade, a população do Brasil, o povo, a ordem. Assim sendo, declaro vaga a presidência da república!”

“Pela emancipação econômica, pelo justiça, eu levo o povo pelo progresso do Brasil.”

“Cada vez mais de estreita, quero ter a China popular e os Estados Unidos do Brasil.”

“Pela segurança de (incompreensível), pelos malefícios da extrema esquerda (incompreensível) uma direita reacionária”

04:45: Percival Puggina – Escritor e jornalista

É praticamente impossível que alguém que não tenha vivido a Guerra Fria, tenha condições de avaliar as condições pelas quais foram possíveis os acontecimentos no mês de março de 1964, porque o cenário mundial era completamente diferente do cenário de hoje. O ambiente social era completamente diferente, as tensões sob as quais se vivia naquele período.

05:16 - Narrador

Durante a segunda metade do século, as duas maiores potências mundiais se enfrentaram sem confronto direto: a Guerra Fria. Depois de seis anos da segunda guerra mundial, 60 milhões de mortes arrasaram a Europa. Duas grandes potências saem vencedoras, os Estados Unidos e a União Soviética. Os dois países pertenciam aos aliados que derrotaram a Alemanha nazista e o Império do Japão.

05:44 - Percival Puggina – Escritor e jornalista

Mas tão logo terminou, se armou a confusão, porque entre os vencedores estavam dois inimigos fígadais - Estados Unidos e a União Soviética - que se enfrentavam em tudo e passaram a se enfrentar com muito mais intensidade.

06:01 - Narrador

A União das Repúblicas Socialistas Soviéticas é resultado do avanço da Rússia comunista e já dominava 15 países.

06:09 - Fernão Mesquita – Jornalista

E continua tomando a Europa e o que mais ele podia e todos os países balcânicos.

06:17 – Narrador

1917 - Assaltos a bancos e agitações nos quartéis do exército imperial russo. A revolução assassina brutalmente a família imperial Romanov para implementar uma ditadura que tinha Lenin como Deus e Stalin e Trotsky como papas vermelhos. Os soviéticos desenvolvem um plano para conquistar o mundo e implantar o comunismo em todos os países. O reino do terror vermelho se espalha nas décadas seguintes. O Holodomor e os Gulags são alguns dos genocídios que resultam das ditaduras totalitárias. A doutrina iniciada por Lenin é levada adiante por Stalin.

06:56 – Flávio Morgenstern – Escritor

Ainda não tinha essa visão de abrir os arquivos de Moscou, saber o que era comunismo, saber o que era um Gulag, saber o que era o Holodomor como nós sabemos hoje.

07:06 – Narrador

Do outro lado do mundo, o ocidente. Os Estados Unidos da América construíram uma democracia liberal baseada na sociedade de mercado e dos valores cristãos. A maior indústria, a maior economia do mundo é também o único país a ter armas nucleares. Sendo a força imprescindível que derrotou os nazistas. Os Estados Unidos surgem no pós-guerra na liderança do ocidente. Para reativar a economia dos países europeus devastados, os americanos propõe o Plano Marshall, oferecendo empréstimos a juros baixos

07:36 – Hélio Beltrão – presidente do Instituto Mises Brasil

Então todo o ouro migrou para os Estados Unidos. Fazia sentido que os Estados Unidos virasse então o centro, a referência mundial de reservas e de moeda e foi isso que aconteceu.

07:54 - Narrador

1945 - Com o término da Segunda Guerra Mundial se aproximando, Franklin Roosevelt, Winston Churchill e Josef Stalin se reúnem na Conferência de Yalta para discutir as fronteiras da Europa depois da devastação nazista. Churchill deixa claro sua intenção de que eleições livres ocorram nos países do centro e do Leste Europeu, especialmente na Polônia e na Tchecoslováquia

08:18 Vladimir Petrilák – Autor do livro “1964: o elo perdido”

E depois da guerra foram poucos aqueles que perceberam que os soviéticos não nos trouxeram a liberdade, mas sim a escravidão. E os comunistas durante esse primeiro período pós-guerra tinham uma grande confiança por parte da sociedade e eles abusaram dessa confiança e a usaram para realizar a “Ditadura do Proletariado”, como assim era chamada, mas se tratava da ditadura de um partido político e o desrespeito a todos os direitos de cidadania.

08:49 – Narrador

Apesar de assinar o pacto com Churchill e Roosevelt, Stalin tem outros planos que ficaram claros ao enviar tropas à Polônia para eliminar toda a oposição ao partido comunista, estabelecendo um governo pró-soviético. Invasões militares soviéticas aconteceram nesse período também na Bulgária, Tchecoslováquia, Romênia e Hungria. Todos com ditadores que respondiam direto a Moscou

09:13 – Rafael Nogueira – Historiador

O primeiro objeto de preocupação dele era a moda Rússia, era o crescimento orgânico da Rússia em direção das repúblicas próximas, vizinhas, fronteiriças, para espalhar ali o seu ideário comunista, porque ali ele podia exercer controle direto.

09:35 - Narrador

1946 - Foi Churchill o primeiro a falar da cortina de ferro ao se referir à invasão e controle da União Soviética sobre os países do centro e Leste Europeu.

09:42 – William Waack – Jornalista

O comunismo na Europa só existiu onde o exército dele pisou. Não há exemplo de país comunista que tivesse escolhido ser comunista. Foram obrigados a ser comunistas pela conquista do exército vermelho.

09:57 – narrador

1948: A Alemanha aceita o empréstimo proposto pelos americanos para salvar sua economia. Em resposta os soviéticos bloqueiam todas as rotas terrestres que dão acesso à Berlim. Os americanos não aceitam a intervenção russa e continuam o abastecimento por vias aéreas. Enfurecidos, os soviéticos dividem o país em duas nações, criando a Alemanha Ocidental e a Alemanha Oriental.

1961: O maior símbolo dessa divisão ideológica é construído. O muro de Berlim serve para impedir que os alemães fujam para o lado ocidental. A República Federal da Alemanha segue as políticas do ocidente, que adota o modelo capitalista de economia de mercado. Em contraste, a República Democrática Alemã cai nas mãos um regime comunista fechado. Tudo está nas mãos do governo.

1949 - Os países subjugados do Leste Europeu passam a operar como estado satélites. Não pertencem à União Soviética, mas obedecem às ordens de Stalin.

10:58 – Renor Filho – Pesquisador StB no Brasil

O partido comunista da União Soviética comandava os partidos comunistas dos outros países. Isso não tenho dúvida, que os partidos comunistas desses países controlavam seu aparato de repressão.

11:11 Narrador

A qualquer revolta, o protesto contra Moscou era brutalmente reprimida pelo exército vermelho. Os presos eram mortos, torturados.

11:20 – Petr Blazek – Historiador Ph. D.

Após o ano de 1945, a Tchecoslováquia foi soviétizada aos poucos e não foi um impacto tão brutal como na Hungria e na Polônia, por exemplo, onde o comunismo foi levado na ponta da baioneta ou nos tanques.

11:38 - narrador

As tensões aumentam e o medo se espalha pelo mundo. As duas ideologias passam a disputar cada palmo do planeta terra. Nos campos da ciência, da indústria, do espaço, do esporte e da força bélica. A União Soviética produz a sua primeira bomba atômica, agora as duas potências tinham força para explodir o mundo. Um conflito direto seria o último.

12:01 – William Waack – jornalista

Esses dois lados da Guerra Fria: de um lado, o equilíbrio internacional planetário em torno da dissuasão do terror nuclear e do outro do ponto de vista das idéias.

12:13 – Narrador

No mesmo ano, países ocidentais criam a OTAN, uma aliança militar para combater a ameaça comunista, que agora era nuclear.

12:21 – Percival Puggina – Escritor e Jornalista

Tomou conta da opinião pública mundial, era assunto dos jornais: a ameaça nuclear dos países dos dois blocos que se constituíram logo após o término da Segunda Guerra Mundial e que começaram a se armar loucamente, estocando armamento nuclear e procurando pontos estratégicos.

12:39 – Narrador

Na China, depois de três anos de guerra civil, a revolução vence os nacionalistas que se refugiam em Taiwan. A União Soviética ganhou um aliado importante.

12:52 – Flávio Morgenstern – Escritor

Mao falou: eu vou tomar o poder, eu vou aplicar os princípios marxistas ao kã

13:00 – Narrador

1950: A Coreia do Norte armada pela União Soviética e pela China atacam a Coreia do Sul, que se salva ao receber a ajuda de uma coalizão liderada pelos Estados Unidos. Depois de três anos de conflito, o cessar fogo interrompe a guerra, mas deixa mais um país dividido em dois.

13:17 Percival Puggina – Escritor e jornalista

Ficou a parte norte com a Rússia e a partir do sul com os Estados Unidos. Se alguém quer saber o que dá o comunismo e o que dá uma economia aberta, dá uma olhada nos dois países 70 anos depois. Mas não precisa recuar tanto tempo. Poucos anos depois já se notavam a diferença.

13:36 – Narrador

O mundo assistia guerras civis e revoluções comunistas pelo mundo todo, como no Vietnã, Prússia, Turquia, Espanha e futuramente no Irã, Nicarágua, Argentina, Cuba, Egito, diversos países da África, Itália, Guatemala, Haiti, Paraguai, Filipinas, Chile e Indonésia, entre dezenas de outros conflitos.

13:57 – Percival Puggina – Escritor e jornalista

Mostrar que se a guerra é dita fria, ela tinha uma temperatura altíssima em alguns lugares do planeta.

14:05 – Luiz Felipe Pondé – Filósofo e escritor

Na verdade era guerra by proxy como falam os americanos, era o tempo inteiro guerra by proxy. Você tinha algum país ou algum grupo representando A e o outro representando o B e esses dois proxy ficavam brigando, mas na verdade quem estava frio era a União Soviética e os Estados Unidos, por detrás alimentando esse processo.

14:28 – Narrador

1955: A União Soviética organiza sua própria aliança militar, o Pacto de Varsóvia. A corrida armamentista aumenta e a União Soviética instala mísseis apontados para toda a Europa. As nações européias fazem o mesmo.

14:41 - Percival Puggina – Escritor e jornalista

As forças militares do lado democrático do ocidente se organizaram na OTAN e as forças militares do lado comunista se organizaram no Pacto de Varsóvia.

14:54 – Narrador

1959: Os Estados Unidos protegem as Américas do comunismo. Até que Fidel e sua guerrilha tomam o poder em Cuba e declaram aliança com a União Soviética. É o primeiro país do continente americano a cair nas mãos de Moscou e seria base de treinamento para sua expansão a toda a América Latina.

15:15 - Percival Puggina – Escritor e jornalista

A Revolução Cubana e a chegada de Fidel Castro ao poder aguçou as preocupações de todo o ocidente e de toda a América livre não comunista em relação ao risco que representava e começou a exportar a revolução para outros países da América Latina.

13:34 - Narrador

1962: Soldados, navios e mísseis soviéticos são enviados à Cuba e apontados em direção aos Estados Unidos. A marinha americana se posiciona e as duas potências estão a um passo de estourar um conflito direto. A única coisa que impede a terceira guerra mundial é o medo da bomba atômica. Cada bomba desenvolvida pela União Soviética, possui em média 50 megatons, que é 16 vezes maior que toda a força explosiva de todas as bombas e balas usadas por todos os exércitos na Segunda Guerra Mundial.

Após intensas negociações os mísseis são retirados, mas o conflito está longe de terminar. A revolução contra o ocidente contava com forças ocultas que operavam nas sombras. Era a era dos serviços secretos. Lenin afirmava que a única moral que os comunistas reconhecem é aquela

que servem aos próprios interesses. Essa visão permitiu que a União Soviética fizesse da mentira sua política pública número um.

A mentira ganhou forma na propaganda e na tática da desinformação. A desinformação é uma mentira não contada pelo mentiroso, mas por outra fonte, uma fonte legítima em que a vítima da mentira confia. Essa tática não apenas dificulta o discernimento da realidade, mas também faz com que a mentira tenha uma vida própria, até que, repetida muitas vezes, torna-se parte da história. Se durante a guerra do Vietnã, o jornal da União Soviética veiculasse uma matéria dizendo que os americanos cometeram atrocidades contra o povo vietnamita, o ocidente poderia reconhecer isso com uma mentira ou propaganda anti-americana em função da Guerra Fria. Já se um soldado americano contar a mesma história para um jornal de seu país, a credibilidade é muito maior. Desde o final da Segunda Guerra Mundial, a desinformação soviética é a arma secreta mais efetiva na sua batalha contra a sociedade ocidental. Depois da morte de Stalin em 1953, os líderes soviéticos optam pela fusão de várias polícias em uma só. O serviço secreto de espionagem, a contra espionagem e a polícia secreta se uniu na organização que ficou conhecida pela sigla KGB.

A KGB tinha carta branca do governo para ser a própria lei, obtendo as informações que quisessem pelos meios que fossem necessários. Era o serviço de inteligência e segurança mais completo do mundo, contando fichas e registros de políticos, acadêmicos e artistas do mundo inteiro.

18:01 – Willian Waak - Jornalista

Elas tinham domínio total sobre as biografias, as vidas, as atividades e, evidentemente, as posições políticas e ideológicas de cada um dos integrantes dessa grande estrutura.

18:10 – Narrador

Estes agentes também se dedicavam a influenciar a política, divulgando material pró-comunista, incitando a formação de guerrilhas, protestos e revoluções.

18:20 – Petr Blazek – Historiador Ph. D.

É possível dizer que a partir dos anos 60, em todos os países começaram a prevalecer métodos de controle da sociedade que não estavam mais conectados a violência, mesmo que a violência ainda tivesse um papel importante. Mas o fundamental foi o controle da sociedade, a criação de um vasto sistema de agentes, rede, que habilitou uma fluidez de informação sobre a sociedade.

18:51 – Narrador

Nas décadas seguintes, em quase todas as eleições dos quatro cantos do mundo, a União Soviética e a inteligência americana estariam envolvidos com partidos opostos

19:01 – Andrezej Wojtas – Escritor e redator-chefe

Exemplo a Guerra Civil Espanhola, onde durante três anos quem dava as cartas do lado republicano eram os serviços especiais soviéticos.

19:15 – Narrador

O sucessor de Stalin, Nikita Khrushchev, usa a KGB como frente de batalha na Guerra Fria. Khrushchev se torna um forte militante anti-americano. Em uma reunião da ONU afirmou que iria enterrar os Estados Unidos. Na luta por influência global, os países de terceiro mundo também viraram alvo de operações dos serviços secretos soviéticos. O final da Segunda Guerra leva a uma mudança da estrutura geopolítica, dando origem a novos Estados nacionais por todo o globo. O mapa-múndi passa a ser o campo de batalha, onde americanos e soviéticos medem forças em busca de influência sobre o resto do mundo.

19:49 – Percival Puggina – Escritor e Jornalista

E dentre os países do ocidente, aqueles mais vulneráveis politicamente, mais vulneráveis, com instituições mais fracas. Adivinha para onde? Eles vieram para a América do Sul e para a África, pra América Central.

20:05 – Leszek Pawlikowicz – Historiador e escritor

Todos os países do bloco leste e todos os seus serviços de inteligência cumpriam um papel de serviços em relação à central de Moscou.

20:20 – Renor Filho – Pesquisador StB no Brasil

A República Socialista da Tchecoslováquia tinha a STB, a Romênia tinha a Securitate, a Alemanha Oriental tinha a Stasi, Cuba tinha o DGI (Direção Internacional de Inteligência).

20:36 – Narrador

Se existiam agentes soviéticos infiltrados até na CIA e no FBI, no coração do inimigo, o resto do mundo não era um desafio maior. Havia propaganda soviética, desinformação e medidas ativas por todo o globo.

Em 1919, ocorreu o congresso que reuniu diferentes correntes do comunismo no mundo inteiro. Seu objetivo era colocar em prática o plano de expansão mundial do comunismo. Foi desenvolvido um estatuto que estabeleceu condições para a filiação de partidos comunistas. Nos anos seguintes, começaram a brotar pelo mundo diversos partidos que seguiam à risca essas condições, que incluíam:

- o dever revolucionário de fazer propaganda legal e ilegal para promover a agitação;
- o dever de levar a ideologia para dentro dos sindicatos e cooperativas para conduzir as massas operárias à revolução;
- financiar sem reservas todas as repúblicas soviéticas em sua luta contra os conservadores e - acatar de forma obrigatória todas as decisões da Internacional Comunista.

O Brasil, país de dimensões continentais, fronteira com quase toda a América do Sul e rico em recursos naturais, não ficou de fora da guerra ideológica. Em 25 de março de 1922 em Niterói é fundado o Partido Comunista Brasileiro – PCB - obedecendo todas as condições impostas pelo estatuto.

21:53 – Wiliam Waak - Jornalista

Ele demonstra que o PCB nunca teve vida própria. Ele sempre foi uma seção da Internacional Comunista. E era assim mesmo que o movimento comunista internacional se entendia nas décadas de 20 e 30, como um movimento que instauraria o comunismo no planeta. Na Argentina, no Chile, no Brasil, na Alemanha, na Itália, na China, nos Estados Unidos, onde fosse. Todos eles estavam subordinados às diretrizes rígidas de Moscou.

22:23 – Narrador

Luiz Carlos Prestes, residente da União Soviética, voltou clandestinamente para o Brasil com o objetivo de realizar um golpe revolucionário. A primeira tentativa de tomada do poder aconteceu no ano seguinte pela Intentona Comunista. A revolução falha e Prestes e os conspiradores são presos. Poucos anos depois, Prestes se elege como senador.

22:40 – Rafael Nogueira – Historiador

Ele foi entrevistado por uma jornalista e a jornalista pergunta pra ele: Só supondo, senador, se houvesse uma guerra entre Brasil e União Soviética, de qual lado o senhor ficaria? E ele

disse: Olha, eu ficaria do lado da União Soviética, porque a União Soviética representa a classe dos trabalhadores. Não é já uma questão nacional, é uma questão de união de classes. Beleza, não importa a explicação. O que o povo entende? Numa guerra entre Brasil e União Soviética, o cara ficaria contra o Brasil.

23:12 – Narrador

Após as invasões e a imposição do regime totalitário no Leste Europeu, o Brasil rompe relações diplomáticas com a União Soviética e cassa o registro do PCB. Apesar da ilegalidade, a estrutura do partido não foi tocada. Jornais, assim como livros e publicações correm livremente. O PCB entrou para a ilegalidade no papel, mas permaneceu na legalidade de fato. Foi nessa legalidade de fato que os agentes soviéticos avançaram na estrutura de poder brasileiro. A conspiração para transformar o Brasil em uma república socialista contava agora com a ajuda internacional. O que se sabe sobre as ações das polícias secretas soviéticas é apenas uma peça de um grande quebra cabeça. Foi na República Tcheca que um pesquisador brasileiro encontrou parte da história até então desconhecida no Brasil. O que se descobriu é que os países satélites da União Soviética sempre mantiveram os olhos e os pés no território tropical.

24:07 - Laudelino Lima – Administrador do site “A Verdade Sufocada”

Bom, março de 2014, eu estava em casa me preparando para dormir, aquele soninho batendo, eu mexendo no celular, vendo mensagem, apagando spam e quando eu vi uma mensagem vindo direto do site A Verdade Sufocada. Eu já era administrador do site já tinha 8 oito anos, né? Quando me surge na caixa postal uma mensagem de um tal de Mauro Abranches. Vamos ver que mensagem é essa. Aí ele está escrevendo lá que é brasileiro e mora na Polônia e que está dentro dos arquivos da KGB, da STB Tcheca, traduzindo material de infiltração do que aconteceu no Brasil entre os anos 50 e os anos 80, já mandou email para um monte de gente, ninguém responde, está quase desistindo do trabalho... Quando eu acabo de ler esse e-mail, eu dou um pulo na cama, que o senso de urgência ligou todas as sirenes dentro da cabeça, eu dei um pulo da cama que eu lembro do barulho da hélice de ventilador de teto passando perto da minha cabeça, né? Então eu parti direto para o computador porque eu não queria que aquele cara que acabou de me mandar um e-mail, ele fechasse o computador, eu tinha que responder para ele naquele instante, pegar ele online.

25:24 – Mauro Abranches Kraenski – Pesquisador e autor do livro “1964- o elo perdido”

Pesquisando sobre comunismo no Brasil, através da internet, etc, mais cedo ou mais tarde, leva você aos acontecimentos relacionados com o ano de 1964. Nesse contexto foi possível observar uma significativa quantidade de comentários, artigos, nomes de livros que chamava a atenção para a presença americana, influência americana naqueles acontecimentos, CIA e etc. O curioso é que não havia praticamente nada sobre o outro lado, ou seja, sobre eventual atuação de países ou serviço de inteligência de países da chamada cortina de ferro. Como sabemos que uma guerra tem dois lados, isso é no mínimo estranho. Para ser justo, é preciso afirmar que somente encontrei uma pessoa que falava sobre a importância do estudo desse assunto que era o professor Olavo de Carvalho.

26:27 – Olavo de Carvalho - Filósofo e escritor

A pesquisa do Mauro Abranches, embora ele seja sempre muito discreto, muito cuidadoso para não acusar pessoas injustamente, dá pra você ver a quantidade de agentes que tinha lá dentro. Então, o tamanho da gritaria contrasta com o tamanho dos documentos do outro.

26:49 – Mauro Abranches Kraenski – Pesquisador e autor do livro “1964- o elo perdido”

Quando percebi a imensidão da informação, relacionada com brasileiros que ali havia, o plano de escrever algum artigo sobre o assunto, um pequeno comentário já não era possível de ser realizado, era necessário buscar ajuda de alguém. E foi assim que recebi o contato do senhor Vladimir Petrilák

27:10 – Vladimir Petrilák – Autor do livro “1964: o elo perdido”

Descobrimos que nesses arquivos em Praga, existe um arquivo muito rico sobre o Brasil, e não somente, que descreve uma boa parte da história, sendo que essa fonte não havia sido até hoje estudada no Brasil. Ninguém sabia sobre ela. E que, até o ano de 1989, eram materiais ultrassecretos, que a partir do ano de 2006-2007 já podiam ser pesquisados. E trata-se do período de tempo de 1952 até o início do ano de 1971, depois um pouco do final dos anos 80 também. Ou seja, um bom pedaço da história do século 20.

27:55 - Renor Filho – Pesquisador StB no Brasil

O trabalho de pesquisa então foca nos arquivos do instituto para o estudo dos regimes totalitários de Praga, certo? Esse é a instituição que guarda os documentos do antigo serviço secreto do bloco comunista.

28:14 – Svetlana Ptacnikova – Diretora do Arquivo de Serviço de Segurança de Praga

Meu nome é Svetlana Ptacnikova, diretora do Archiv Bezpečnostních Slozek (Arquivos das Forças de Segurança). O Arquivo das Forças de Segurança é uma instituição que foi criada através da Lei 181/2007 e une sob o mesmo telhado, a manutenção, relatório e processamento de arquivos da STB do Regime Comunista da Tchecoslováquia, contendo 20 quilômetros de papel, como por exemplo, arquivos de inteligência e contra-espionagem militar.

28:44 - Vladimir Petrilák – Autor do livro “1964: o elo perdido”

A STB, ou seja, a segurança estatal, foi uma potente polícia secreta tchecoslovaca, que foi formada pelo Regime Comunista e era subordinada ao Partido Comunista, que possuía vários departamentos. Quanto às nossas pesquisas, o mais importante é o diretório 1, o primeiro diretório, ou seja, o serviço de inteligência no exterior. Ou seja, a seção que se ocupava da América do Norte e da América Latina.

29:16 – Renor Filho – Pesquisador StB no Brasil

Talvez não se lembrem muito do que foi a Tchecoslováquia. Hoje a gente tem a República Tcheca e a Eslováquia, países independentes, mas a Tchecoslováquia de 1948 a 1989, ela foi uma república socialista, um regime autoritário, que atualmente é condenado por crimes contra os direitos humanos.

29:37 – Petr Blazek – Historiador Ph. D.

Nós tivemos o Regime Comunista por mais de 40 anos, onde aconteceu uma grande quantidade de crimes. E muitos passaram pela desapropriação de bens, que começou antes de 1948. Aconteciam experimentos sociais que geravam muitas vítimas. A STB deixou uma vasta documentação, onde podemos realmente descobrir o destino de milhões de pessoas.

30:08 – Mauro Abranches Kraenski – Pesquisador e autor do livro “1964- o elo perdido”

São esses funcionários da inteligência que foram enviados para o Brasil que escreveram esses relatórios. Em seus relatórios, em seus documentos, na troca de correspondência com a central em Praga. Nós estamos apenas fazendo o trabalho de descrever o que há nesses documentos. Segundo esses documentos, sim a STB atuou no Brasil e realizou, por exemplo, operações de influência, de política de influência, reuniu informações, recrutou cidadãos brasileiros para

colaboração. Encontramos várias pastas de objetos de interesse relacionados com o Brasil. Aqui eu posso citar o governo e o parlamento, ministério de relações exteriores, instituições científicas, Petrobras, clube militar, forças armadas, partidos políticos, ligas camponesas e muitos e muitos outros.

31:01 - Vladimir Petrilák – Autor do livro “1964: o elo perdido”

Para que esse serviço de inteligência pudesse funcionar em um dito país, era necessário que eles abrissem um tipo de base, e isso se chamava, segundo o modelo soviético, rezidentura. Geralmente, essas rezidenturas eram formadas junto às embaixadas, escritórios de linhas aéreas ou até representações comerciais, mas, principalmente, junto às embaixadas. Quanto a existência dessa célula do serviço de inteligência nas embaixadas, somente o embaixador sabia a respeito e mais ninguém. Isso era oculto e secreto. Então, os funcionários profissionais do serviço de inteligência, ou seja, os espões da Tchecoslováquia, passavam por um treinamento curto de diplomacia para que pudessem fingir serem diplomatas. Mas, na realidade, a principal atividade deles era o trabalho de espionagem. Começaram a formar sua rede de informantes. Mas aqueles que colaboraram com a rezidentura, primeiramente no Rio de Janeiro, e depois em Brasília, estes foram bem úteis e valiosos, pois conheciam muitas pessoas interessantes entre os brasileiros de diferentes ambientes. Por exemplo, políticos, jornalistas, pessoas de negócios, etc. E eles ajudavam a, digamos, “pescar” potenciais futuros colaboradores interessados. Entre os quais, depois, os funcionários da inteligência, poderiam se concentrar.

32:30 – Renor Filho – Pesquisador StB no Brasil

Eles tinham um trabalho muito sistemático de recrutamento dos colaboradores e dos agentes. Você tinha colaboradores secretos, você tinha colaboradores ideológicos e tinha uma outra classificação que eles davam para as pessoas de colaboradores inconscientes, chamados de figurantes.

32:49 – Mauro Abranches Kraenski – Pesquisador e autor do livro “1964- o elo perdido”

Encontramos informações que permitem afirmar, segundo esses documentos, que não somente a STB estava presente, atuando no Brasil, mas também serviços de outros países do bloco socialista ou comunista. Afirmações que confirma a presença, por exemplo, de serviço de inteligência da Polônia comunista, da Alemanha Oriental, da China, de Cuba, inclusive da União Soviética, a própria KGB. Nós pesquisamos os documentos da STB, Serviço de Inteligência da República Socialista da Tchecoslováquia. Nós não sabemos o que, eventualmente, esses outros serviços de inteligência, de outros países socialistas, fizeram no Brasil. Então podemos tratar esse nosso trabalho, provavelmente como somente uma parte de atuação de serviços comunistas no Brasil, inclusive antes do ano de 1964.

33:30 - Vladimir Petrilák – Autor do livro “1964: o elo perdido”

Acho importante dizer que não temos apoio de nenhuma instituição, órgão científico ou governamental. Nós somos pessoas privadas que se ocuparam de um tema que até hoje ninguém mais estudou.

34:12 - Petr Blazek – Historiador Ph. D.

Não tenho muita certeza se isso nos ajuda a evitar um outro Regime Totalitário, que certamente voltará a acontecer. A humanidade sempre inventa novos jeitos. Mas acredito que o estudo dos documentos poderá ajudar a passar as experiências para as próximas gerações, sobre como o sistema funcionou.

34:34 - Andrezej Wojtas – Escritor e redator-chefe

Em minha opinião, este é um livro muito importante porque é primeiramente verdadeiro: somente a verdade interessa. Graças a esse livro, qualquer tipo de mito elaborado torna-se falsificação, e não há nada melhor que o choque das imaginações com a realidade. Esta realidade muitas vezes é brutal. O fato é que grandes intelectuais, escritores, poetas, líderes de movimentos, foram, de fato, pessoas corruptas. Foram pessoas que não somente receberam dinheiro, de uma forma cínica, sem escrúpulos, mas também traíram seu país e sua nação, pois lhe venderam ilusões, com dinheiro estrangeiro.

35:50 – Narrador

A vitória da revolução cubana intensificou as atividades comunistas na América Latina. A revolução vermelha estava mais perto. O Brasil já dava seus próprios sinais de inclinação à esquerda. No mesmo ano, a capital foi transferida para o centro do país.

36:08 – Alexandre Borges – Diretor do Instituto Liberal e escritor

Você tem esse ambiente ideológico muito polarizado, no mundo e no Brasil, e em 1955, a eleição do Juscelino Kubitschek que agrega muitos dos filhos do varguismo e da esquerda. Vai levar, inclusive, à construção de Brasília entregue ao Oscar Niemeyer em um projeto muito esquerdista de poder, de tirar a política, por exemplo, do Rio de Janeiro, de tirar de perto da população e você encomenda um projeto urbanístico de esquerdistas, de stalinistas, para fazer uma capital totalmente de concreto, sem esquinas, com grandes avenidas, com palácios, onde os políticos podem viver numa redoma, numa ilha, distanciados da população, porque eles são esses iluminados que tem uma visão inacessível à população, população não vai entender.

37:01 – Olavo de Carvalho - Filósofo e escritor

Por exemplo, se você pega o Palácio do Catete no Rio de Janeiro, você abriu a porta do Palácio do Catete, está na rua, está no meio do povão. Agora em Brasília não, você tem um lago, tem uma distância, tem não sei o que. Quer dizer, o presidente é o inatingível, está no Olimpo. A cidade foi feita pra isto, a concepção dos caras é esta, você não faz isto a não ser que você tenha um plano na cabeça. E, evidentemente, o Niemeyer tinha um plano na cabeça.

37:31 - Narrador

Refletindo o modelo do livro A Cidade Comunista Ideal, escrito por dois arquitetos soviéticos, Brasília evidenciava o caminho que o país e sua mentalidade estava sendo levado. Os cofres públicos não ficaram impunes a construção da nova capital, a mentalidade desenvolvimentista também estava presente em vários setores da economia. O plano de fazer 50 anos em 5 causou o congelamento de salários, agravamento da inflação, e também foi a primeira vez que ouvimos falar de calote ao FMI.

38:00 – Lucas Berlanza – Jornalista e escritor

Ao mesmo tempo, uma figura começava a despontar em São Paulo, já tinha sido governador, despontava e com o discurso dele “varre, varre, vassourinha”, combater a corrupção, ganhou uma proporção muito grande no país

38:16 – Rafael Nogueira – Historiador

E ele sabia fazer o tal do teatro que o político precisa pra convencer o povo. Ele punha talco pra fingir, para simular a caspa, ele comia pão com mortadela sentado na calçada, ele, quando falava pro público, simulava que estava desmaiando de fome, não teve tempo pra comer. Só que ninguém via ele exatamente como esquerda ou direita, sabe essas pessoas que conseguem se transformar em fenômeno político, mas, ao mesmo tempo, você não entende direito qual

era o vínculo dele. A UDN quer capitalizar isso e Lacerda se aproxima dele junto com a UDN, tá? E aí o Jânio Quadros parece que é o candidato da direita.

38:55 - Lucas Berlanza – Jornalista e escritor

Só que o Jânio Quadros não era essa figura maleável e fácil de você conduzir como eles imaginavam. Ele começou com uma política, ao mesmo tempo interna, de condução econômica, até mais ponderada do que a do Juscelino, o que não era muito difícil.

39:10 - Rafael Nogueira – Historiador

Na política externa, Jânio Quadros faz umas coisas que a UDN pensa: O que ele está fazendo?

39:15 - Lucas Berlanza – Jornalista e escritor

Polarização tremenda no mundo, entre a a civilização ocidental, capitalismo americano e o totalitarismo comunista soviético. Nesse clima, você tinha os engraçadinhos que queriam aparecer independentes. Nós não estamos presos a ninguém. Nós somos nós mesmos. Nós somos cheios de nós mesmos.

39:37 - Rafael Nogueira – Historiador

Ele se reaproxima da União Soviética, o vice dele vai para a China e, o pior, ele condecora Che Guevara com a Ordem do Cruzeiro do Sul - uma espécie de premiação republicana.

39:52 – Silvio Grimaldo – Cientista político

Aconteceu o seguinte: eles estavam numa sala e o Jânio Quadros pegou a medalha numa prateleira e colocou no peito do Che Guevara e aquilo foi um presente, porque a comanda, ela tinha que ser dada pelo Estado Maior, por uma decisão das três áreas. Mas o presidente passou por cima daquilo e deu a comanda para o Che Guevara. Bom, isso já causou, então, um desgaste entre o presidente e as forças armadas e depois um desgaste do presidente com os setores que davam apoio, que eram os setores conservadores liberais.

40:25 - Rafael Nogueira – Historiador

Eu não acho o Jânio Quadros comunista, eu acho que o Jânio Quadros, nessa ideia de ser independente, acabava não tendo uma linha diretiva. Como eu explico isso? Tem uma foto no jornal que ele está com um pé para um lado, um pé para o outro, um olho para um lado e o outro olho para o outro e o óculos torto. Aí tá escrito: a orientação de Jânio Quadros, alguma coisa parecida com isso. Então você entende Jânio Quadros por essa foto, cara. Tá olhando para tudo que é lado, tá tentando ir pra todos os lados ao mesmo tempo; vai cair.

40:58 - Narrador

A verdadeira face política de Jânio é exposta quando ele tenta armar uma conspiração que desencadeou os eventos, que mudaram para sempre a história do país.

41:07 - Lucas Berlanza – Jornalista e escritor

Ele não para de falar para o Lacerda, como é que vocês conseguem governar com as Assembléia Legislativa do Estado, eu não consigo governar com esse congresso. Tentando introduzir com Lacerda e cooptar o Lacerda para apoiar um fechamento do congresso, por uma coisa do tipo, um golpe de estado dessa natureza.

41:24 - Silvio Grimaldo – Cientista político

Carlos Lacerda, ele volta ao presidente e ao ministro e faz uma espécie de chantagem. Ou você renuncia, ou eu vou a imprensa e denuncio tudo. O Jânio Quadros pagou pra ver e o Carlos

Lacerda foi a Tribuna da Imprensa, escreveu um texto gigante, praticamente a edição inteira do jornal, contando tudo o que aconteceu: a reunião, o diálogo que se travou.

41:51 - Lucas Berlanza – Jornalista e escritor

E denunciou na televisão: Olha, o presidente está perdendo o juízo, ele tem que parar com isso, sair, largar essa ideia louca dele. Janio Quadro vai lá e renuncia a presidência.

42:03 - Rafael Nogueira – Historiador

Ele percebe que está isolado e, provavelmente, ele quis ser um Charles de Gaulle. Ele quis renunciar para o povo ir às ruas pedir “Volta Jânio”. Ele renunciou, ele achou que o congresso não aceitaria sua renúncia por medida de estabilidade, o congresso aceita sua renúncia no dia seguinte e ninguém vai às ruas. Jânio, então, perde o cargo.

42:24 - Lucas Berlanza – Jornalista e escritor

Aquilo foi o prenúncio do que seria 1964, porque as pessoas começaram a sentir que o sistema político, o voto não ia resolver nada, não ia levar a nada. Ali começa a decair a credibilidade. naquela tentativa de construção democrática que o Brasil vivia entre os anos 40, 50 e 60.

42:47 – Narrador

Com a renúncia de Jânio, quem assumiu foi seu vice, João Goulart. Ministro do trabalho de Vargas, deputado federal e vice de JK. Jango era um varguista de carreira. Apesar de não ser ligado ao pensamento marxista, João Goulart tinha ligações com outras ditaduras populistas latino americanas

43:05 - Lucas Berlanza – Jornalista e escritor

Só quem estuda o período sabe que o poder comunista soviético tinha uma orientação para os comunistas apoiarem quando eles estavam fragilizados. Quando eles não tinham condições de assumir o poder por uma revolta armada, eles tinham orientação para apoiar os governos nacional populista. Por isso que houve apoio comunista na eleição de Juscelino e, obviamente, começou a haver o interesse comunista no governo de João Goulart. Os ministros militares começaram um papo de que havia razões de segurança nacional para evitar que João Goulart assumisse à presidência, que seria um risco à segurança nacional.

43:40 – Narrador

Quando Jânio Quadros renunciou, João Goulart estava na China comunista de Mao Tsé Tung, estreitando o relacionamento entre os dois países. Com o impasse da renúncia no congresso, Jango fez uma série de escalas antes de voltar ao Brasil. Sua última parada, Montevidéu, onde encontrou-se com Tancredo Neves, o líder do governo no congresso.

44:00 – Rafael Nogueira – Historiador

E Tancredo diz pra ele o seguinte: escuta, tá difícil no Brasil, muita resistência, mas a gente achou uma medida para salvar a constituição, na verdade a gente pode deixar a constituição um pouquinho de lado, é para salvar o Brasil. Que conversa é essa? Tancredo diz o seguinte: a gente pode fazer um parlamentarismo, então você é o presidente, mas quem governa é um ministro, primeiro-ministro, alguém colocado nessa posição pelo congresso momentaneamente, porque se você voltar como presidente, vão te perseguir, é melhor você ficar no exílio. E ele diz: pode ser. Agora eu abro um parênteses, o que estava acontecendo no Brasil neste momento? No Rio Grande do Sul, o cunhado do Jango, chamado Leonel Brizola, estava armando toda uma espécie de revolução contra os grupos que queriam impedir a posse do Jango.

45:05 – Percival Puggina – Escritor e jornalista

Isso aí eu assisti. Eu vi a agitação, vi o povo sendo armado, eu vi trincheira montada na frente do Palácio com sacos de areia, eu vi as metralhadoras em cima do Palácio Piratini para defender e aquilo pretendia ser um foco de resistência para permitir a posse do vice-presidente da República que estava vindo para o Brasil. Ele era realmente um orador de boa qualidade, mas empolgado com as teses de esquerda e as sustentava e as afirmava. E o Brasil não as queria e a maioria do congresso não as queria. Então, finalmente, e felizmente, no final do processo todo, acabou prevalecendo a razão. O presidente aceitou a função do parlamentarismo e ele, durante três meses, nomeou três primeiros ministros que tiveram que ser substituídos por que não se afinavam. Representavam uma opinião majoritária que não era a opinião do presidente, então nenhum primeiro-ministro servia para o presidente da república.

46:15 – Rafael Nogueira – Historiador

E aquilo ali logo redundou em um plebiscito e o presidencialismo volta. João Goulart recupera seus poderes.

46:19 – Silvio Grimaldo – Cientista político

Então ele se torna o presidente da república, com vários poderes na mão. E nesse período da década de 60, o Luis Carlos Prestes estava com uma reaproximação com a União Soviética e ele mesmo estava já em contato com Nikita Khrushchev

46:36 – Percival Puggina – Escritor jornalista

E nesses documentos, ele conta como estava sendo feito o trabalho pra que o comunismo assumisse o poder no Brasil. Era o objetivo declarado e expresso, Guerra Fria. E isso se acelerou a partir da chegada ao poder do Jango.

46:55 – Rafael Nogueira – Historiador

Então, a reaproximação com a União Soviética, essa aproximação com a China, era um indicativo de que a esquerda estava se reinventando e essa reinvenção não tinha nada a ver com democracia.

47:07 - Lucas Berlanza – Jornalista e escritor

E começa a política econômica intervencionista, também com o seu caráter desenvolvimentista, elecionista, inflacionária e João Goulart não consegue lidar com o problema que já vinha do Juscelino como eu falei.

47:20 - Hélio Beltrão – presidente do Instituto Mises Brasil

O Jango levou isso a uma potência ainda maior, numa situação de Brasil ainda política mais complicada, mas continuou inflacionando e chegamos a inflação de 100% ao ano, numa situação insustentável também, não só política.

47:41 – Lucas Berlanza – Jornalista e escritor

E as greves começaram. Quando você tem uma crise econômica, é o cenário perfeito para começar as greves. Barulho de sindicalista, do CGT...

47:47 – Rafael Nogueira – Historiador

Até grupos militares sindicalizados. Nós tínhamos, então, uma possibilidade de república sindicalista, que é uma pré-revolução. O pessoal começa a ficar com medo dessa república sindicalista e alguns fatos muito especiais acontecem. Ele favorece greves, ele estimula grupos

a fazer greves, greves para pressionar o congresso. Agora me diz uma coisa, se você é um presidente que promove greves, paralisações nacionais, você, presidente da república, promove paralisações nacionais para pressionar o congresso. Isso é democrático?

48:25 - Lucas Berlanza – Jornalista e escritor

E isso vai seccionando a sociedade de uma tal maneira, absorvendo ainda o clima, a atmosfera da Guerra Fria que o João Goulart conclui que o único caminho que resta a ele é se juntar com a extrema esquerda. Já tem livros que denunciam a presença da KGB aqui naquele período. Você começa a ter guerrilhas sendo treinadas, cubanos. Também tem livros que denunciam, intelectuais que denunciam isso, tem registros disso.

48:50 - Mauro Abranches Kraenski – Pesquisador e autor do livro “1964- o elo perdido”

Isso não é segredo, que existiam brasileiros que foram fazer guerrilha em Cuba. Em nossas pesquisas, nesses documentos, encontramos informações sobre 41, aproximadamente 41 brasileiros que foram a Cuba fazer guerrilha, aproveitando dessa ajuda da STB, que fornecia essa logística no transporte, via Praga.

49:12 – Narrador

Nos primeiros anos da década de 60, houve uma cisão no Partido Comunista Brasileiro. O PCB em aliança com a União Soviética pretendia estabelecer uma luta ideológica contra o capitalismo por meio da propaganda e da ocupação de espaços. O grupo dissidente formou o Partido Comunista do Brasil, seguindo a linha maoista do comunismo, com o compromisso de fazer uma revolução armada para tomar o poder. Contava com militares do exército, camponeses e operários. No nordeste, Francisco Julião, então deputado federal, transformou as ligas camponesas em guerrilhas armadas com o treinamento cubano, sob o lema “Reforma agrária na lei ou na marra”. Mais tarde seria o MST. Os serviços secretos aproveitaram o clima revolucionário e intensificaram suas atividades.

50:00 – Vladimir Petrilák – Autor do livro “1964: o elo perdido”

Enquanto isso, por ordem ou por pedido da KGB, a STB trabalhou, por exemplo, as ligas camponesas com Francisco Julião. Existia expectativa que pudesse surgir uma guerra civil no Brasil. E, para essa casualidade foi organizada uma operação, cujo objetivo era, caso ocorresse essa guerra, que o resultado dessa guerra fosse canalizado para a esquerda. E por esse objetivo foi feito o contato com Leonel Brizola e ele queria armas, mas os tchecos não forneceram. Com esse objetivo foi novamente feito contato através de um brasileiro, um dos generais do exército do sul. E foram feitos ainda alguns contatos, com diferentes políticos locais, justamente para criar diferentes bases ou centros, através dos quais fosse possível, ajudar a controlar a guerra.

51:02 – Mauro Abranches Kraenski – Pesquisador e autor do livro “1964- o elo perdido”

Uma outra grande operação importante, segundo os documentos da STB, foi a operação duzgiba, em português, amizade.

51:14 – Narrador

O resultado dessa operação foram eventos que davam apoio à revolução de Fidel Castro, o Congresso Continental de Solidariedade a Cuba, realizado no ano de 1963 em Niterói, contou com a participação de agentes do serviço secreto da Tchecoslováquia, de Cuba e da KGB.

51:32 – Olavo de Carvalho – filósofo e escritor

A presença soviética, sobretudo através da Tchecoslováquia, era um negócio intensíssimo. Tanto que em 1963, já tinha guerrilhas no Brasil. Dizer que a guerrilha foi uma resposta ao

golpe, não, é ocultar. O golpe foi a resposta às guerrilhas e a presença dessa guerrilha foi confirmada por um documento que foi encontrado com um alto funcionário cubano que estava num acidente aéreo. Ele caiu, o avião dele caiu aqui no Peru, no Peru ou na Bolívia, um lugar desses aí. E os documentos comprovando, então, a interferência cubana no Brasil, ajudando o Julião, as ligas camponesas. Foram parar na mão do João Goulart e o desgraçado em vez de tomar providência, simplesmente devolveu o documento para Fidel Castro. Então, o presidente era obviamente cúmplice, ele estava ajudando um país estrangeiro a fazer uma interferência armada no nosso país. Que respeito merece esse cara? Nenhum, zero.

52:38 - Renor Filho – Pesquisador StB no Brasil

A notícia também de uma grande aproximação com o gabinete, das pessoas mais próximas do João Goulart. João Goulart faz uma viagem à Praga e essa viagem é toda monitorada, é conduzida pelos agentes da STB. Se até então a história dizia que é toda uma teoria da conspiração dizer que não existia a possibilidade nenhuma de volta comunista no Brasil, o livro relata algumas cenas que dão a entender que o Jango era muito próximo de pessoas, que eram agentes da KGB. Isso era grave.

53:16 – Narrador

O governo de João Goulart pregava uma reestruturação da constituição e mudanças drásticas na política agrária, urbana, educacional e tributária. As medidas, que ficaram conhecidas como reformas de base, incluíam a estatização de refinarias, desapropriação de terras, fixação de preços de aluguéis e limitação de remessa de lucros ao exterior. As medidas eram inconstitucionais e o próprio governo já esperava que não fossem aceitas pelo congresso.

53:46 – Silvio Grimaldo – Cientista político

O Jango, então, decidi dar uma cartada realmente autoritária. Ele pede ao congresso a aprovação do estado de sítio.

53:53 – Thomas Giulliano – Historiador

João Goulart vai tentado governar por decretos e essa tentativa de governar por decretos é o que vai ser um momento determinante para que a oposição se manifestasse contrária a ele. E como o Brasil já tinha desde 1889 uma tradição de golpes ou tentativas de golpe, João Goulart era mais um que, de fato, tinha essa intenção. Quer dizer, um clima assustador se cria, porque João Goulart é um presidente fraco, o presidente não consegue solucionar os problemas, então, ele acha que a solução para ele é se juntar com a extrema esquerda, que quer cavalga-lo, que é exatamente como o partido comunista recomendava. Essa era a idéia. Dali poderia sair um novo Estado Novo, um regime populista trabalhista, não propriamente comunista, mas trabalhista populista ou um regime comunista ou uma coisa e depois a outra, porque eles iam cavalga-lo e depois iam tomar o lugar dele.

54:54 – Narrador

No mês de março de 1964, alcançou o ápice da agitação nas ruas, das greves e da crise que o país se encontrava. Junto com Prestes, grupos comunistas e militares insubordinados, João Goulart organizou comícios em todo o Brasil, pressionando o congresso a aprovar as reformas de base. O comício das reformas deixava bem claro quais os verdadeiros planos para o Brasil.

55:17 – Percival Puggina – Escritor e jornalista

O projeto, dito nacionalista, na verdade era um projeto absolutamente estatizante e com total desrespeito a propriedade privada.

55:27 – Lucas Berlanza – Jornalista e escritor

Numa platéia que tinha bandeiras do PCB, que era um partido ilegal na época, os militares ali do lado sem fazer nada, os militares ligados ao Jango, né? O que que Brizola e João Goulart falaram no microfone, que esta constituição e esta democracia que estão aí...O João Goulart falou assim: a democracia que está aí, na verdade é um sistema político para beneficiar os poderosos, as elites, e nós precisamos encampar refinarias, nós precisamos impedir a remessa de lucro, nós precisamos fazer um plebiscito para dissolver o congresso. O Brizola falando isso, era isso que estava se falando, então as pessoas pintam que foi uma injustiça tremenda, porque o discurso era democrático. Balela, mentira.

56:11 – Pervival Puggina – Escritor e Jornalista

Naquela noite, as janelas do Rio de Janeiro tinham todas uma vela acesa, foi um sinal de protesto da população em relação ao que tinha acontecido na Central do Brasil. Era a nação brasileira comunicando que não estava gostando do que estava acontecendo.

56:31 – Narrador

Ao redor de todo o globo, diversos países davam eco a essas manifestações, diziam não ao comunismo. O Brasil também fez parte desse movimento. Os Brasileiros assistiam à radicalização intensa que acontecia no país. Preocupados com a democracia e a soberania nacional, o povo decidiu sair às ruas na maior manifestação pública da história do Brasil: a Primeira Marcha da Família com Deus pela Liberdade reuniu 500 mil pessoas em São Paulo no dia 19 de março. O nome da marcha em seus cartazes deixaram claro o seu adversário, o risco comunista. As manifestações se espalharam por todo o Brasil.

57:11 - Flávio Morgenstern – Escritor

Era gigantesamente maior do que a Coluna Prestes. Teve um milhão e meio de pessoas na época em que o Brasil tinha menos de um terço da população atual. Quer dizer, você imagina hoje uma marcha com 4 ou 5 milhões de pessoas. Ela foi gigantesca, foi um negócio assim, para falar, “olha, nós não queremos comunista, comunista tá fora, Jango, pelo amor de Deus, ninguém quer esse cara. Tem fotografias de jornais de Santos, das pessoas dizendo Santos contra Cuba, Santos contra o comunismo, sério, é esse tipo de cartaz. No Brasil a cor da bandeira é verde-amarela, isso não é novo.

57:48 - Aristóteles Drummond - Jornalista

E eles se reuniram. A rádio Jornal do Brasil, rádio Tupi e a rádio Globo e aí vieram as estações do interior, aderiram a este programa diário, defendendo a democracia e alertando para o golpe que as esquerdas planejavam com o apoio do presidente João Goulart.

58:18 – Fernão Mesquita - Jornalista

O Brasil inteiro estava a favor de 1964. Toda a imprensa, igreja, todo mundo.

58:26 – Reportagem apresentada por Cid Moreira sobre os acontecimentos de março de 1964
E o Brasil sofreu uma de suas piores crises - greve sobre greves, ameaça de guerra civil, caos quase incontrolável, deterioração econômica e financeira, indisciplina invadindo os quartéis, inflação galopante, forçando para o alto praticamente a cada semana os preços de tudo. Foram momentos terríveis. O mundo num de seus melhores períodos de prosperidade e o Brasil uma triste presença entre as exceções. Apontado como o devedor difícil, de chapéu na mão, mendigando apoio. Falava-se em matar, em fuzilar, em destruir. A união de pelegos e comunistas afiadas com as armas. E tudo indica que nos próximos dias ou nas próximas horas, brasileiros se lançariam contra brasileiros, no norte e no nordeste, no sul nas cidades, no

campo, em toda parte. Foi no último instante, quase no momento derradeiro e quando o país estava à beira da guerra civil, quase em pleno caos, alguma coisa aconteceu e as forças armadas, elas próprias mais do que ameaçadas, foram chamadas, praticamente intimadas, a cumprir a missão que o momento as impunha, estabelecendo a ordem e livrando o país dos trapos vermelhos que ameaçavam sufocá-lo.

59:56 – Lucas Berlanza – Jornalista e escritor

31 de março de 1964

O golpe viria, o golpe de esquerda viria. Temos que reagir, temos que derrubar o governo e deflagrou na rebelião militar. As tropas de Minas Gerais saíram e foram em direção a presidência para derrubar o governo. Começou um clima de tensão no país inteiro. Na Guanabara, Castelo Branco liga para Lacerda. Castelo Branco era um militar legalista. Até pouco tempo antes da situação se degradingolar e ele perceber que não ia ter outra saída, ele liga para o Lacerda e fala: Olha, você é um homem importante para o país, você é o líder civil mais importante do país, você precisa sair daí, porque você corre perigo, pode haver uma invasão, o almirante Aragão (havia boatos que o Almirante Aragão ia invadir o Palácio Guanabara), você precisa sair agora, nós cuidamos da sua vida, protegemos a sua vida. Lacerda diz: se o Brigadeiro Eduardo Gomes estivesse aqui, ele faria isso?, não faria. Então vou ficar, eu vou defender o meu palácio, meu governo e o meu Estado. Lacerda se arma, aí tem aquele famoso discurso no rádio: “Almirante Aragão, assassino, covarde, monstruoso, venha que eu te mato com meu revólver. Canalha! Bandido! Traidor! A sua hora chegou. Foge enquanto há tempo! Garanta a impunidade! Bandido! Matador! Mandante de inocentes soldados para matar outros soldados! Para esconder sua desonradez! Canalha! “

1:01:29 – Rafael Nogueira - Historiador

Então, Jango que estava neste momento no Rio de Janeiro, é quando as forças comandadas pelo General Olímpio Mourão Filho vão se aproximando do Rio, ele vai para Brasília, depois ele vai para Porto Alegre. Em Porto Alegre, ele tem um encontro com o Brizola, e o Brizola o teria convidado pra fazer uma tentativa de enfrentamento. Ele já tinha faz tempo, como eu já tinha dito, o terceiro exército junto com ele. E ele ficou com medo, na verdade, ele tinha minoria do exército e ia ter realmente o derramamento de sangue e possivelmente a dele.

1:01:58 – Lucas Berlanza – Jornalista e escritor

La ser uma Guerra Civil, provavelmente creio eu, ele ia perder, mas seria um derramamento de sangue lamentável na história brasileira.

1:02:08 – Silvio Grimaldo – Cientista político

A sociedade estava toda pronta para o pior e os militares tinham a percepção disso, que o país estava a um passo de entrar numa guerra civil. Então, é nesse momento que os militares entram.

1:02:21 – Aristóteles Drummond - Jornalista

A revolução de 1964 foi feita para deter a nossa caminhada para Havana e para Caracas.

1:02:33 – Áudios históricos

Atenção! O senhor Presidente da República deixou a sede do governo, deixou a nação acéfala. Em uma hora gravíssima da vida brasileira, abandonou o governo e esta comunicação faço ao Congresso Nacional. Esta acefalia, esta acefalia configura a necessidade do Congresso nacional, como o poder civil, imediatamente tomar a atitude que lhe cabe nos termos da Constituição Brasileira. Há sob a nossa responsabilidade, a população do Brasil, o povo, a ordem. Assim sendo, declaro vaga a presidência da república!

1:03:54 – Lucas Berlanza – Jornalista e escritor

Só que tem um detalhe: Alvaro de Moura Andrade declarou a vacância do cargo baseado no artigo da construção de 1946 que dizia que o Presidente da República, ausente do país, do país, sem comunicado oficial à sede do governo, se ausenta e aí o presidente o Congresso pode declarar que o presidente está impedido.

1:04:15 – Percival Puggina – Jornalista e escritor

O chefe da Casa Civil mandou uma carta para o Congresso dizendo que o presidente estava em Porto Alegre, estava no exercício das suas funções. Foi lida e não foi acolhida a comunicação de que o país ainda tinha um Presidente da República em território nacional.

1:04:31 – Luiz Ernani Caminha Giorgis – Vice-presidente di Instituto de História e Tradições / RS

Olha só a situação que eles criaram. Ele estava dentro do território nacional. Estava em viagem, mas estava no território nacional. Viajou do Rio para Brasília, e de Brasília para Porto Alegre. Durante o vôo Brasília – Porto Alegre, ele foi exonerado do cargo.

1:04:49 - Lucas Berlanza – Jornalista e escritor

Então, do ponto de vista técnico, houve um golpe parlamentar ali naquela sessão, uma vez que a Constituição não pregava aquilo. Foi a solução que as forças políticas encontraram naquele momento para equacionar o problema. É muito fácil a gente julgar as coisas do ponto de vista de hoje, mas tecnicamente houve um golpe em primeiro de abril.

1:05:11 – Olavo de Carvalho – Filósofo e escritor

O movimento de 1964 não foi um movimento militar. Ele começa com um movimento civil. Os líderes eram, sobretudo, governadores de Estado. Os militares foram entrando de pouquinho na coisa. Só que no final, quer dizer, eles se precipitaram. Aliás, eles nem queriam dar o golpe, foi o Mourão Filho que se precipitou e obrigou os outros generais a entrar depois. Eles estavam tudo quietinho no canto, daí o Mourão Filho que era um doidão, botou os tanques na rua, começou a ir em direção ao Rio de Janeiro, daí todos tiveram que se mobilizar.

1:05:43 - Silvio Grimaldo – Cientista político

Nesse momento é que os militares entram, mas com o apoio de toda sociedade. Com vários movimentos articulados. Movimentos civis que sustentaram, a igreja católica, a OAB, a imprensa inteira, a UDN, os vários sindicatos que se articularam em apoiar o movimento.

1:06:04 – Luiz Ernani Caminha Giorgis – Vice-presidente di Instituto de História e Tradições / RS

João Goulart embarcou num avião e foi para São Borja. Dois dias depois, o Brizola também pegou um avião em Capão da Canoa vestido de brigadiano e foi para São Borja também e daí uns dias mais, eles passaram para o Uruguai.

1:06:19 - Aristóteles Drummond - Jornalista

Não houve a menor reação, porque a revolução já se consolidou naquelas 24 horas.

1:06:24 - Luiz Ernani Caminha Giorgis – Vice-presidente di Instituto de História e Tradições / RS

O Brizola era deputado federal. Por que ele não voltou para Brasília se ele tinha imunidade parlamentar? E o Goulart, por que ele não pegou um avião e não foi para Brasília e chegou lá e “eu tô aqui, ó”. Os dois resolveram fugir.

1:06:38 - Thomas Giulliano – Historiador

Brizola tinha planos de conspirar. Brizola pregava uma ditadura esquerda e instrumentalizava o próprio Jango para isso. Então todos queriam conspirar, a diferença é que a conspiração que foi exitosa, foi a conspiração do exército.

1:06:55 – Percival Puggina – Jornalista e Escritor

Nenhuma resistência, nenhum movimento da esquerda, nem o próprio Partido Trabalhista Brasileiro, que era o partido do presidente, em momento algum, nos anos subseqüentes, pediu a volta do João Goulart. Não houve nenhuma solicitação de restauração. A esquerda queria implantar um outro projeto, que não era o do Jango e nem seria jamais com o Jango ou com alguém como o Jango. Era a bola da vez. Mas não era, nem nunca foi, nunca teve o perfil que a esquerda pretendia para o dia que chegasse ao poder no Brasil. Eles queriam alguém com outro perfil. . Esse cara era o Brizola.

1:07:33 - Rafael Nogueira - Historiador

E nós temos, então, aí o início do chamado, do ponto de vista dos militares, a revolução. E do ponto de vista da historiografia mais recente e das esquerdas, temos o golpe militar.

1:07:46 – Olavo de Carvalho - Filósofo e escritor

Tão logo houve o golpe militar, se espalhou a versão de que o golpe tinha sido obra da CIA. Quem lançou essa teoria foi o jornalista chamado Edmar Morel, no livro “O golpe começou em Washington”. Daí vem uma série infundável de livros, teses universitárias, filmes, programas de tv, assim, um massacre publicitário como nunca houve antes no Brasil. So que tem o seguinte problema: o Ladislav Bitman, ele diz o seguinte, ele disse que foi o escritório dele, da espionagem tcheca, que espalhou essa versão para a mídia brasileira, a qual comprou imediatamente.

1:08:27 - Vladimir Petrilák – Autor do livro “1964: o elo perdido”

É claro, sobre isso já escreveu Ladislav Bittman, desertor da STB, que no ano de 1968, fugiu para os EUA. E lá revelou segredos da STB. E nós encontramos confirmação nos arquivos de Praga.

1:0843 – Olavo de Carvalho - Filósofo e escritor

Não sei se foi nós que inventamos isso, mas nós não conseguimos localizar nenhum agente da CIA no Brasil. Então forjamos uma carta que teria sido enviada pelo chefe do FBI, e não da CIA, J. E. Hoover, ao seu agente no Brasil.

1:09:00 - Vladimir Petrilák – Autor do livro “1964: o elo perdido”

E o objetivo foi justamente comprometer com base em dados não verdadeiros e falsificados, a política externa americana. Assim como acusar os EUA da responsabilidade do golpe militar no Brasil de 1964. Tratavam-se de duas operações, a A. O. Toro e a A. O. Mann.

1:09:20 – Olavo de Carvalho - Filósofo e escritor

Mil vezes eu desafiei essa gente. Se a CIA tramou todo esse negócio, então vocês, por favor, me indiquem o nome de pelo menos um agente da CIA locado no Brasil na época. Nunca apontaram nem um único. Então toda a história da CIA é de ficção do começo ao fim. E isto é

vendido por professores universitários, por professores de história, pessoas que aparentemente se dizem respeitáveis. Eles usam provas, no sentido oposto. Então, está aqui a prova de que eles interferiram. Está lá o telefonema do Lincoln Gordan para o Johnson: presidente, os militares colocaram tanque na rua. O que nós vamos fazer? O presidente responde: faça alguma coisa. Isso já no dia 31, você está entendendo? Então isso, quer dizer, claro que o Lincoln Gordan estava informado que eles estavam fazendo alguma coisa, mas se tivesse participado da preparação do golpe, já estaria agindo antes e não depois. Depois mandaram um porta aviões que naturalmente era para retirar cidadãos americanos que estivessem em perigo, porque não dá para fazer mais nada com o porta-aviões além disso e mandaram um navio com combustível. Sabe a história do combustível como é que foi? Isso aí eu perguntei para o Paulo Henrique Martins que foi governador de São Paulo, foi ministro das Minas. É verdade que os americanos ajudaram no golpe de 64? Ajudaram nada, porque eu fui lá pedir ajuda e eles me negaram. A única coisa que me ofereceram foi um navio de combustível, que não foi dado, nós pagamos, eu paguei o sinal do negócio com o dinheiro que eu pedi emprestado para o meu sogro (Ele tinha um sogro banqueiro.) Pedi ajuda para o meu sogro, eu dei lá o depósito e eles nunca sequer devolveram o dinheiro do depósito. Essa foi a bela ajuda americana.

1;11:21 – Narrador

Declarada a vacância na presidência da república, quem assumiu o cargo foi o presidente da câmara dos deputados Ranieri Mazzilli. Os militares mais uma vez exerciam a função do extinto poder moderador. Para dar continuidade à revolução que começaram, os líderes das três forças armadas formaram uma junta militar.

1:11:37 – Silvio Grimaldo – Cientista político

Não importa o que o congresso decidir, o que o presidente decidir, porque, afinal das contas, tem um órgão superior a todos eles que é esse Supremo a comando da revolução, que são os generais, que no fim das contas é quem manda. E sempre com o discurso de manter a revolução.

1:11:53 – Lucas Berlanza – Escritor e jornalista

Não existe uma força, embora ela não tenha o poder total, ela não exerça o poder total, ela se sente no direito de jogar acima da Constituição. Então você pode falar que há uma meioditadura, uma ditadura abstrata, uma ditadura iminente pairando sobre as regras.

1:12:11 – Narrador

A primeira medida da nova força supra constitucional foi o Ato Institucional número 1, que convocava o congresso para eleger o próximo presidente da república. Com 98% dos votos, os deputados federais elegem Humberto de Alencar Castelo Branco, com amplo apoio da população, da classe política e da imprensa.

“Defenderei e cumprirei com honra e lealdade a constituição do Brasil”

1:12:38 – Rafael Nogueira - Historiador

Castelo Branco era chamado de um dos militares da Sorbonne. Por que esse nome? Na época Sorbonne é o nome de uma grande universidade de Paris e o grupo que esnobava os ligados à Castelo Branco dizia são os intelectuais, o pessoal de Paris.

1:13:02 - Thomas Giulliano – Historiador

Ele foi escolhido de maneira democrática, tanto que recebeu votos do próprio Juscelino Kubitschek e do próprio Ulisses Guimarães. O interesse de homens como o próprio Juscelino Kubitschek, o próprio Lacerda e da própria população brasileira em um certo sentido, era que fosse uma transição e que então Lacerda e Juscelino Kubitschek disputassem nas urnas o próximo presidente do Brasil. Era este jogo que estava basicamente demarcado.

1:13:30 - Silvio Grimaldo – Cientista político

Toda a sociedade entende como um governo legítimo porque foi eleito pelo Congresso.

1:13:35 – Luiz Philippe de Orléans e Bragança – Cientista político

E queria, de fato, que houvesse eleições em um período muito curto, que isso não perdurasse mais como um regime, que era uma intervenção militar, e não a criação de um regime militar.

1:13:49 – Lucas Berlanza – Jornalista e escritor

Vale dizer que o Ato Institucional número 1 já autorizava, por prazo determinado, a cassação dos direitos políticos do chamado (incompreensível). Era o que os revolucionários da época do regime entendiam que era necessário fazer (incompreensível).

1:14:09 – Rafael Nogueira - Historiados

Alguns nomes foram escolhidos justamente para serem retirados do governo e de alguns poderes da burocracia.

1:14:14 - Renor Filho – Pesquisador StB no Brasil

Foi encontrado um documento, um relatório, que foi redigido alguns meses após o 31 de março para o primeiro secretário do Partido dos Socialistas na Tchecoslováquia – a autoridade mais importante do país. Esse documento tinha que ser preciso e ele relatava porque tinha acontecido e como o golpe de 64 prejudicou uma série de relações e a atuação com a rede de agentes. Talvez os próprios militares não conseguiram imediatamente ter idéia do que eles estavam enfrentando. As listas de cassação dos atos institucionais, até que não erraram muito, porque as pessoas ali cassadas, muitas delas, estavam realmente implicadas com relações com o serviço secreto estrangeiro e isso representava um crime e realmente e tinha, como a gente já falou antes, a consequência da perda dos direitos políticos.

1:15:15 – Rafael Nogueira - Historiador

Com Castelo Branco você tem a interpretação de que a intervenção militar não passava de uma intervenção cirúrgica. Temos um problema, esse problema ele é grave, mas ele pode ser resolvido mediante internação, sedação e aí você faz as devidas aberturas do paciente, retira o problema e acabou. Intervenção cirúrgica, ou seja, rápido, eficaz e sai, deixa o paciente na sua independência.

1:15:45 – Narrador

Assim que Castelo Branco cumprisse o mandato de João Goulart, novas eleições diretas deveriam ocorrer em 1965, mas essa idéia não era unânime entre os militares. Diferentes grupos disputavam espaço exercendo pressão no governo recém formado.

“O presidente da república que se considera um legítimo representante da revolução de 1964, 31 de março, vê-se num momento crítico, em que ele tem que tomar uma decisão optativa, ou a revolução continua, ou a revolução se desagrega.”

1:16:28 – Narrador

A ala chamada linha dura, a mais radical entre os militares, se saiu vitoriosa e derrubou essa idéia. O governo de Castelo Branco teve o seu mandato estendido. As eleições previstas foram suspensas e foi decretado o Ato Institucional número 2. Agora a eleição do presidente seria permanentemente feita pelo Congresso e apenas dois partidos poderiam existir no sistema político.

1:16:55 – Lucas Berlanza – Jornalista e escritor

Bipartidarismo, em que você passa a ter a Arena representando o governo e o MDB seria uma oposição consentida. Mas não era uma oposição consentida, que às vezes as pessoas exageram como se os mdbistas não falassem nada contra o governo, fingia que era uma oposição. Eles falavam no parlamento, atacavam no parlamento o governo militar sim. Havia vitalidade nessa oposição.

1:17:19 - Thomas Giulliano – Historiador

Existem documentos, existem vertentes que dizem que núcleos da esquerda estavam dentro do MDB de uma maneira intensa.

1:17:26 – Olavo de Carvalho - Filósofo e escritor

No primeiro momento eles salvaram, eles desmantelaram a revolução comunista. Mas começaram a fazer cagada no dia seguinte. Todo mundo tinha expectativa de que haveria novas eleições em seis meses, ninguém pediu para eles tomarem o poder. Aí fizeram o segundo golpe.

1:17:42 – silvio Grimaldo – Cientista político

Curiosamente quando sai essa decisão de que o mandato vai ser prolongado por mais dois anos e a eleição vai ser indireta, Carlos Lacerda profetiza e diz que se isso acontecer vai se instaurar uma ditadura militar no Brasil que durará 20 anos.

1:18:03 – Narrador

Quando chegou a vez das eleições para governadores e prefeitos, a oposição aos militares conseguiu a vitória em Estados importantes. Percebendo a derrota política, o governo e o comando supremo decide baixar mais um Ato Institucional. O novo ato estendia as eleições indiretas para os governadores estaduais que passaram a ser eleitos por seus respectivos deputados. Os governadores eleitos nomeavam os prefeitos de cada capital. A linha dura do exército avançava cada vez mais no controle das instituições.

1:18:34 - Lucas Berlanza – Jornalista e escritor

Castelo Branco, preocupado com a ascensão da linha dura, quer institucionalizar o quanto ele puder o regime. Já que esse regime não vai acabar comigo, não vou conseguir passar o poder para os civis, já que é assim, então preciso institucionalizar o sistema para que haja limite, para que haja regras. Então já que o sistema político estava em julgamento e a constituição de 46 já tinha sido praticamente rasgada, então vou fazer outra. Ele então baixa o Ato Institucional número 4, que é justamente a convocação da constituinte. Roberto Campos enfatiza na lanterna da popa do livro de memórias dele, que foi uma constituinte mesmo, teve discussão, teve discordância, o pessoal se reuniu e debateu. Então ele consegue baixar essa Constituição que é praticamente o último ato importante do governo do Castelo.

1:19:20 – Narrador

O mandato de Castelo Branco chega ao fim. A corrente política dos soubornistas sai do comando e deixava a vaga para o sucessor adversário. A eleição de Artur da Costa e Silva

marca a primeira vez que a linha dura chega ao poder no Brasil, trazendo uma ideologia responsável por profundas mudanças na política brasileira.

1:19:39 – Lucas Berlanza – Jornalista e escritor

Costa e Silva era essa figura que lá atrás já tinha essa índole autoritária, é uma figura que não se dava bem com Castelo Branco, que tinha intenção muito bem definida de fazer com que o regime rompesse com o modus operandi do governo castelista. Tecnocracia total - os políticos civis eles atrapalham, eles enchem o saco, fazem bagunça, a gente tem que ter técnicos militares no comando técnico para reformar, fazer uma revolução branca.

1:20:08 – Olavo de Carvalho - Filósofo e escritor

É uma herança não reconhecida, tem muita idéia que os milicos aderem, eles não sabem que alguém já positivista, então você fala positivismo e eles falam, não imagina, nunca liguei pra isso. Mas o próprio Augusto Conte, ele dizia que a vida dos vivos é determinada por filósofos mortos, dos quais provavelmente você nunca ouviu falar. Então essa influência positivista acredita na tecnocracia. É um governo que não tem disputa política, não tem luta política, são técnicos que resolvem, técnicos e cientistas que resolvem todos os problemas. E foi assim que os militares tentaram governar: chamava os melhores técnicos de todas as áreas - da economia, minas e energia, transportes - e tomava decisões. A classe política só servia para carimbar o decreto. Então reduziram o Congresso a uma espécie de cartório, estava só para registrar o documento. Acabaram com a política, acabaram com as lideranças.

1:21:06 – Silvio Grimaldo – Cientista político

É uma vanguarda que tem que reconstruir a sociedade para representar a sociedade reconstruída e para isso eles precisam do poder centralizado.

1:21:13 – Narrador

Mesmo antes de 1964, guerrilhas rurais e movimentos armados já existiam e estavam determinados em fazer a revolução. Após o 31 de março, esses grupos passam a adotar métodos hediondos e submetem o Brasil a anos tenebrosos. O terrorismo revolucionário se torna cotidiano: o crime, o medo e o sangue marcam presença na vida dos brasileiros. Assaltos a bancos e estabelecimentos comerciais, explosão de bombas em lugares públicos, fuzilamento e tortura de inocentes. Os revolucionários assassinavam até os próprios colegas que quisessem desistir da luta armada. Os comunistas brasileiros seguiram o exemplo de seus companheiros ideológicos, que em outros países já somavam mais de 50 milhões de assassinatos em nome da revolução. No mês de fevereiro, antes da subida dos militares ao poder, o PC do B enviou brasileiros para a China com o objetivo de aprender as técnicas de guerrilha de Mao Tse Tung. Foram estes cidadãos que voltaram quatro anos depois e formaram a Guerrilha do Araguaia. Preso nessa guerrilha foi José Genuíno. Mesmo exilado, Leonel Brizola fomentava de fora a revolução no Brasil. Segundo seu filho, Fidel Castro entregou um milhão de dólares para seu pai para comprar armamento e munição e entrega-los aos revolucionários no Brasil. Bandidos e terroristas, hoje reverenciados como heróis nacionais seqüestraram, torturaram e assassinaram inocentes em nome de suas ideias. Essa é uma verdade pouco noticiada nos anos seguintes pela imprensa e academia brasileira, que tratou tudo como uma luta contra a ditadura e pela democracia.

“Eu, particularmente, participei e tenho a honra de ter participado do processo de resistência à ditadura” Dilma Roussef

“Eu tenho muito orgulho, além de ser companheiro da Dilma por esse tempo todo, nós formamos uma organização nacional, chamada Vanguarda Armada Revolucionária Palmares.

Nós praticávamos ações de expropriação nacional, vamos dizer, dos bancos, nós íamos buscar dinheiro pra comprar armas, fizemos ações de quartéis também, alguns quartéis para pegar armas” Carlos Araujo, ex-marido de Dilma

“Ninguém no fundo queria democracia estrategicamente, todo mundo queria, na verdade, um socialismo. Buscava-se uma outra ditadura, a ditadura do proletariado” Fernando Gabeira – jornalista, escritor e político.

“Nós não éramos exatamente contra a ditadura, nós eramos contra a ditadura militar burguesa, mas nós éramos a favor da ditadura do proletariado. Isso ninguém diz, mas eu tenho que dizer que faz parte da nossa história.” Vera Magalhães, ex-guerrilheira.

1:23:56 – Narrador

é mentira que de tão repetida tornou-se história.

1:24:04 – William Waak - Jornalista

Mais tarde as narrativas históricas vão ficando cada vez mais deturpadas em relação a esse período, até o ponto de hoje, infelizmente, parecer ponto pacífico que gente como a Dilma, por exemplo, tivesse lutado pela liberdade ou pela democracia e pelos direitos humanos. É uma falsificação histórica.

1:24:22 – narrador

Derrubar o regime era o pretexto utilizado para atrair militantes para a causa principal: instalar a ditadura comunista. Eram dezenas de grupos que com brutalidade e frieza cometiam atrocidades contra o povo brasileiro. Entre os grupos terroristas que tiveram maior destaque neste período sombrio estavam ALN, Colina, MR-8, PC do B, VPR, VAR- Palmares e MRT. Estes grupos eram formados por pessoas que protagonizaram nos anos seguintes a política no Brasil, entre elas está a Dilma Vana Rousseff, que pertenceu aos grupos (incompreensível), Colina, VAR- Palmares e virou presidente do país em 2011. Os grupos que Dilma participou foram responsáveis por diversos atentados, assaltos, seqüestros e assassinatos. Outro nome que protagonizou o terrorismo brasileiro foi Carlos Marighella. Junto com grupos ligados à teologia da libertação foi responsável pela criação do grupo terrorista mais perigoso do país, a Aliança Libertadora Nacional. Autor do livro Mini Manual do Guerrilheiro Urbano, publicado em junho de 1969, Marighella divulga todas as táticas e objetivos dos grupos terroristas que seguiam à risca seus ensinamentos cruéis: matar policiais e membros do exército, preparar bombas, assaltar, seqüestrar, fazer terrorismo e executar colegas que desertassem. No ano de 2013, Marighella foi homenageado em sessão solene no senado federal pelo que chamaram de luta social, assim como filmes exaltando seus feitos foram produzidos pela esquerda que aplaude e comemora a barbárie e a criminalidade.

No dia 4 de setembro de 1969, a ALN de Marighella e o MR8 de Franklin Martins seqüestraram o embaixador americano Charles Elbrick com a exigência de que criminosos presos fossem soltos. Sem opção, militares aceitaram o pedido e liberaram 15 presos, entre eles estava José Dirceu, o personagem que surgiria décadas mais tarde como guru da esquerda e ministro da Casa Civil até ser condenado no maior esquema de corrupção da história do Brasil. O ano de 1966 foi marcado por diversos ataques na capital de Pernambuco. Após sucessivos atentados sem vítimas, no dia 25 de julho daquele ano, uma maleta contendo explosivos foi deixada no saguão do aeroporto de Guararapes, deixando feridos e dois mortos, entre eles o jornalista Edson Régis Carvalho, casado e pai de cinco filhos. Assassinatos como este e outros atentados terroristas aconteceram centenas de vezes nas décadas de 60 e 70. Os nomes dessas pessoas foram apagados da história ao ser ignorada pela imprensa e pela academia. Nada se falou das vítimas que o comunismo fez no Brasil. A história dos inocentes não foi contada. Foram 119 vidas assassinadas em nome da revolução. A maioria não tinha a

ver com a guerra entre militares e terroristas. Há uma divergência sobre o número de mortos e desaparecidos durante o regime militar. 424, segundo os movimentos de esquerda e 362 segundo os militares. O número verdadeiro deve estar em algum lugar no meio dessa diferença. Com o terrorismo comunista cada vez mais crescente, a esquerda radical deu o pretexto para que a população sentisse medo e a linha dura do exército conseguisse expandir seu poder e foi nesse ambiente de guerra que psicopatas, torturadores e criminosos de ambos os lados se valiam para praticar as suas perversidades em nome de uma causa ou de outra.

A tortura contra opositores já era presente na política desde a ditadura de Getúlio Vargas, infelizmente ela não teve o seu fim do regime militar. A guerra travada pelos terroristas expandia as justificativas para repressão por parte do exército. Do outro lado, permitia que o movimento estudantil usasse os mortos em combate para construir a idéia de que a tortura era uma política de estado, fazendo dessa bandeira seu instrumento político e sua publicidade. O exagero fez parte dessa instrumentalização. Algumas pessoas que constam como desaparecidas, na verdade se auto-exilaram ou eram delatores que ganharam uma nova identidade do governo para não serem mortos pelos próprios ex-companheiros de guerrilha. Não é preciso justificar a tortura e ditadura para reconhecer que crimes foram cometidos. Os objetivos das guerrilhas eram claros e a democracia não estava entre eles. A palavra sequer aparece nos livros, discursos e debates da época. O governo de Costa e Silva sofria forte oposição - das manifestações estudantis aos atos terroristas. O governo se via cada vez mais isolado.

1:29:07 - Lucas Berlanza – Jornalista e escritor

Ele reúne o seu ministério para discutir medidas duras e aí apresenta o projeto do Ato Institucional Número 5, que dava ao executivo o poder de acabar com os outros poderes se necessário. Se necessário fechar o congresso, intervir nos magistrados, nos juízes, relativizar o hábeas corpus que é muito perigoso.

1:29:34 – Silvio Grimaldo – Cientista político

A idéia de que o AI-5 quando surgiu para poder combater a guerrilha é fantasiosa, porque dispositivos constitucionais que existiam permitiam o combate à guerrilha.

1:29:48 – William Waak - Jornalista

Eu vi como a Itália, a França e a Alemanha souberam dominar movimentos terroristas sem perder a sua essência democrática. É possível sim. É possível combater o terrorismo militante, covarde e assassino sem que esses países deixem de lado o respeito à lei, à ordem e a democracia.

1:30:07 – Lucas Berlanza – Jornalista e escritor

Haviam manifestações, havia guerrilha, mas a reflexão que fica é: Será que era preciso um AI-5 para combater isso tudo? Será que as manifestações justificam um AI-5? Ter gente na rua para protestar contra o governo, seja de esquerda ou de direita, justifica você fazer um fechamento total do sistema político?

1:30:30 – áudio histórico

“Próximo grande passo da Frente Ampla é começar a luta dentro da lei pela recuperação do direito do povo votar”

1:30:40 - Lucas Berlanza – Jornalista e escritor

O Lacerda é cassado e preso. Faz greve de fome. Falam pra ele que essa greve de fome não daria resultado nenhum, aí ele para, depois ele é solto, mas continua sem seus direitos

políticos. E esse é o fim do Lacerda como político. Ele não vive para ver seus direitos serem retomados, ou seja, começa a tomar forma, de uma maneira mais definitiva e irresgatável, a aniquilação da liderança civil. O regime começa a assumir a cara que a linha dura queria. Um regime tecnocrático, um regime dos militares promovendo desenvolvimento de cima da sociedade, das instituições e da economia. A partir daí não há como tratar essa situação política, tecnicamente falando, de outra forma que não como uma ditadura. Há uma ditadura militar no Brasil a partir de 1969.

1:31:33 – Thomas Giulliano - Historiador

Era para Pedro Leite (confirmar nome / áudio incompreensível) assumir, mas o exército veta, pois entendia que o Brasil estava, de fato, com uma complexidade política bem acentuada. A complexidade era real, mas muito por culpa do próprio exército.

1:31:52 - Lucas Berlanza – Jornalista e escritor

Assume uma junta militar - são três generais, três ministros de diferentes forças. Nós cuidamos aqui do país até ter a eleição de 1969 para eleger o próximo presidente. O MDB percebendo a hegemonia da linha dura, o MDB nem se arrisca, nem se atreve a lançar candidato de oposição. Em protesto eles se abstêm, abandona o parlamento e deixa o presidente eleito como se quiser.

1:32:19 – Rafael Nogueira - Historiador

Quando você chega a Médici, você tem a tentativa de continuar por meio daquilo que o Costa e Silva tinha feito, o nacional desenvolvimentismo. Esses presidentes, lembra que eu tinha dito que um grupo dos militares zombava do outro, esses presidentes, Costa e Silva e Médici, eles eram considerados aqueles da linha dura, mas não podemos entender que eles eram um brucutus, jumentões assumindo o poder. O Médici era aplaudido em qualquer circunstância esportiva onde quer que ele estivesse presente, ele era aplaudido por todos.

1:32:56 - Thomas Giulliano - Historiador

Ele tinha uma presença de palco que era impressionante a começar pelo seu próprio timbre, a voz dele era uma voz impactante

1:33:08 – áudio histórico

“de construir juntos para o bem estar de nossos povos e confiança comum na causa da justiça, do progresso e da paz. É esta a mensagem que trago do povo brasileiro”

1:33:25 – Lucas Berlanza – Jornalista e escritor

Depois disso começa a haver um feitiço kenésiano, uma ilusão kenésiana desenvolvimentista que apoiada nesta base que foi preparada antes, surte efeitos imediatos. A população se sente em um país... realmente a economia se agiganta, se torna uma das maiores economias do mundo e o mundo começa a olhar o Brasil até com o interesse, com curiosidade.

1:33:50 – Hélio Beltrão – presidente do Instituto Mises Brasil

As taxas de crescimento pareciam surreais, superaram 10 % num determinado ano. Se não me engano beiraram 14%. A que se deve isso? O Brasil vinha tomando recursos externos e estava usando todo esse dinheiro e os cruzeiros criados aqui para tentar alavancar ainda mais esse crescimento.

1:34:15 – Rafael Nogueira - Historiador

O governo militar tinha aceitação quase total. Se vocês pesquisarem os vídeos que passavam na TV, que é o grande instrumento de difusão, os vídeos todos, falando a música “pra frente

Brasil”, a copa de 70 foi vencida com Médice no poder e toda essa propaganda unia o governo com as vitórias. Vitórias esportivas, Fittipaldi na fórmula 1.

1:34:41 – Thomas Giulliano - Historiador

Acontece que a população brasileira em que o número de jovens estava crescendo de maneira vertiginosa, progressiva, se expandindo de uma maneira intensa. O que a gente tem? A gente tem um caso de um diálogo que os militares tinham seu ponto de vista, publicidade restrita a um tipo de público. Chico Buarque, Gilberto Gil eles conseguiram dialogar muito melhor com o jovem. Os militares apelaram, em certo sentido, para aquela máxima de Nelson Rodrigues, jovens envelheçam. Acontece que os jovens queriam maio de 68 aqui, eles não queriam envelhecer.

“O maio de 68 impôs o relativismo moral e intelectual a todos nós. Impôs a idéia de que não existia mais qualquer diferença entre bom e mau, verdade e falsidade, beleza e feiura” Nicolas Sarkozy

1:35:30 – Narrador

Na década de 60, a sociedade ocidental passava por uma transformação profunda. Crenças, valores e tradições que se acumularam durante os séculos passaram a ser contestadas. O movimento hip dos Estados Unidos e os acontecimentos de maio de 68 na França são reflexos dessa revolução cultural, que ocorria no ocidente, quando jovens e estudantes protestavam e entravam em confronto com a polícia, exigindo mudanças sociais. Usando a máscara de demandas sociais genuínas como a liberalização sexual, movimento por paz mundial, aborto e a quebra da noção tradicional de família, jovens eram usados como massa de manobra de uma trama que não conseguiam ver. Percebendo que a classe trabalhadora não havia aderido à revolução como Marx havia previsto, o filósofo comunista George Lucas concluiu que o movimento revolucionário não deve se preocupar com a destruição do capitalismo, mas sim das bases da civilização ocidental - a filosofia grega, o direito romano e a religião judaica cristã.

O fundador do partido comunista italiano passa a escrever os cadernos do cárcere, onde relata que a estratégia marxista deve acontecer no meio cultural, destruindo todos os valores, a moral, a religião e a família. Para isso os comunistas devem ocupar espaço e exercer controle dos meios educacionais, das instituições religiosas, dos meios de comunicação, a fim de prevertê-los e criar um novo modo de pensar.

1:36:55 – Andrezej Wojtas - Escritor e redator-chefe

A ideologia esquerdista tomou conta não somente das mentes pelas quais estava direcionada, mas também dos intelectuais, clérigos, professores. Não eram as massas e sim os líderes e professores das nações, aqueles que tem o governo sobre as almas.

1:37:17 - Luiz Felipe Pondé – Filósofo e escritor

A idéia de que você não vai causar uma revolução, mas vai causar uma hegemonia e essa hegemonia você vai acordar um dia sendo comunista, tipo assim. Porque vai haver uma normalização de uma visão de mundo e essa normalização vai causar aquilo que o comunismo teria fracassado no seu primeiro momento através da luta armada.

1:37:40 – Narrador

Tudo isso deveria ser feito de maneira silenciosa para que as pessoas fossem conduzidas à essa hegemonia cultural sem que percebessem, passando a raciocinar nos termos da linguagem socialista sem se dar conta. Se o socialismo econômico falhou, se as ditaduras comunistas

todas acabaram em genocídio, foi na guerra cultural que a esquerda conseguiu seu grande trunfo.

1:38:02 - Flávio Morgenstern – Escritor

Brasil vai virar o país mais gramscista do mundo. Itália e França que são dois países onde o Gramscismo pegou nunca chegaram no nível do gramscismo brasileiro. Qual é a grande questão do gramscismo que ninguém entende disso no Brasil? A melhor forma de você ser um gramscista ortodoxo é nunca tendo ouvido falar em Gramsci. Ele quer hegemonia, ele não quer revolução, ele não quer coturno. Ele não quer uniforme, ele quer uma cultura onde você sempre vai repetir os mesmos termos. Por que hoje toda esquerda fala sempre os mesmos termos – machismo, racismo, homofobia? Isso é gramscismo.

1:38:40 – Olavo de Carvalho - Filósofo e escritor

As idéias de Antonio Gramsci chegaram no Brasil a partir de 1964 e 1965, graças ao Enio Silveira.

1:38:47 - Flávio Morgenstern – Escritor

Nós precisamos montar o movimento sindical, o movimento cultural.

1:38:52 – Olavo de Carvalho - Filósofo e escritor

Quando começa a conversa das guerrilhas, a esquerda se biparte. Não é um conflito, mas uma espécie de divisão de trabalho, onde uma parte pequena foi para a guerrilha, para morrer nas guerrilhas, em serviço muitas vezes. Enquanto outra parte, chefiada pelo Luiz Carlos Prestes, mais ligada ao antigo Partidão, incluindo Enio Silveira que se dedicava a estudar a estratégia de Antonio Gramsci e a aplicá-la. Então aí começa, vamos dizer, a ocupação de espaços na mídia, no show business, em tudo quanto é lugar.

1:39:23 – Lucas Berlanza – Jornalista e escritor

Esse trabalho ele foi se gestando nas universidades, o gramscismo foi se desenvolvendo, Fernando Henrique Cardoso foi um dos primeiros divulgadores do Gramsci no Brasil. Isso foi formando a mentalidade das esquerdas.

1:39:35 – Olavo de Carvalho – Filósofo e escritor

Junto com o Antonio Gramsci veio o negócio da Escola de Frankfurt que ia mais ou menos na mesma direção. Por exemplo, para o pessoal da Escola de Frankfurt, o proletariado não era mais a classe revolucionária, ele podia ser uma das classes revolucionárias, mas não tinha mais um papel preponderante. Então ele admitiu a entrada de novas classes revolucionárias, como os intelectuais, os estudantes, o looper proletariados (prostitutas, drogados, bandidos, etc, bandidagem toda evidentemente)

1:40:08 – Narrador

Aos poucos a nova estratégia revolucionária se infiltrava, através das universidades, especialmente em instituições como a União Nacional dos Estudantes. A cultura popular se disseminava. Inspirados pelos movimentos internacionais, a rebeldia tomou conta da juventude brasileira.

1:40:25 – Thomas Giulliano - Historiador

Nós vamos ter a disseminação de poemas, a disseminação dos festivais, os festivais acontecendo de fato dentro do próprio período. Nós vamos ter a maior quantidade de filmes sendo feitos, nós vamos ter a forma como ser oposição no período militar passará a ser cool.

Então, ou seja, a pessoa entendia, ainda que como um jovem alienado ou um adulto alienado, que comprar aquele material fazia dela um transgressor do próprio regime. Nós vamos ter essa popularidade.

1:40:54 – William Waak - Jornalista

Qual era o grande barato pra quem fazia humanas na USP entre 71 e 74? Tomar batida escondido ali perto da Avenida Rebouças, aí ficava todo mundo bêbado às duas ou três da tarde, ficava falando mal dos milicos, grande barato daquela época.

1:41:11 - Thomas Giulliano - Historiador

Enquanto, por exemplo, Chico Buarque, o próprio Gilberto Gil, Caetano Veloso organizando festivais de alta relevância cultural, sob o ponto de vista de que alcançavam pessoas, tinham protagonismo, começaram a ditar certas regras. O movimento da contracultura no Brasil foi muito forte.

1:41:30 – William Waak - Jornalista

A esquerda festiva era divertida, a maconha, a praia, a farra e tudo mais, é normal isso, muito antes existiu em Woodstock, existiu em 68. Há um movimento anti autoritário, movimento de contestação.

1:41:45 – Narrador

Ao mesmo tempo, a produção cultural nunca foi tão ativa. Durante a década de 70, a mídia, uma vez apoiadora da intervenção militar, agora, aos poucos, ia sendo dominada pela esquerda, através da ocupação de espaços.

1:41:55 – Olavo de Carvalho - Filósofo e escritor

Na (incompreensível) eles dominam tudo. Não havia uma publicação de direita, nada, zero. Claro que havia editoriais de direita, por exemplo, você lia o editorial do Globo, às vezes, o editorial era frequentemente a favor do governo e contra a esquerda, mas só o editorial, naquele espacinho que generosamente a redação dava para o dono do jornal, aqui você pode escrever o que você quiser, no resto mandamos nós. E se você pega nomes como Narcisio Calil, Milton Silveira da Silva que é um cara importante da Revista Realidades, depois foram para mídia alternativa, depois voltaram. Era os mesmos caras, porra. Eles mandavam numa coisa como mandavam na outra.

1:42:40 – Narrador

Em 1974, Ernesto Geisel é eleito pelo Congresso, o que marca o fim do governo de linha dura na presidência, prometendo promover a reabertura após anos de repressão contra a guerrilha terroristas e o endurecimento do regime. Geisel convoca o General Golbery do Couto e Silva para ser figura importante da transição. Ele será o responsável pela teoria que trouxe consequências incalculáveis para a política brasileira. Preocupados com os protestos estudantis e com o descontentamento com o regime, o governo adota uma tática para lidar com as tensões cada vez mais presentes na sociedade.

1:43:15 – Silvio Grimaldo – Cientista político

A idéia do Golbery que ficou famosa é a da panela de pressão, a sociedade estava (incompreensível) e a impressão era que vai estourar a qualquer momento, então era preciso aliviar essa pressão. A pressão que é permitir que dentro da esquerda surja uma esquerda moderada que controle os seus radicais. Então os militares derrotam a guerrilha no campo bélico, da luta armada militar, que é óbvio, é o que os militares realmente sabem fazer. Para

que isso não aconteça de novo eles liberam a esquerda pra ela se articular em vários movimentos comunistas, se articular dentro das instituições. E o que os militares fazem na verdade, eles entregam a universidade nas mão da esquerda.

1:44:06 – Olavo de Carvalho - Filósofo e escritor

Era justamente onde os comunistas estavam se especializando em atuar, porque eles estavam começando a ler Antonio Gramsci.

1:44:13 – Flávio Morgenstern – Escritor

Quando o Geisel e todo aquele momento da ditadura simplesmente esquece a cultura da esquerda, ela vai simplesmente perseguir o terrorismo, ela deixou que a esquerda cultural contasse a história do terrorismo, da perseguição ao terrorismo e nunca mais se vai ouvir uma palavra contra o terrorismo de esquerda no Brasil. Os professores de história, a teoria da panela de pressão do general Golbery vai dizer exatamente isso, ou seja, lá eles precisam falar livremente. O que viraram as universidades brasileiras? Pessoas que falam eu estudei história, sendo que elas estudam historiografia marxista para tudo.

1:44:57 – Olavo de Carvalho - Filósofo e escritor

Eu sempre achei que a ênfase dos militares no combate militar era uma estupidez. Muito mais perigoso era o trabalho que eles estavam fazendo nas universidades, no show business, na mídia, etc. A revolução cultural gramsciana esta sim era o grande perigo. O diretor da principal editora comunista no Brasil, a Editora Civilização Brasileira, que é o Enio Silveira, duas semanas da morte dele, ele me contou que durante todo o regime militar, a editora dele sobreviveu graças à ajuda do governo militar.

1:45:31 – Narrador

O AI-5, promulgado em 1969, estabelecia a censura prévia à imprensa, de obras e peças culturais tidas pelos militares como subversivas ou imorais. Durante sua vigência, diversas peças de teatro, músicas e notícias de jornal foram previamente impedidas de circular nos meios de comunicação e em espaços públicos. Foi durante os governos de Médici e Geisel que o artifício foi mais utilizado.

1:46:00 – Lucas Berlanza – Jornalista e escritor

É óbvio que havia censura no regime militar, mas era uma censura em primeiro lugar muito pouco profissional, se botava um guardinha qualquer de esquina, até senhoras pra fazer censura, não sabiam. Censuravam besteiras, pornografia.

1:46:17 – Olavo de Carvalho - Filósofo e escritor

Eles colocavam um censor para cada redação. Por exemplo, no Estadão, o censor nem entrava na redação, os Mesquitas não deixavam, deixava ele na portaria. E ele, num lapso, de vez em quando ele cortava uma matéria, matéria fica duas ou três semanas proibida, depois quando passava a atualidade da coisa, podia publicar.

1:46:35 - Lucas Berlanza – Jornalista e escritor

Era uma censura que não impedia que o que realmente importava e importou para os destinos do país penetrasse no imaginário da sociedade, se instalasse nas esferas de produção do imaginário, do ideário da cultura.

1:46:49 – Silvio Grimaldo – Cientista político

A repressão, de vez em quando, a polícia entrava na universidade, prendia ali um estudante ou um professor que estava ligado a guerrilha, mas nunca teve um movimento de repressão violenta das universidades, de fechar cursos, proibir publicação de livros, etc. Isso nunca teve.

1:47:07 - Lucas Berlanza – Jornalista e escritor

Tinha gente que de vez em quando era presa, porque fazia alguma confusão, aprontava alguma confusão, depois era liberada. Tinha comunista na universidade na época do regime militar, como hoje, que esta há anos na faculdade, repetindo de ano, só pra ficar pregando porcaria nos estudantes. Isso já existia na época. Então essa ideia do terror da repressão é muito exagerada.

1:47:34 – Bernardo Kuster – Ensaista e Jornalista

Engraçado porque as pessoas falam de regime militar e da ditadura e da censura. Primeira coisa: todas as publicações da teologia da libertação do Brasil foram feitas durante o regime militar, porque ela surge durante os anos 70 fora do Brasil, escorre para todo o Brasil e para as comunidades eclesiais de base durante os anos 70, após AI-5, contaminam um Brasil inteiro e nada acontece, ou seja, que ditadura é essa que todos os livros têm toda uma publicação imensa, todos os livros mais famosos do Boff (Jesus Cristo Libertador), da Igreja Carisma e Poder, os cartas da prisão do Frei Betto viraram best seller no mundo inteiro e no Brasil durante a ditadura militar. Eu digo: que ditadura é essa? Então não há essa censura como se fosse uma censura geral, em que se você estivesse andando na rua e dissesse fora regime militar imediatamente alguém te levava para o porão do DOI, para botar no pau de arara. Que porcaria é essa? Isso não condiz com os relatos históricos.

1:48:32 – Thomas Giulliano - Historiador

Precisamos entender que no Brasil, o Picasso foi censurado, o balé Bolshoi foi censurado, Nelson Rodrigues foi censurado, a revista Playboy foi censurada. Enfim, existia um certo moralismo na terra da pornochanchada. É que nem aquela máxima do nosso já citado, supracitado Carlos Lacerda, você às vezes quer citar Shakespeare na terra da Dercy Gonçalves. O Brasil não é simples, então existia um falso moralismo que a esquerda, a esquerda cultural, soube explorar muito bem. E, de fato, com o crescimento da própria censura e uma censura muitas vezes abjeta, errando o próprio alvo, vide Nelson Rodrigues.

Ainda que o intelectual não fosse de esquerda, como a Raquel de Queiroz por exemplo, ela terá queixas com o período militar. Gilberto Freyre terá queixas, João Camilo de Oliveira Torres no período anterior terá queixas. Gustavo Corção terá queixas. Então por mais que o intelectual ainda tivesse antipatia e fosse de oposição à esquerda, no que envolvia a defesa do período, eles eram bastante receosos em estabelecer.

1:49:46 – Silvio Grimaldo – Cientista político

É que hoje a narrativa é de que os militares eram a direita. O que, no meu entender, é errado. Os militares eram um movimento revolucionário.

1:49:57 – Narrador

O governo Geisel marca o fim do milagre econômico. O primeiro choque do petróleo causou uma crise internacional que atingiu o Brasil frontalmente. Apesar disso, o governo não abandona suas políticas econômicas desenvolvimentista, cria várias estatais e regula o mercado, levando ao aumento da inflação. Ao mesmo tempo, o governo adota uma conduta dúbia, tomando medidas para a abertura do regime, como o fim da censura prévia e extinção do AI-5. Fecha o congresso para a aprovação do pacote de abril que estendeu o mandato do presidente de cinco para seis anos e instaurou os chamados senadores biônicos, que estipulava que um terço dos senadores seriam eleitos de forma indireta.

1:50:42 – Thomas Giulliano - Historiador

Então com a antipatia que já existia, um presidente que assumiu para ser apaziguador mas pregava quase que o fim do próprio sistema, que deu esperança de eleições diretas em um tempo muito prévio, chega a fechar o próprio congresso. Nós temos a morte de Herzog, nós temos vários símbolos que acentuam esse desgaste que já estava sendo, digamos, capitaneado pela inflação que estava em níveis exponenciais.

“Já com a faixa presidencial, o presidente Figueiredo agradece as palavras de seu antecessor e acentua: é meu propósito inabalável fazer deste país uma democracia. As reformas do eminente presidente Ernesto Geisel prosseguirão até que possam expressar-se as muitas facetas da opinião pública brasileira, purificando o processo de influências desfigurantes e comprometedoras de sua representatividade.”

1:51:43 – Lucas Berlanza – Jornalista e escritor

Ele assume a presidência com a missão de acabar com tudo aquilo e de pôr fim ao regime. O regime já estava cansado, a inflação estava lá em cima, o Figueiredo ainda encara outra crise, outro choque do petróleo, quer dizer, é uma situação dramática para o governo organizar as contas. Então Figueiredo também ainda luta com resquício das intenções da linha dura de não deixar o regime se abrir. A gente tem o atentado do Riocentro no governo Figueiredo e muito provavelmente foi coisa da linha dura e não da extrema esquerda. A linha dura querendo segurar o processo, mas Figueiredo fala: eu prometi que vou abrir, vou entregar, farei deste país uma democracia.

1:52:24 – Narrador

Entre as propostas da abertura democrática de João Figueiredo estava a anistia que perdoava os crimes cometidos na guerra civil entre militares e comunistas.

“Espero ver os anistiados integrados na vida nacional”

1:52:38 – Lucas Berlanza – Jornalista e escritor

O que a lei da anistia determinava era que passamos a borracha para todos os lados, para a sociedade poder se pacificar e seguir em frente e depois, aos olhos da história, e não da justiça, as pessoas julgarão os fatos, as circunstâncias, as escolhas difíceis que as pessoas têm que fazer em contextos diferentes, entendendo que o mundo era um mundo diferente. Sem isso haverá injustiça e anacronismo, sem sombra de dúvidas. E voltam lideranças que eram todas de esquerda, o próprio Brizola era uma delas. O Geisel e o Golbery, inclusive, preocupados com a volta iminente do brizolismo, quando houvesse essa anistia, eles até facilitavam a atividade sindical, por exemplo do Lula.

1:53:26 – Thomas Giulliano - Historiador

A greve de trabalhadores organizada, principalmente na região do ABC, nós vamos ter um impacto muito grande, tanto é que nós temos a época da greve. Temos um artigo definido, a greve.

1:53:36 - Lucas Berlanza – Jornalista e escritor

A ponto de se transformarem, casadas com teologia da libertação, com gramscistas explícitos, formarem ali o PT mais à frente. O PT logo seguiu um caminho, como diz as atas do Foro de São Paulo, fazer na América Latina o que não deu certo, o que não funcionou no Leste Europeu.

1:53:59 – Alexandre Borges – Diretor do Instituto Liberal e escritor

Morre o Jango, morre o Lacerda, morre o Juscelino Kubitschek e o Brasil acaba não tendo muitas alternativas de um centro ou de uma direita, de um anti-comunismo mais liberal.

1:54:12 - Lucas Berlanza – Jornalista e escritor

Então Figueiredo ele, ao mesmo tempo, dá conta da anistia, dá conta da liberação dos partidos para uma disputa regulada. Então você tem a Arena se transformando no PDS, o MDB se transforma em PMDB, você tem partidos que vão surgindo - o PP, PDT e o próprio PT. Os partidos vão surgindo tentando representar interesses diversos, mas na verdade muitos deles são bem parecidos. É um prenúncio do que seria o que depois Roberto Campos fala, o multipartidarismo caótico da nova república. Roberto Campos divide a nossa história, a partir do João Goulart, a partir da república de 46, entre um pluripartidarismo inorgânico, que era o sistema na época entre 46 e 64, o bipartidarismo constrangido que é o sistema do regime militar, depois o pluralismo, o pluripartidarismo regulado, que é a disputa regulada, o que acontece no governo Figueiredo e, finalmente, o multi pluripartidário caótico da nova república.

1:55:17 – Silvio Grimaldo – Cientista político

Olha só que curioso: você teve 20 anos de ditadura militar, supostamente repressivo, anticomunistas, etc. Mas quando o regime cai, só existe uma força política organizada, que é o PT. E ele abriga dentro de si aquelas várias correntes revolucionárias radicais que surgiram dentro do regime, que foram esmagadas na guerrilha, o PT começa a absorver isso como tendência e todos os outros partidos que supostamente eram de direita (o PFL, o PP, etc), tudo isso era besteira. Todos partido fisiológicos de políticos que tinham cargos e não tinham nenhuma representação na sociedade, não eram partidos de massa.

“1, 2,3, 4, 5 mil , queremos eleger o presidente do Brasil”

“Diretas já! Diretas já!”

1:56:18 – Thomas Giulliano - Historiador

Elam foram possíveis porque o povo estava sentindo a inflação, se não fosse por isso a camada de classe média brasileira continuaria apoiando o período militar, pois não vão para a rua se o bolso não for afetado. A história brasileira é assim.

1:56:33 – Lucas Berlanza – Jornalista e escritor

E nas manifestações das Diretas Já, se você olhar os vídeos, é claro que tinha gente comum defendendo a eleição direta. Não estou dizendo o contrário, mas se você olhar, você vai ver a bandeira do PT, a bandeira dessa extrema esquerda a rodo nas manifestação das Diretas Já. E os líderes políticos que discursavam eram de todos os tipos. Você tinha Ulysses Guimarães, Tancredo Neves, mas tinha lá o Brizola, o Lula, essa gente toda estava lá. E eles que incorporavam um grupo de entusiasmados com essas vertentes ideológico partidárias e encorpavam aquele processo, aquela pressão por uma abertura. Mas Ulysses Guimarães é a referência do MDB, a referência partidária da luta pelas diretas. Ele ficou conhecido como senhor diretas. As grandes bandeiras que ganham força nesse momento, a constituinte e as eleições diretas para presidente são personificadas na imagem do Ulysses Guimarães.

1:57:24 – Thomas Giulliano - Historiador

Primeiro, o movimento das Diretas Já foi ineficaz do ponto de vista de ação efetiva no ambiente político. Ele foi eficaz enquanto símbolo.

1:57:35 – Olavo de Carvalho - Filósofo e escritor

Os militares entregaram. Eles simplesmente entregaram, porque não sabiam mais o que fazer. Ninguém tirou eles de lá, eles se tiraram. Eles estavam loucos para ir para a casa.

1:57:44 – Lucas Berlanza – Jornalista e escritor

Eles colocam o Maluf de candidato, quer dizer, um civil. O próprio regime, as forças que compunham aquele momento, o regime nos seus (incompreensível), elas já colocavam um civil para concorrer. Então a história já estava liquidada, a fatura estava liquidada e o adversário era o Tancredo Neves, que era uma referência também do MDB, uma figura política que tinha muito tempo de estrada, que trabalhou com Getúlio, foi ministro do Getúlio, foi primeiro-ministro no parlamentarismo efêmero lá de 1961 que nos contamos no começo da história.

1:58:18 – narrador

O parlamento opta por uma transição gradual, elegendo Tancredo Neves ainda de forma indireta. Já faziam 21 anos que um civil não assumia a presidência da república.

21 de abril de 1985: “ O senhor Presidente da República Tancredo de Almeida Neves faleceu esta noite no Instituto do Coração às 10 horas e 23 minutos.”

1:58:53 – Lucas Berlanza – Jornalista e escritor

Mas olhando pra trás, avaliando o conjunto, nós pensamos, questione-se como se queira os caminhos que elas escolheram, os meandros, as especificidades desse caminho, tomaram decisões difíceis, precisam ser julgadas levando isso em conta, levando a dificuldade da decisão em conta, a dificuldade do cenário em conta, levando em conta que havia uma disputa de civilizações no mundo em jogo, de ideário de civilização em jogo. E, ao mesmo tempo, quantas oportunidades foram perdidas ao longo desse período.

1:59:26 – Thomas Giulliano - Historiador

Os militares, ao invés de terem sido o poder moderador, que acabaram sendo desde 1889, buscaram eles mesmos ser o poder executivo e o poder moderador; cometeram equívocos na leitura estratégica de como atuar no ambiente cultural; ignoraram as orientações de intelectuais que em um certo momento apoiaram o próprio período; banalizaram a oposição política genuinamente democrática que existia pré década de 60; se equivocam, de fato, de uma maneira bem objetiva, mantendo um aparelho de estado que vem desde o período Vargas; amplia, um raio de ação de um governo como o governo Vargas que foi autoritário na sua essência. Esta estrutura não termina com o fim do período militar. Então as pessoas não adquiriram uma democracia plena, elas acabaram adquirindo uma escolha para o cabresto. Ela faz com que uma pessoa ao assumir o governo, ela tenha como aparelhar por estatais, por nomeações de cargos de confiança, por outros membros de partido, uma ferramenta de estado enorme. Então o exército aparelha o Estado e entrega um estado aparelhado para os seus sucessores que tinham, evidentemente, uma oposição tenaz ao que experienciaram antes. Aí você recebe de volta Brizola, Darcy Ribeiro, Paulo Freire, Fernando Henrique Cardoso, todos com teorias e, mais do que isso, com uma base empírica que fez deles ícones.

2:01:10 – Narrador

As mudanças prometidas pela classe política exigiam uma sétima constituição para o Brasil que não só garantisse eleições diretas para presidente, mas trouxessem todos os valores defendidos por aqueles que queriam fundar o mito de uma nova república. Com a lei da anistia e a revolução cultural nas universidades, os ex-guerrilheiros intelectuais de esquerda, os

antigos políticos assumiram o papel de botar em pauta a nova constituinte. Com o total desgaste das lideranças conservadoras e liberais, apenas um lado protagonizou o debate e a redação que dava forma o novo estado do Brasil. O entusiasmo de colocar as propostas dos movimentos sindicais e da militância organizada de novos partidos como PT, PDT e MDB deu causa a escrita da segunda maior constituição do mundo. Propostas que colocaram o Brasil à beira de uma guerra civil, que provocaram uma intervenção militar, voltaram como regras de Estado. As antigas reformas de base de João Goulart, a relativização da propriedade privada e o Estado que garantia tudo tornaram-se cláusulas pétreas na vida de todos os Brasileiros.

2:02:25 - Lucas Berlanza – Jornalista e escritor

Era ela, era aquele texto, aquela carta, aquele documento existindo e determinando benefícios, direitos, vantagens.

2:02:34 - Aristóteles Drummond - Jornalista

É o que amarra o Brasil. Roberto Campos disse que quando viu o impresso na gráfica do Congresso, a Constituição, e foram entregar a ele, ele disse: mas ainda tem lista telefônica?

2:02:47 – Hélio Beltrão - presidente do Instituto Mises Brasil

Porque quando você promete gratuidade para todos, o que você vai conseguir entregar é mediocridade para todos.

2:02:56 – Percival Puggina – Jornalista e escritor

De um lado, construir a várias mãos a versão que lhe convém. Num outro lugar, manter viva a chama de momentos em relação aos quais os partidos de esquerda no Brasil conservam todos uma certa nostalgia.

2:03:18 – Rafael Nogueira - Historiador

Essa nova república no fundo é uma farsa. É uma burocracia tremenda e o povo tá fora. Então, você tem essa burocracia tremenda querendo se proteger e para se proteger eles precisam proteger o que? O mito fundador da nova república. Eles precisam insistir na tese de que esta nova república foi fundada para o cidadão e contra um ditador e qualquer pessoa que os contrariem é ditador.

2:03:46 – Thomas Giulliano - Historiador

Partidos como PC do B que tem na sua essência o maoísmo, que democracia é essa em que você debate com um maoísta?

2:03:54 – Olavo de Carvalho - Filósofo e escritor

Eu nunca vi eles terem um sentimento humano com as pessoas que eles mataram. Quando tem, o sujeito abandona, como o Gabeira, por exemplo. O Gabeira se tocou e falou: o que nós estamos fazendo, porra?

2:04:06 - Leszek Pawlikowicz - Historiador e escritor

Então, se a história deve ser a professora da vida deve ser baseada na verdade, independente se ela é bem vista ou mal vista

2:04:24 – Narrador

Que fim teve a Guerra Fria? Se fizemos parte dessa guerra, se impedirmos uma revolução foi com a ajuda do quarto poder do Brasil, o exército. Por 21 anos essa justificativa manteve o poder na mão dos militares e foi berço de novas consequências. A revolução se transmutou

das armas para os livros, transformou um lado da guerra em martir, fez da história, propaganda, panfletou nas escolas, na mídia, nas universidades. Formou a nova geração brasileira. Essa geração foi trabalhar nos meios de comunicação, nas editoras e na educação do Brasil. A hegemonia quase apagou o passado e perpetuou uma narrativa, um lado da guerra foi o herói e o outro opressor. O que fizeram os heróis?

(imagens do mensalão do PT, de celebridades como Gregorio Devivier, Chico Buarque, e Paulo Cardoso, Paulo Freire, Hadad, Dilma, Lula, Dirceu, Genuino, manchetes das indenizações aprovadas na comissão de anistia, de Lula preso, do impeachment de Dilma, entre outras)

“Num tempo de engano universal, dizer a verdade é um ato revolucionário” George Orwell

Créditos finais

Entrevistados (por ordem de aparição)

Percival Puggina – Escritor e jornalista

Fernão Mesquita - Jornalista

Flávio Morgenstern – Escritor

Hélio Beltrão – presidente do Instituto Mises Brasil

Vladimir Petrilák – Autor do livro “1964: o elo perdido”

Rafael Nogueira – Historiador

William Waack - Jornalista

Renor Filho – Pesquisador StB no Brasil

Petr Blazek – Historiador Ph. D.

Luiz Felipe Pondé – Filósofo e escritor

Andrezej Wojtas - Escritor e redator-chefe

Leszek Pawlikowicz - - Historiador e escritor

Laudelino Lima – Administrador do site “A Verdade Sufocada”

Mauro Abranches Kraenski – Pesquisador e autor do livro “1964- o elo perdido”

Olavo de Carvalho - Filósofo e escritor

Svetlana Ptacnikova – Diretora do Arquivo de Serviço de Segurança de Praga Alexandre

Borges – Diretor do Instituto Liberal e escritor

Lucas Berlanza – Jornalista e escritor

Silvio Grimaldo – cientista político

Thomas Giulliano – Historiador

Aristóteles Drumond - Jornalista

Luiz Ernani Caminha Giorgis - Giorgis – Vice-presidente di Instituto de História e Tradições / RS

Luiz Philippe de Orleans e Bragança – Cientista político

Bernardo Kuster – Ensaista e Jornalista

Direção

Filipe Valerim

Lucas Ferrugem

Roteiro
Henrique Zingano
Lucas ferrugem

Produção
Henrique Zincano

Pesquisa
Carlos Quinto
Henrique Zingano
Stevão Limana